

VOL. VIII

OUT. A DEZEMBRO DE 1903 N.º 10 A 12

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PRÆHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRESSA NACIONAL
1903

SUMMARIO

- ARCHEOLOGIA DE TRÁS-OS-MONTES: 239.
MOSAICOS ROMANOS DE PORTUGAL: 243.
A PROPOSITO DE UM PROJECTO PARA EMISSÃO DE MOEDA DE PRATA: 245.
ARCHEOLOGIA DO DISTRICTO DE BRAGANÇA: 250.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 255.
LEGENDA ENIGMATICA: 258.
ESTUDOS DE NUMISMATICA COLONIAL PORTUGUESA: 260.
ESTAÇÕES PREHISTORICAS DOS ARREDORES DE SETUBAL: 260.
HERALDICA MUNICIPAL: 275.
ONOMASTICO MEDIEVAL PORTUGUÊS: 278.
ARCHEOLOGIA BRACARAUGUSTANA: 296.
ESTATUETA ITHYPHALICA: 300.
NOTICIAS VÁRIAS: 305.
BIBLIOGRAPHIA: 317.

Este fascículo vae illustrado com 34 estampas.



R. 190

O ARCHEOLOGO
PORTUGUÊS



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PAUL T. BAKER

Sortelha: 269.
 Soutello (Minho): 269.
 Soutello (Três-os-Montes): 271.
 Susões: 271.
 Tabacô: 272.
 Taboado: 272.
 Tancos: 319.
 Tangil: 319.
 Tarouca: 320.
 Tarroso: 320.
 Tavira: 320.
 Tojal: 272.

METALLURGIA:

Antigos exemplares portugueses provenientes da Guiné: 59.
 Sino de bronze no Congo, do século XVIII: 62.

MINAS:

Nas proximidades de Leiria: 315.
 Vestígios d'ellas em Rio Tinto: 31.
 Id. em Roriz: 75.
 Em S. Francisco da Serra (Alentejo): 238.
 Id. em S. Romão: 74.
 Id. em Sanfins: 126.
 Em Tancos: 319.

MOEDAS:

Vid. *Nomismatica*.

MÓS:

Mós de mão: 71 (Alto do Carrocelo); 101 (Cerro de Penhas Juntas).

MOSAICOS:

Romanos em Penella: 60.
 Mosaico romano de Alcoça: 146 e 284.
 Mosaicos romanos de Portugal: 312 (mosaico do Arnal).
 Id. de Tralhariz: 148.

MOUROS:

Vid. *Lezírias, Ruínas, Torre, Antas, Casa, Castello, Castros, Estrada, Grutas, Insculpturas, Fozes, etc.*

MURALHAS:

Sentença acérea da reparação das muralhas de Mertola, século XV: 183.
 Restos de muralhas ou eóreas: 270.
 Vid. *Ruínas, Castros, Castellos*.

MUSEUS:

A) Aquisições do Museu Ethnologico Português: 23, 80, 100, 121, 134, 147, 157, 175, 192, 274.

B) Outros museus ou collecções:

- Museus ou collecções em Portugal: 18.
 Museu de Setúbal: 18 e 19.
 Museu do Arsenal do Exército: 26.
 Museu de Bragança: 54, 273, 274.
 Museu Municipal da Figueira: 99.
 Id. do Porto: 118.
 Museu de Santarém: 128.
 Collecção de Estácio da Veiga: 157.
 Museu de Beja: 243.
 Museu da Sociedade Martins Sarmento: 266 e 274.
 Collecção do Rev. José Augusto Tavares: 274.
 Museu de Évora: 283.
 Museu de Moncorvo: 283.

C) Museus estrangeiros:

- Museu de Leiden: 148.
 Museu Britannico?: 155.

NECROPOLE:

- Algarvias da Baralha e do Serro de Bartolomeu Dias, da idade do cobre: 99.
 Necropole romana no concelho de Santa Martha: 154.
Vid. Sepulturas, Prehistoria, Sociedades archeologicas.

NOMES:**A) De pessoas em inscrições lusitano-romanas:**

- Agatus: 246.
 Allia Reburina: 11.
 Celtus: 171.
 Cogitata: 242.
 C. Sulpicius Pelius: 171.
 Cuna: 171.
 Doquirus ou Doquiricus: 241.
 Firmilius Peregrinus: 242.
 Florica: 246.
 Fundanus: 80.
 Herennius Priscus: 245.
 Julia Cleopatra: 245.
 Julia Crysia: 247.
 Julia Laeta: 80.
 Marcus: 12.
 P. Oriello: 246.
 Q. Cassius Vettianus: 244.
 Q. Martio: 12.
 Quintus: 241.
 Terencia Canira: 241.
 Terencia Maxima: 241.

B) De imperadores romanos:

- Augusto: 168.
- Constancio ou Constante II: 152.
- Constantino: 154.
- Trajano: 13 e 55.

C) De divindades:**• Em epigraphes:**

- Aesclepius: 12.
- Hygia: 12.

Em referencias:

- Baccho: 319.
- Orpheu: 317.

D) De pessoas em inscrições latino-medievicas:

- Ordonius: 84.
- Simplicius: 144.

E) De marca de oleiro:

- T. CARR: 283.

F) Geographicos (authenticos ou suppostos):**Da Iberia:**

- Aravor: 13.
- Brigantia: 14.
- Britonia: 78.
- Caesaraugusta: 170.
- Callipolis: 5.
- Celsa: 169.
- Clunia: 171.
- Collipo: 147.
- Collipo: 314.
- Emporiae: 166.
- Equabona: 310.
- Eufrasia: 125.
- Iberia: 167.
- Iergetes: 167 (povos).
- Indigetes: 166 (id.).
- Medobriga: 191.
- Salacia: 172.
- Salduba: 170.

De fora da Iberia:

- Mycenas: 131.

G) De archeologos estrangeiros a proposito de antiguidades nacionaes:

- Héron de Villefosse: 284.
- John Martin: 319.

Julio Meili: 143 e 248.

Salomon Reinach: 243.

H) Em marco de pedra:

Barca: 17.

Vid. Autores e Bibliographias.

NUMISMATICA:

A) Moedas ibéricas:

Bibliographia, grupos, leitura ou interpretação: 165.

B) Moedas romanas:

Imperatorias:

Augusto: 168.

Constancio ou Constante: 152.

Constantino: 154.

De Trajano: 55.

Indeterminadas:

Romanas (e goticas): 14, 32, 55, 67, 71, 126, 146, 152, 154, 161, 175 e 269.

C) Moedas portuguesas (numismatica continental e ultramarina):

O direito do bulhão no Porto: 33.

Observações de Damão de Goes sobre a quebra da moeda: 33.

Machina de fazer moeda: 35.

Moedeiros na India: 37.

Apparecimento de moedas portuguesas: 61.

Bazaruco do seculo XVI: 67.

Officinas monetarias de Damão nos seculos XVII e XVIII: 107.

Leilão de moedas e medalhas e catalogo do Museu Municipal do Porto: 118.

Uma falsificação monetaria: 172.

Os patações de Goa: 210.

Moeda de ouro rara de D. Affonso VI: 234.

Moedas portuguesas de ouro carimbadas ou cravejadas na India e Brazil: 248.

Contos para contar: 289.

D) Moedas não classificadas:

Moedas antigas de ouro e prata: 311.

E) Factos concernentes:

Aula de Numismatica em Lisboa; assuntos de que se tem occupado em 1897-1899; ensino da Numismatica no estrangeiro; sociedades; revistas; commercio; moedas ibéricas: 161.

Vid. Bibliographia, Extractos.

OLARIA:

Vid. *Cerâmico, Nomes, etc.*

OURO:

Objecto pre-romano de ouro proveniente do Algarve: 100.

Xorca de ouro: 155.

Vid. *Sociedades archeologicas, Numismatica e Minas.*

PEDRA:

Pedras espetadas que parecem servir de defesa strategica em estação antiga: 101.

Chamada *Pena cobertoura*: 124.

Pedras chamadas *massarculabas*, cuja raspa cura dos calculos urina-
rios: 190.

Pedra que obtura um olho de agua: 267.

Raspas ou fragmentos de imagem milagrosa de pedra: 272.

Vid. *Insculpturas, Graes, Machados.*

PÊGADAS:

Vid. *Insculpturas.*

PESOS:

De pedra e de barro: 71.

PHENICIOS:

Vid. *Numismatica.*

PIAS:

Vid. *Insculpturas.*

PONTE:

De cantaria em Rolica: 32.

Construção de uma em Rendide (Torres Vedras): 182 (seculo XIII).

Reconstrução da ponte do Prado: 270.

PREHISTORIA:

Objectos prehistoricos em antas: 77.

Graes de pedra, concha sonora: 99.

O neolithico na Figueira: 99.

Sepulturas prehistoricas de Cintra: 129.

A xorca de ouro de Cintra: 155.

Abundancia de machados de pedra em Carrazeda, Moncorvo e Freixo:
274.

Estações prehistoricas dos arredores de Setubal: 275 (homem terci-
rio, quaternario paleolithico, prehistorico actual).

Vid. *especies occorrentes como Anta, Gruta, Machado, Casa, Ins-
culptura, Sociedades archeologicas, etc.*

PROTECÇÃO Á ARCHEOLOGIA:

- Dotação votada por uma sociedade franceza para explorações: 22.
Appello do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais ao Governo
sobre a Citania de Roriz: 22.
Dadiva do Sr. Visconde da Amorreira da Torre: 100.
Vid. *Sociedades archeologicas, Museu e Extractos.*

PROTOHISTORIA:

- Vid. *Ouro, Castros, Citania, Sociedades archeologicas, etc.*

RECTIFICAÇÕES: 273 e 320.**RELIGIÕES:**

- Carrasco venerado: 72.
Reliquias depositadas no seculo xiii.
Vid. *Ethnographia, Lendas.*

REPRESENTAÇÕES:

- De varios cidadãos á Camara de Setubal para a crecção de um Museu:
14: 19.
Vid. *Museu e Extractos.*

REVISTAS:

- Vid. *Bibliographia.*

RIOS:

- Ave: 28.
Cavado: 13 e 189.
Neiva: 189.
Tavora: 30 e 268.
Toponymia em que este titulo entre como componente, vid. *Memo-
rias Parochiaes.*

RUINAS:

- De cidade: 75 (Romão).
De cercos de mouros: 76 (Roriz).
De casas e muralhas: 101 (cerro de Penhas Juntas).
De construcções e muralhas: 221 (Evora).
De fortaleza: 238.
De convento: 269 e 270.
De um paço com brasões: 271.
De paredes do tempo dos mouros: 271.
Vid. *Castello, Architectura, Archeologia, Torre e Fortaleza.*

SÊLLO:

- Questão sobre o uso de um sêllo conventual: 181.

SENTENÇAS:

- De Fr. Amador Arraiz: 189, 266, 308 e 143.

VOLUME VII

I—INDICE DAS MATERIAS

ACQUIZIÇÕES:

Vid. *Museus*.

ADORNOS:

Contas de pedra: 71.

Adornos varios de cobre, de Troia: 179.

Xorca de ouro: 155.

Vid. *Prehistoria e Sociedades archeologicas*.

ALFAIAS:

Vid. *Inventario*.

ALPHABETO:

Vid. *Epigraphia, Numismatica*.

ALTAR:

Que talvez seja anta: 238.

Anta que servia de ara: 270.

Vid. *Anta, Inventario*.

ANTAS:

Em Alcalar: 96.

Em Arcos de Valdevez: 199 (na serra de Soajo, 40 antas).

No Barrocal, concelho de Evora: 218.

Em Ruivos (Beira): 76.

Em Sanhoane (Trás-os-Montes): 126.

Em Soutello (Minho): 270.

Em Trás-os-Montes: 9 e 10.

Em Villariabo (Carraxeda de Anciães): 273.

Em Zedes (Carraxeda de Anciães): 273.

Vid. *Altar, Prehistoria e Lendas*.

ANTIGUIDADES LOCAES:

A) Alentejo:

- Alandroal: 261 (inventário da Ordem de Avis).
 Avis: 227 e 228.
 Barrosas: 175 (estação romana junto a Serpa).
 Beja: 192 (objectos romanos de vidro), 243 (antiguidades romanas),
 306 (inventário da Ordem de Avis).
 Borba: 227 (id.).
 Évora: 218 (autas do Barrocal). *Vid.* Tourega.
 Fronteira: 231 (inventário da Ordem de Avis).
 Juromenha: 263 (id.).
 Messecjana: 238 (castello).
 Mertola: 67 (moedas romanas), 100 (estatuas luso-romanas), 144 (ins-
 crição christã), 183 (murallas, sua reparação, século xv).
 Moura: 261 (inventário da Ordem de Avis).
 Noular: 261 (id.).
 Rio de Moínhos: 31 (inscripção portuguesa).
 S. Bartolomeu da Serra: 238 (denominação geographica).
 S. Romão: 74 (minas).
 S. Francisco da Serra: 238 (mina).
 S. Simão da Serra: 239 (gruta).
 Seda: 190 (castello, etymologia).
 Serpa: 175 (lucerna romana), 238 (inscripção romana), 259 (inventário
 da Ordem de Avis). *Vid.* Barrosas.
 Sines: 268 (sepultura de S. Torpes).
 Souzel: 307 (inventário da Ordem de Avis).
 Tourega-Evora: 221 (ruínas romanas).
 Valle de Messecjana: 55 (machado de pedra).
 Veiros: 232 (inventário da Ordem de Avis).

B) Algarve:

- Alcalar: 96 (dolmen de cúpula, graes de tatuagem, concha sonora).
 Baralha e Serro de Bartolomeu Dias: 99 (necropole da idade do cobre).
 Cacella: 119 (candeia arabe).
 Silves: 120 e 123 (id.).
 Sítio indeterminado: 100 (objecto prehistorico de ouro).
 Tavira: 320 (privilegio).
 Valle do Marinho: 98 (lagar luso-romano).

C) Beira:

- Bobadella: 56 (arco romano).
 Dornes: 161 (moedas romanas).
 Figueira da Foz: 98 (ethnographia, architectura).
 Idanha: 161 (moedas romanas).
 Macieira de Cambra: 54 (crasto).

- Marialva: 13 (inscripção).
 Mourisca: 61 (moedas portuguezas).
 Penella: 59 (mosaicos, etc.).
 Riodades: 30 (etymologia).
 Ruivos: 76 (antas).
 Sameiro: 123 (fonte e estrada, pia, machado, estrada e corredor dos mouros).
 Santa Olia: 98 (castro).
 S. Vicente da Beira: 305 (inventario da Ordem de Avis).
 Satam: 312 (Convento de S.^a Eufemia).
 Segadães: 191 (cidade de Vaca).
 Seixas: 191 (ethnographia).
 Sernache dos Alhos: 237 (lenda).
 Sernancelhe: 238 (forte).
 Sindim: 267 (reliquia milagrosa, castello).
 Sortelha: 269 (fabrics de saragoça).
 Tarouca: 320 (castello).
 Tavadre: 98 (castro).

D) Entre-Douro-e-Minho:

- Arcos-de-Valdovex: 81 (inscripção medieval), 193 (antas da serra de Soajo, alto do Mezio, Chã das Arcas).
 Braga: 12 (inscripção romana), 13 (Bracara Augusta).
 Caminha: 103 (machado de duplo anel).
 Convento de Oliveira: 181.
 Eiriz (Paços de Ferreira): 265 (vasilha antiga).
 Ermello (S.^a Maria): 83 (igreja romanica).
 Marco de Canavezes: 284 (balneario romano).
 Monção: 285 (castello da moura).
 Ribeirão: 28 (engenho de pesca).
 Rio Caldo: 28 (pedra com insculpturas).
 Rio Covo: 29 (sarcophago).
 Rio Frio: 30 (torre em ruinas).
 Rio de Gallinhas: 30 (ponte natural e lendaria).
 Rio Tinto: 31 (minas).
 Rios: 32 (torre antiga).
 Romão: 75 (ruinas).
 Romarigães: 75 (ruinas de castello).
 Roxo de Paços de Ferreira: 22 (citania).
 São: 75 (campas com brasões).
 Sando: 124 (pena cobertoura; ermida com lenda; sepulturas, citania).
 Saudim: 125 (Eufrosia, torre).
 S. Romão da Neiva: 74 (castello antigo).
 S. Tiago de Lanhoso: 128 (castello, inscripções).
 S.^a Maria de São: 75 (vestigios de uma pretendida Britonia).
 Sapardos: 190 (cidade).
 Silva: 239 e 240 (castello, cova da Moura; calix miraculoso).
 Silveiros: 240 (Sitaina e campo do Ouro).

- Sobrado: 268 (memoria).
 Sobre-Tamega: 269 (balneario).
 Soutello: 269 (ruínas, cidade, villa desaparecida, anta).
 Taboão: 272 (reliquias do seculo xiii).
 Taboado: 272 (torres).
 Tangil: 319 (crastello).
 Tarroso: 320 (monte da cidade).
 Valle (S. Pedro de Arcos ou S.^a Maria): 83 (antigo cenobio e necropole).

E) Estremadura:

- Alcantara: 61 (moedas portuguezas).
 Alcanede: 225 (inventario da Ordem de Avis).
 Alcobaca: 146 (mosaico em Povo de Cós), 284 (id.), 180 nota (restos de um templo).
 Alemquer (casal dos Bugarcos): 156.
 Alferraz (Setubal): 146 (achados romanos).
 Almeirim: 80 (inscripção tumular).
 Arnal (Leiria): 313 (mosaico romano e minas).
 Azeitão (S. Simão): 277 (pedra que obtura olho de agua).
 Benavente: 226 (inventario da Ordem de Avis).
 Bucellas: 55 (moedas romanas).
 Casevel: 59 (palacio incendiado).
 Cintra (S. Martinho): 129 (sepulturas prehistoricas), 155 (xorca de ouro).
 Coima: 310 (noticias chorographicas).
 Leiria: 147 (vestigios romanos). Vid. Arnal.
 Lisboa: 228 (inventario da Ordem de Avis), 63 (Povo dos Mouros), 64 e 65 (Recolhimento do Rego), freguesia dos Anjos: 311 (cemiterio).
 Porto-de-Mós: 147 (vestigios romanos), 161 (moedas romanas), 171 (inscripção romana).
 Rendide (Alcobaca): 182 (ponte).
 Ribeira de Olival: 27 (inscripção).
 Rio de Couros: 29 (lenda de um caixão de pedra).
 Rolica: 32 (ruínas e moedas romanas).
 Rana: 78 (inscripções e restos de construcções).
 Salvaterra de Magos: 103 (machado chato de bronze), 123 (etymologia).
 Santarem: 126 (epigraphia, casa subterranea).
 Sapataria: 190 (pedras medicinas).
 Seixal: 191 (inscripção).
 Serra do Boiro (Ponte Santa): 239.
 Setubal (Troia): 176 (antiquallas romanas), 239 (assento de Setubal), 275 (prehistoria dos arredores, Arrabida, etc.). Vid. Alferraz.
 Sobreira Formosa: 268 (casa da moura).
 Tancos: 319 (areias auríferas).
 Tojal: 272 (raspas de uma imagem de pedra).
 Torres Novas: 180 (outão do Paço Grande).

F) Trás-os-Montes:

- Alto do Carrocedo: 70 (castro, objectos prehistoricos e romanos).
 Avilagos (Lamas de Orelhão): 11 (sepultura romana).

- Bragança e Bemquerença: 14 e 15 (vária).
 Bureô (Mogadouro): 210 (espada antiga).
 Capellinhos (Villa Pouca de Aguiar): 23 (estatua lusitana).
 Carraceda, Moncorvo e Freixo: 274 (abundancia de machados).
 Carviçais: 274 (povoação romana).
 Cerro das Penhas Juntas: 101 (minas e vestígios de habitação).
 Jou (Val-Passos): 9 (antas).
 Lamas de Orelhão: 14 (castro).
 Maçores (Moncorvo): 273 (machado de pedra).
 Moncorvo: 149 (instrumentos de pedra).
 Mondrões (Villa Regi): 10 (antas).
 Montalegre: 106 (escopo de bronze).
 Picote (Miranda do Douro): 54 (lança de cobre).
 Raposeira (Monte da) em Villa Real: 311 (moedas e ossadas).
 Riba Pinhão: 27 (imagem de pedra).
 Rio Torto: 32 (ruínas de forte).
 Roriz: 75 (minas, castro?, castello).
 Sabrosa: 79 (castello, castro?, e estrada antiga).
 Salhariz: 123 (torre antiga).
 Sanfins: 125 (fortalezas ou castellos, moedas romanas, minas, mausoleu).
 Sanfins da Castanheira: 126 (castro).
 Sanhoane: 126 (antas).
 Santa Martha: 152 (sepulturas).
 Soutello: 271 (ruínas).
 Susões: 271 (ruínas).
 Valles (Carraceda): 9 (antas).
 Villa-Flor: 11 e 12 (inscrições romanas).
 Villarinho: 273 (tres antas).
 Zedes: 273 (uma anta).

ARCHEOLOGIA:

A) Nacional:

I. — Por ordem chronologica

Prehistorica:

Vid. Prehistoria e especies occorrentes, como Antas, Machados, Grotas, etc.

Protohistorica:

Vid. especies occorrentes, como Castros, Castello, Citania, Estatua, etc.

Lusitano-romana:

- Arco romano de Bobadella: 56.
 Vestígios de construções a 2 leguas de Bragança: 71.
 Estação romana proximo de Almeirim: 80.
 Estatua de Mertola: 100.
 Achados em Alferraz: 146.
 Vestígios romanos na região de Alcobaga, Leiria e Porto de Mós: 147.

- Antiquallas romanas no concelho de Santa Martha: 152.
 Lucerna romana de Serpa: 175.
 Ceramica de Troia: 176.
 Utensilios e adornos de cobre de Troia: 178.
 Objectos de vidro: 192 (Beja).
 Ruínas de construcções: 221 (Evora).
 Antiguidades de Beja: 243.
 Estação balnear romana em Sobre-Tamaga: 269.
 Estação romana em Carviçães: 274.
 Cippo e figura de pedra: 274.
 Balneario romano no Marco: 284.
 Tijolos, etc.: 285 e 287 (concelho de Monção).
 Exploração mineira, casa romana: 315 (visinhanças de Leiria).
 Vid. *Bibliographia, Epigraphia, Numismatica, Novas, Sepul-
 turas, Insculptura, Architectura, e especies occorrentes.*

Medieval:

Barbara:

Vid. *Epigraphia, Ceramica, Inventaria, Sepulturas.*

Arabe:

Candeias arabes algarvias: 119 a 122.

Portuguesa:

Batel do seculo xiv: 65.

Outão no Paço Grande em Torres Novas, seculo xiii: 180.

Calix antigo e desusado: 240.

Vid. *Armas, Ultramar, Architectura e especies occorren-
 tes.*

II. — Por ordem geographica

Vid. *Antiguidades locais e Memorias parochiaes.*

B) Estrangeira:

Vid. *Sociedades archeologicas, Hespanha, Figuras, Extractos, Pro-
 tecção á archeologia.*

ARCHITECTURA:

- Arco romano: 56.
 Palacio de torreses: 59.
 Castello da Neiva: 74.
 Ruínas architectonicas, chafariz e fonte de cantaria: 78.
 Construcções antigas da Figueira: 98.
 Construcção de um outão, no seculo xiii: 180.
 Restos architectonicos luso-romanos: 243.
 Memoria que recorda a rainha benta Mafalda: 268.
 Padrão de pedra: 271.
 Vid. *Archeologia, Murallas, Torre, Ponte, Ruínas, Castello, Forta-
 leza, Sociedades archeologicas, Fonte, etc.*

ARMARIA:

Relação de armas do século XVI: 187.

Espada antiga: 269.

Vid. Inventário.

AUCTORES:**A) Antigos (citados no texto):**

Ansonio: 13.

Estrabão: 23.

Grutero: 13.

Herodoto: 290.

Josepho: 5.

Plínio: 147 e 172.

S. Jeronimo: 5.

Virgilio: 9.

B) Do vol. VII d-O Archeologo Português:

Vid. Índice especial.

AVIS (Ordem de):

Inventário dos seus moveis, alfaias, etc., no século XIV: 223, 259 e 305.

AZULEJOS:

Em Alcantara: 62.

Em Lisboa: 64.

BALNEARIO:

Estação balnear romana: 269.

Balneário romano: 284.

BERRÕES E BEZERROS:

Vid. Figuras e Legendas.

BIBLIOGRAPHIA:

A) Archeologica romana: 3, 4 e 147.

B) Genealogica: 3.

C) Numismatica: 7, 107, 118, 161 a 172, 210 a 218, 248 e 288.

Vid. Extractos.

D) Heraldica: 137.

E) Ethnographica: 98.

F) Varia: 56 e 288.

Vid. Sociedades archeologicas.

BIOGRAPHIAS:

- Manuel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura: 1.
 Damião de Goes: 33 (nota biographica).
 Bugareo: 156.
 Ruy Dias de Menezes: 156.

BRAZÕES:

- Vid. *Heráldica e Concelho*.

BRONZE:

- Objectos indeterminados: 71.
 Escopro ou cinzel: 106.
 Candeias de bronze: 119 e 120.
 Objectos das sepulturas prehistoricas de Cintra: 134.
 Vid. *Metallurgica, Machado, Prehistoria*.

CALIX:

- Antiquissimo: 240.
 Vid. *Inventário*.

CANDEIAS:

- Candeias arabes do Algarve: 119 a 122.
 Vid. *Lucerna*.

CASA:

- «Casa dos Mouros» em Santarem: 128.
 «Casa da Moura» em Sobreira-Fermosa: 269.
 Casa romana perto de Leiria: 315.
 Vid. *Castro, Castello, Antas, Mosaico*.

CASTELLO:

- Vestigios de um *castello de terra*: 75 (castro?).
 Castello (castro?) com muros, fossos e vestigios de casas: 79 (Sabrosa).
 Castello com vestigios de muralha: 125 (castro?).
 Castello na Serra de Villarelho: 125 (castro?).
 Castello de Lanhoso: 128.
 Castello de Arminho (Alentejo): 190.
 Castello de Alparração: 190 (castro?).
 Penhasco como se fôr castello: 191.
 Na Villa de Mençejana: 238.
 Castello ou torre só com as paredes: 239.
 Castello de D. Theodom sobre o rio Tavora: 268.
 Castello (ou Cova) da Moura ou dos Milagres (Monção): 285.
 Crustello: 319 (Tangil).
 Castello de Tarouca: 320.
 Vid. *Castro, Architectura, Fortaleza, Torre*.

CASTROS:

Cabeço das Freiras: 15 (antigo Cabeço da Cidade).

Castro de Capellados: 23.

Côto do Crasto (Monção): 287.

Côto da Pena (Arcos de Valdevez): 197.

Lamas de Orelhão: 14.

Mancira de Cambra: 54.

Monte de S. Cactano (Monção): 287.

Roriz: 76 (castelão e castello do meu vizinho).

Sabrosa: 79 (castro ou castello antigo?).

Saúns: 126 (crasto de).

Santa Oláia: 98 (crasto de).

Tavarede: 98 (castro de).

Vid. *Castello, Cistânia, Cidade, Sociedades archeologicas.*

CAVIDADES:

Vid. *Insculpturas.*

CELTAS:

Nomes da origem celtica: 171.

CERAMICA:

Tigela medieval: 94.

Candeias arabes do Algarve: 121 e 122.

Barro saguntino de Alferraz: 146.

Ceramica luso-romana: 153.

Ceramica romana de Troia: 176.

Vasilha antiga: 265.

Ceramica italica: 283.

Olarias no Guadalquivir e Gudiama: 288.

CIDADE:

Cidade da Vaca (Vouga): 191.

Cidade de Milhandas (Minho): 270.

Monte da Cidade (Sapardos): 190.

Monte da Cividade: 320.

CITANIAS:

De Roriz: 22 e 256.

De Sande: 125.

De Silveiros: 240.

Vid. *Castro.*

COBRE (Objectos de):

Lança de Picote: 54.

Indeterminados: 71.

Necropole algarvia do cobre: 99.

Nas sepulturas prehistoricas de Cintra: 134.

Vid. *Sociedades archeologicas.*

CONCELHO:

Divisas ou brasões dos concelhos: 137.

CONSELHO SUPERIOR DOS MONUMENTOS NACIONAES:

Appello d'elle ao Governo sobre a Cistania de Roriz: 22.

CONTAS:

Contas de pedra: 71.

Conta de vidro romana: 192.

Vid. *Adornos*.

CONTOS:

Vid. *Namismatica*.

COVA:

Vid. *Gruta, Castello*.

ENGENHO DE PESCA:

Em Ribeirão (Entre-Douro-e-Minho): 28.

Descrição dos engenhos de pesca: 188.

EPIGRAPHIA:**A) Lusitano-romana:**

Epigraphes funerarias: 11, 80, 127, 171, 241, 242, 244, 245, 246 e 247.

Epigrapha funeraria e outra votiva: 12.

Epigrapha honorifica: 13.

Referencia: 238.

B) Medieval:

Arco de Valdevez: 81.

Mertola: 144.

C) Portuguesa:

Alentejo, seculo xiv e xviii: 31.

Bragança: 16 e 17.

Estremadura, latina, seculo xv: 28.

Lisboa, seculo xix: 65.

Santarem: 126, 127 e 128.

Seixal: 191.

D) Italica:

Marcas sigillina num tijolo: 283.

E) Indeterminada:

Castello de Lanhoso: 128.

Roma: 78.

Santarem: 127 e 128.

F) Notícias de apparecimento de lapídes:

- Alto do Carrocedo: 71.
Sobre-Tamega: 269.

ERRATAS:

Vid. *Rectificações*.

ESTATUA:

- Estatua de guerreiro lusitano: 23.
Estatuas luso-romanas de Mertola: 100.
Cabeça de estatua luso-romana de Beja: 243.

ESTRADA:

- Antiga e desusada (Sabrosa): 79.
Estrada dos mouros (Beira): 124.
Estrada dos mouros (Estremadura): 269.
Vestígios de calçadas: 270.

ETHNOGRAPHIA:

- Conta de pedra para augmentar a lactação: 72.
Memoria sobre adivinhações por cartas, amuletos e ex-votos, do Sr. Fernandes Thomás: 98.
Trajos e costumes antigos da Figueira, numa memoria do Sr. Ferreira Loureiro: 98.
Pedras «judicias» que livram da dor de pedra: 190.
S. Martinho advogado contra seções: 191.
Calix com virtudes therapeuticas: 240.
Reliquia de S. Braz com virtudes contra mordeduras de animal danado, mau parto e com poder de tornar o pão incorruptivel: 267.
Lugar frequentado de clamores: 270.
Imagem de pedra medicinal: 272.

Vid. *Lendas, Insculpturas, Religiões, Sociedades archeologicas e especies occorrentes (Figuras, Fonte, etc.)*.

ETYMOLOGIAS:

- Anseca: 74 (popular).
Bertianslos: 79 (scientifica).
Cesareda: 32 (scientifica).
Geira: 13 (popular).
Rendide: 180 (popular).
Riudades: 30 (popular e scientifica).
Roriz e outros nomes em ar: 75 (scientifica).
Salvaterra de Magos: 123 (popular).
Sandim: 125 (popular).
Seda: 190 (popular).
Setubal: 5 (erudita).
Vouga: 191 (erudita).

EXTRACTOS:**A) De periodicos:****Portugueses:**

- Archivo Pittoresco: 319.
- Campo de Ourique: 55.
- Correio da Noite: 311.
- Diario de Noticias: 63, 65, 311 e 312.
- Folha da Tarde: 58, 59.
- Seculo: 22, 26, 54, 59, 62 e 64.
- Sul de Setubal: 18.
- Trasmontano: 283.
- Vanguarda: 61 e 310.

Estrangeiros:

- Notizie degli scavi di antichità: 283.
- Revue archéologique: 131.
- Revue belge de Numismatique: 143.

B) De obras:

- Apparato de antiguidades romanas de Carneiro de Fontoura: 9.

C) De archivos:**Nacional (Torre de Tombo):**

- Venda de um batel no seculo xiv: 66.
- Achado de moedas romanas: 67.
- Doação de Ermello: 83.
- Processo requerido pelo rei de armas em 1834: 137.
- Construção em Torres Novas do Outão do Paço Grande, seculo xiii: 180.
- Termo de restituição do sello do Convento de Oliveira, seculo xiii: 181.
- Construção de uma ponte em Rendide: 182.
- Reparação das muralhas de Mertola, seculo xv: 183.
- Relação de objectos roubados a um duque de Bragança, seculo xvi: 187.
- Inventario do seculo xiv dos moveis e alfaias da Ordem de Avis: 223, 259 e 305.

Particulares:

- Do Tombo de N.º 8.º do Valle (Arcos de Valdevez): 92.
- Do Tombo de Taboão (Arcos de Valdevez): 272.

D) Das Memorias Parochiaes:

- Vid. *Memorias Parochiaes, Numismaticas* (portuguesa) e *Nomes*.

FACA:

- Prehistorica de pedra: 77 (costela).

FERRO:

Objectos indeterminados: 71.
Vid. *Minas, Metallurgia.*

FIGURAS:

Borrões de pedra: 26.
Toros hespanhoes: 26.
Bezerrinho de ouro: 71.
Vid. *Estátuas e Leadas.*

FONTE:

Fonte afamada em Rodiça: 32.
Fonte de cantaria e alvenaria: 78.
Fonte dos Mouros: 123.
Fonte de Santa Innominata: 223 (Evora).
Fonte Santa: 239.

FORTALEZA:

Ruínas em Rio Torto: 32.
Ruínas de duas em Sanfins: 125.
Ruínas de forte e baluartes: 238.
Vid. *Castro, Castello.*

GENEALOGIA:

Memoria genealogica: 3.

GEOLOGIA:

Geologia da península da Arrabida: 275.

GRAES:

Graes de pedra achados em Alcalar: 99.

GRUTAS:

Concavo de uma penha: 269 (Estremadura).
Cova da Moura: 240 (Minho).
Gruta da Falsa: 239 (Alentejo).
Gruta subterranea na Cova da Moura: 285.

HERALDICA:

A situação da Heraldica em Portugal: 131.

HESPAÑA:

(Localidades a que ha referencias):
Olerdola: 23.

HISTORIA:

(Da archeologia portuguesa).
Vid. *Biographia, Extractos, Sociedades, Protecção, Mosaico, Moedas,
Nomes, Numismatica, Prehistoria.*



HOMEM:

Terciário e quaternário na península da Arrábida.
Vid. *Prehistória*.

IBERIA:

Vid. *Numismática, Nomes, Autores*.

IGREJA:

Vid. *Lendas*.

IMAGEM:

Imagem de pedra medicinal: 272.
Vid. *Lenda*.

INDUSTRIAS:

Fabrico de saragoça: 269.

INHUMAÇÃO:

Vid. *Sepultura*.

INQUIRIÇÕES:

Erro nas Inquirições de 1258: 84.

INSCULPTURAS EM ROCHA:

Em forma de ferradura: 15 (Bragança).
Em forma de pégadas: 28 (Rio Caldo).
Pias, pégadas: 71 e 72 (Alto do Carrocedo).
Lagar luso-romano: 98 (Algarve).
Pia no Azinhal dos Mouros: 126 (Beira).
Excavações artificiais na rocha: 285 e 286.
Vid. *Sociedades archeológicas*.

INSTRUMENTOS:

Um instrumento musical nos tempos prehistóricos: 20.
Espheróide de granito: 152.
Vid. *Deuze, Colore, Moelhado*.

INVENTARIO:

Um inventario do século XIV: 223, 259 e 305 (morceis, alfaias, etc., da
Ordem de Avis).

LAGAR:

Vid. *Insculptura*.

LUCERNA:

Lucerna romana de Serpa: 175.
Vid. *Candeia*.

LUSITANIA:

Cohorte de Lusitanos: 171.

Vid. *Numismatica e Iberia*.

LENDAS:

Lenda de apparecimento de imagem: 15, 27 e 239.

Lenda de fuga de pessoa cativa: 29.

Lendas immanentes a um lugar: 30.

Lenda de desaparecimento de imagem: 73.

Thesouros guardados por demonios, em forma de bezerras: 102.

Lenda numa igreja: 102.

Lenda numa ermida: 124.

Lenda num ribeiro: 237.

Lenda de moura encantada num pégo: 269.

Lenda de moura encantada numa anta: 270.

Lenda de meuros: 271.

Vid. *Fonte, Ethnographia*.

MACHADOS:**A) De pedra:**

Alto do Carrocado: 71.

Messejana: 55.

Moncorvo: 149.

Três-os-Montes: 273.

Cinco em forma do ferro da justeira de um carpinteiro: 77.

Abundantes em Carrizosa, Moncorvo e Freixo: 274.

B) De bronze:

Chato e de duplo anel: 102.

Pica ou venabulo: 124.

MAMOA:

Vid. *Anta*.

MANUSCRITOS:

Memorias genealogicas: 3.

Apparato de antiguidades romanas: 4.

MEMORIAS PAROCHIAES:

Riba Pinhão: 27.

Ribeira do Olival: 27.

Ribeirão: 28.

Rio Caldo: 28.

Rio de Corvos: 29.

Rio Covo: 29.

Riódades: 30.

- Rio Frio: 30.
Rio de Gallinhas: 30.
Rio de Meinhos (Alentejo): 31.
Rio Tinto: 31.
Rio Torto: 32.
Rios: 32.
Roliça: 32.
Romão: 75.
Romarigães: 75.
Roriz: 75.
Ruivos: 76.
Ruma: 78.
Sá: 78.
Sabrosa: 79.
Sallariz: 123.
Salvaterra de Magos: 123.
Sameiro (Beira): 123.
Sande: 124.
Sandim: 125.
Santins: 125.
Santins da Castanheira: 126.
Sanhous: 126.
Santa Maria de Sá: 78.
Santarem: 126.
Santiago de Lanhoso: 128.
S. Bartolomeu da Serra: 238.
S. Francisco da Serra: 238.
S. Romão (Alentejo): 74.
S. Romão da Neiva: 74.
S. Simão de Azeitão: 267.
S. Simão da Serra: 239.
Sapardos: 190.
Sapataria: 190.
Seda: 190.
Segadães: 191.
Seixal: 191.
Seixas: 191.
Sernache dos Alhos: 237.
Sernaseiche: 238.
Serpa: 238.
Serra do Bouro: 239.
Setubal: 239.
Silva: 239 e 240.
Silveiros: 240.
Sindim: 267.
Sines: 268.
Sobrado: 268.
Sobreira Formosa: 268.
Sobre Tamega: 269.

SEPULTURAS:**A) Prehistóricas:**

Vid. *Antas, Prehistoria, Necropole, Sociedades archeologicas.*

B) Romanas:

Em geral: 10.
De tijolos: 11.
De alvenaria: 60.
Cupiforme: 242.
Destruída: 247 (com cippo?).

C) Medievares:

De tijolos e lages: 92 sqq.

D) De épocas indeterminadas:

Sarcophagos: 29.
Camara de tijolo: 55 (ossario?).
Tampas de pedra: 71 e 72.
No marmore e outras: 78.
De lages: 94.
Com tampa esculpida: 124 e 126.
De tijolos: 152.
Com cruz lavrada: 268.
Ossadas: 311.

Vid. *Epigraphia, Sociedades archeologicas, Necropole.*

SOCIEDADES ARCHEOLOGICAS:

Société Nationale des Antiquaires de France: 23.
Associação Francosa do Progreso das Sciencias: 22.
Sociedade archeologica da Figueira, 6.^a sessão, explorações no Castro de Tavarède; na estação de Santa Oiaia; ethnographia da Figueira; architectura antiga; o logar de Valle do Marinho; necropole de Alcalar; tatuagem; instrumentos musicos prehistoricos; epoca neolithica da Figueira; necropole da idade de cobre no Algarve; disco pre-romano de ouro: 98.
Sociedades estrangeiras que se occupam de numismatica: 164.

TATUAGEM:

Tatuagem prehistorica: 99.

TECIDOS:

Vid. *Inventario e Industrias.*

TEGULA E TELHA:

Vid. *Tijolo.*

TEMPLO:

Tradição e vestígios de um antigo: 180 (nota).
Vid. *Antas, Igreja*.

TIJOLOS:

Aparecimento d'elles: 30, 60, 71, 78, 126, 152, 240, 285, 287 e 315.
Ladrilhos: 269.
Tijolo italico da epoca romana: 283.
Vid. *Sepulturas*.

TORRE:

Em Rio Frio, arruinada: 30.
Em Rios: 32.
Em Salhariz: 123.
Duas em Sandim: 125.
Em Silva: 239.
Torreão antigo de abobada: 270.
Torre dos Mouros: 269.
Torres antigas: 272.
Torres em Tangil: 319.
Vid. *Castello, Fortaleza*.

TORRE DO TOMBO:

Vid. *Extractos, Numismatica*.

TOTEMISMO:

A proposito das estatuas lusitanas: 26.

TOUROS:

Vid. *Figuras e Lendas*.

TRITURADORES:

Trituradores de pedra: 309.

ULTRAMAR:

Tumulos portuguezes em S. Thomé: 58.
Influencia portuguesa na costa da Guiné: 59.
Igreja abandonada no Congo: 62.
Vid. *Numismatica, Metallurgia*.

UTENSILIOS:

Vid. *Inventario, Armas, Graca, Sociedades archeologicas, Archeologia, Ceramica, Lacerua, Moes, etc.*

II—INDICE POR NOMES DE AUCTORES

Albino Pereira Lopo:

- Notas e considerações sobre Bragança: 14.
- Picote (Miranda do Douro): 54.
- O Alto do Carrocedo: 70.
- O Cerro de Penhas Juntas: 101.

Arronches Junqueiro:

- Antiguidades dos arredores de Setúbal: 146.
- Estudos sobre Troia de Setúbal: 176.

P.^o Belchior da Cruz:

- Sociedade archeologica da Figueira: 98.

Celestino Beça:

- Espada antiga: 210.
- Trituradores de pedra: 309.

Felix Alves Pereira:

- Epigraphia christiano-latina: 81.
- Um passeio archeologico no concelho dos Arcos de Valdevez: 193.
- Bibliographia: 158.
- Indices: 321.

Henrique Botelho:

- Archeologia de Trás-os-Montes: 149.

José Augusto Tavares:

- Machados de pedra: 273.

José Fortes:

- Instrumentos de bronze: 102.

José Leite de Vasconcellos:

- Um archeologo esquecido: 1.
- Projecto de um Museu Archeologico em Setúbal: 18.
- Estátua de um guerreiro lusitano: 23.
- Noticias várias: 54 e 283.
- Arco romano de Bobadella: 56.
- Inscrição romana de Almeirim: 80.
- Dois estátuas romanas: 100.
- Candeias arabes do Algarve: 119.
- Aula de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa: 161.

- Lucerna romana de Serpa: 175.
Vidros romanos de Beja: 192.
Antiguidades dos arredores de Évora: 218.
Archeologia lusitano-romana: 241.
Bibliographia: 288.
Mosaicos romanos de Portugal: 312.
Sepulturas prehistoricas de caracter mycenense: 129.
Inscrição christã de Mertola do seculo vi: 144.
Mosaico romano de Aleoiaça: 146.
A xorca de ouro em Cintra: 155.
O Museu de Estacio da Veiga: 157.

José Maria de Mello de Mattos:

- Eugenhos de pesca: 188.

José Pessanha:

- Notas de archeologia artistica: 156.

Julio Meili:

- Moedas portuguezas de ouro carimbadas ou cravejadas nas Indias Occidentaes e no Continente Americano: 248.
Bibliographia numismatica: 143.

Manoel Joaquim de Campos:

- Estudos de numismatica colonial portugueza: 67, 107 e 210.
Uma falsificação monetaria: 172.
Moeda inédita de 43400 de D. Affonso VI: 234.
Contos para contar: 289.

A. I. Marques da Costa:

- Estações prehistoricas dos arredores de Setubal: 275.

N:

- Bibliographia.

Oliveira Guimarães:

- Vasilha antiga: 265.

Pedro A. de Azevedo:

- Extractos archeologicos das «Memorias paroquias de 1758»: 27, 74, 123, 190, 237, 267, 319.
Noticias archeologicas: 58.
Miscellanea archeologica: 180.
Um inventario do seculo xiv: 223, 259 e 305.
Pelos jornas: 310.
A situação da Heraldica em Portugal: 134.

Sousa Viterbo:

- Apostamentos numismaticos: 33.

X:

- Noticias numismaticas: 118.

III—INDICE DAS ESTAMPAS

- Epigraphes portuguezas: 16 e 17.
Fragmento de estatua de guerreiro lusitano: 24.
Capacete de guerreiro lusitano: 25.
Lança de cobre: 54.
Arco romano de Bobadella: 56 e 57.
Bazaruco: 69.
Insculpturas prehistoricas: 72.
Epigraphe romana: 80.
Epigraphe medievica: 82.
Sepultura de tijolos: 93.
Sepulturas trapezoidaes: 93.
Vaso sepulchral: 94.
Machado de bronze (em forma de cunha): 104.
Machado de bronze (de dupla aselha): 105.
Escopo de bronze: 105.
Moedas indicas: 110.
Candeia arabe de bronze: 119.
Candeia hispano-arabe: 120.
Candeia de bico duplo: 120.
Candeia arabe de barro: 121.
Candeia ornamental: 122.
Planta das sepulturas prehistoricas de Cintra: 129.
Sepultura de Alcalar: 130.
Sepultura de Yvias (França): 131.
Sepultura de Mycenae (thesouro de Atreu): 131.
Sepultura de Orchomeno (Grecia): 132.
Sepultura de Alcalar: 133.
Inscripção christã de Mertola: 144.
Fragmento de vaso saguntino: 146.
Instrumento prehistorico de pedra: 150 e 151.
Moeda de Emporias: 166.
Moeda dos Indigetes: 166.
Moeda de Herda: 167.
Moeda dos Bergetes: 169.
Moeda de Crisa: 169 e 170.
Caleo de moeda portugueza: 172.
Lacerna romana: 175.
Duas amphoras romanas: 176.
Vaso romano mutilado: 177.
Fragmentos (2) de vasos saguntinos: 177.

- Vaso esphérico romano: 178.
Fragmentos (2) de vasos saguntinos com marca: 178.
Varios utensilios romanos: 179.
Vidros romanos: 192.
Interior de uma asta: 201.
Planta e corte da messua: 201.
Mamôa da Serra de Soajo: 208.
Espada antiga: 209.
Patações de Goa: 210 e 211.
Moeda de D. Philippe III: 217.
Patacon de D. Carlos II: 217.
Antas do Barrocal: 219 e 220.
Ruínas romanas da Tourega: 221 e 222.
Foste de Santa Imeninata: 223.
Moeda inédita de D. Affonso VI: 234.
Duas moedas do mesmo monarcha: 235.
Lapide romana cupiforme: 242.
Cabeça romana de marmore: 242-243.
Lapides epigraphicas romanas: 244, 245, 246 e 247.
Moedas indias cravejadas e carimbadas: 258-259.
Vasilha antiga: 266.
Perfil geologico da península da Arrabida: 276 e 277.
Instrumento paleolithico: 281.
Marca de tijolo italico: 283.
Insculptura rupestre: 286.
Conto (*liard*) de Nuremberg: 291.
Conto do século XVI: 295.
Senha de seda: 299.
Senha de cobre: 300.
Dezaseis contos portuguezes: 304-305.
Triturador de pedra: 309.
Mosaicos romanos: 316, 317 e 318.
Cippo com epigraphe: 319.

Todos estes indices foram feitos por Felix Alves Pereira.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REDACITOR—J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. VII

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



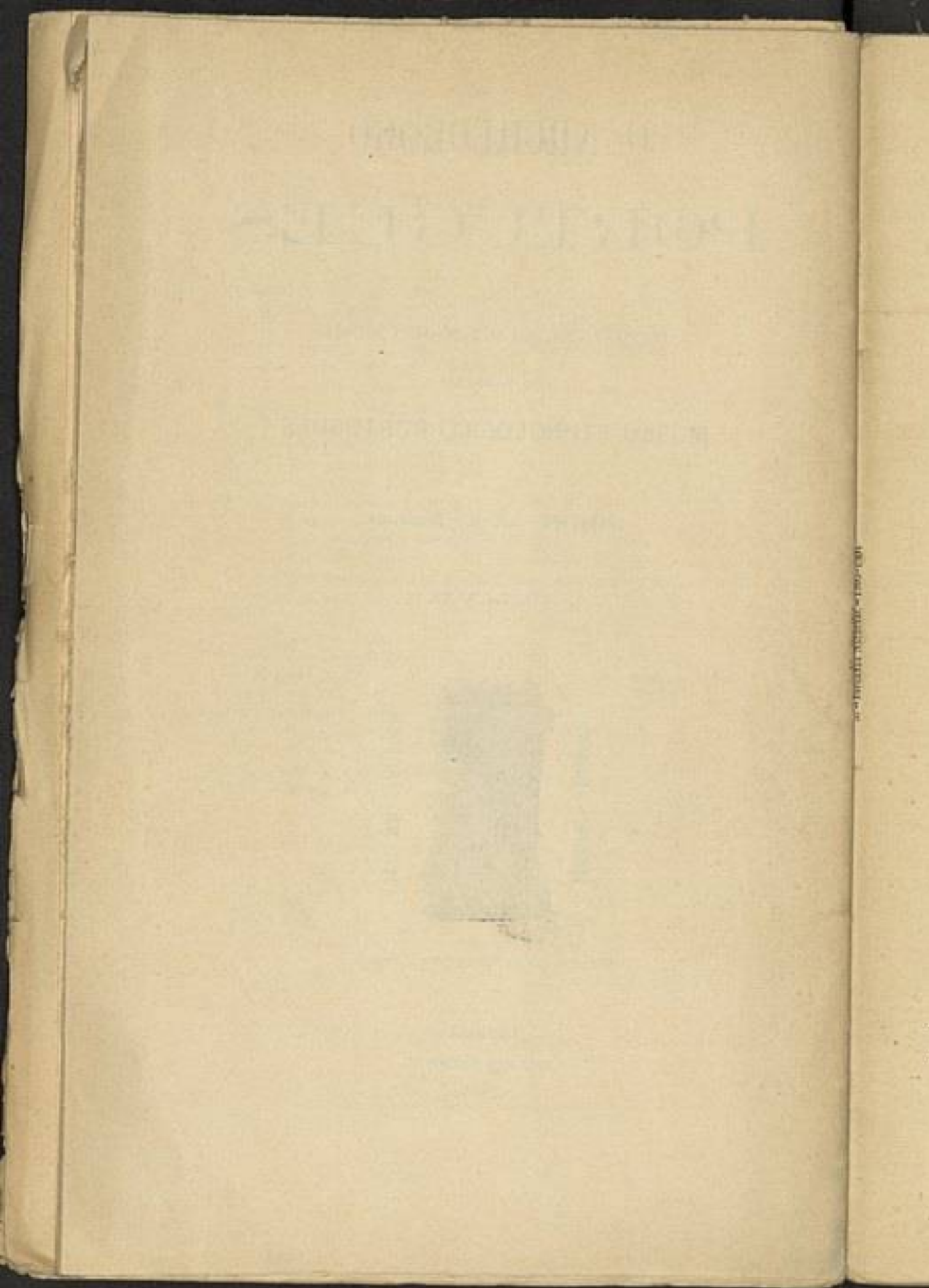
NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1903



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VIII OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1908 N.º 10 A 12

Archeologia de Trás-os-Montes

4) Concelho de Villa Real

I. Objectos prehistoricos

1.º) Machado roliço (fig. 1.ª), de forma conica, com a extremidade cortante formada á custa da base por desengrossamento feito anterior e posteriormente, de modo que resultou um gume convexo muito afiado. É perfeitamente polido em toda a sua extensão, de 0^m,100 de comprimento, de 0^m,035 de largura na base e 0^m,010 no vertice.



Fig. 1.ª



Fig. 2.ª



Fig. 3.ª

Foi encontrado este machado no caminho vicinal de Villa Real aos Torneiros, no meio da areia e de pedregulho que o ribeiro de Peneda, numa das suas enchentes, expelliu para fóra do seu leito.

É instrumento summamente perfeito e muito bem conservado.

2.º) Machado da mesma pedra que a do n.º 1.º

É espolhado de 0^m,115 de comprimento, de 0^m,050 de largura na base e 0^m,350 no vertice, de 0^m,030 na maior espessura, da forma de pyramide de secção elliptica com as faces, bordos e vertice convexos, feita pelo desgrossoamento igual das duas faces, apresentando, digno de se notar, pela singularidade, uma concavidade nos terços superior e medio em forma de *collo*, com o fim de facilitar o emprego de um cabo. Com esta configuração é o unico que tenho encontrado (vid. fig. 2.^a).

Appareceu no quintal da casa que habito nesta Villa, de mistura com umas pequenas lousas espolhadas que os pedreiros vão buscar

às margens do rio Corgo, para calçar as paredes dos muros e das casas.

3.^a) Pequeno e elegante machado, muito bem polido, de forma ellipsoidal, e de secção transversal-elliptica, assim como a longitudinal, de 0^m,055 de comprimento, de 0^m,017 na maior largura, de 0^m,010 na maior espessura.

O gume foi formado pelo desgrossoamento das faces e bordos, e apresenta-se

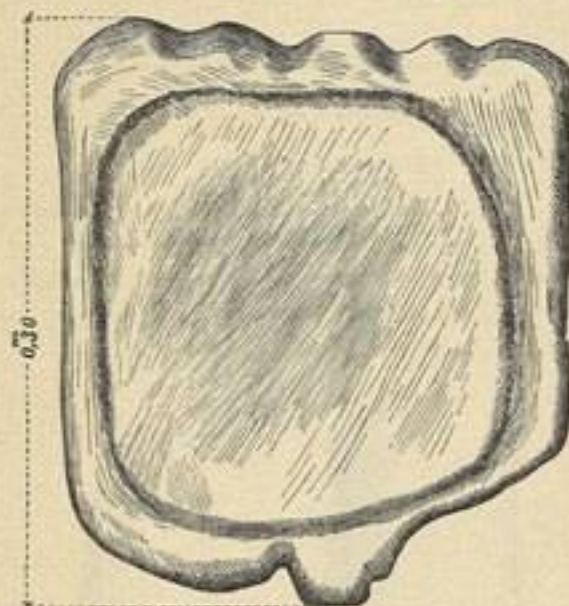


Fig. 4.^a

se levemente convexo e muito agudo. Está bem conservado, tendo apenas uma pequena falha no vertice, resultante de fractura (fig. 3.^a).

Foi encontrado nos arredores de Fonteita, freguesia de Andraes, numa vinha do professor-official, A. M. Gonçalves, assim como o objecto n.^o 4.^o—Todos estes machados os offereci ao Museu Ethnologico.

II. Objecto já descrito n.^o O Archeologo.

O objecto descrito n.^o O Arch. Port., iv, 187, foi figurado com dimensões extremamente reduzidas. Como este objecto me parece por ora ser unico na nossa archeologia, resolvi figurá-lo de novo, com dimensões maiores (vid. fig. 4.^a).—Offereci-o tambem ao Museu Ethnologico.

B) Concelho de Murça

I. Instrumentos prehistóricos

Murça nos ultimos tempos, graças á boa vontade e muita amizade do meu patricio José Caetano Gomes Teixeira, tem-me fornecido alguns instrumentos de pedra, que tenho offerecido ao Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos para o Museu Ethnologico.

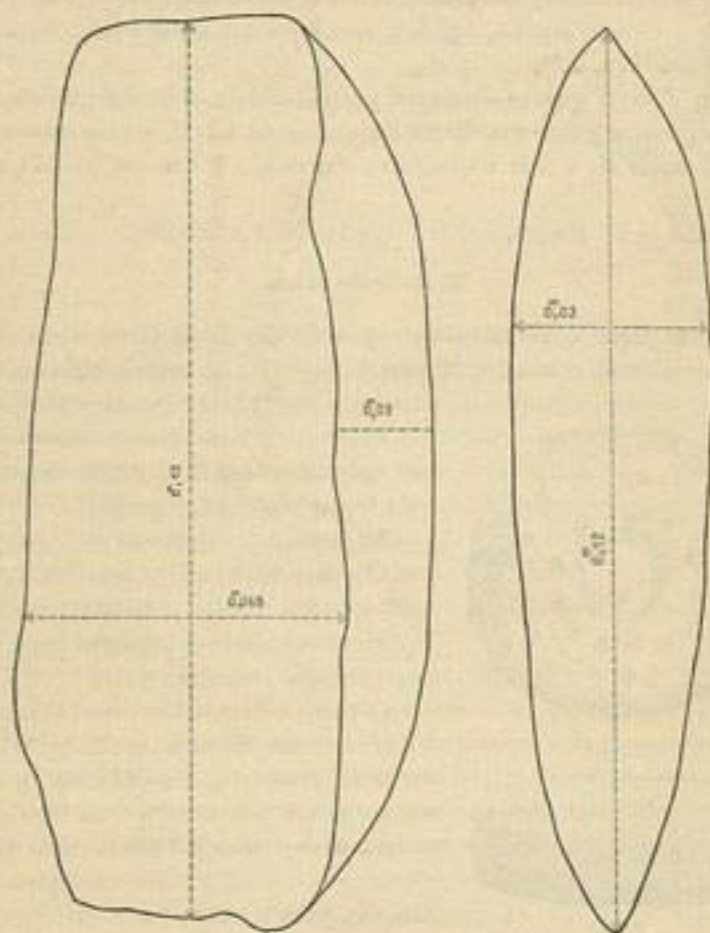


Fig. 1.ª

A ultima aquisição foi de seis machados de schisto ardosiano, apparecidos em propriedades rusticas da povoação do Candedo pertencentes ao meu referido amigo.

São grossos, pouco elegantes, quasi todos da fôrma de pyramide quadrangular, truncada e por polir em grande parte da superficie. O que vai representado na fig. 1.^a tem 0^m,12 de comprimento, 0^m,045 no ponto mais largo e de 0^m,03 na maior espessura, com dois gumes, um na base, outro no vertice, formados pelo desengrossamento das faces rectilíneas, muito bem conservado o do vertice, e quasi rombo, em consequencia de fracturas, e da base.

Póde considerar-se o instrumento como uma pyramide de secção rectangular, truncado no vertice com os angulos, formados pelo encontro das faces com os bordos, agudos, regularmente alisado em toda a sua superficie. (Fig. 1.^a).

Um d'elles, que se encontra partido pelo meio no sentido longitudinal, tem o gume em fôrma da quilha de navio, circumstancia digna de notar-se, e a face que resta convexa, e é o menos grosseiro de todos.

Estão já no Museu.

II. Peso de pedra

É um disco quasi circular, com uma das faces plana, em que se nota um circulo ponteadado, 12 pontos, perto de um orificio circular, que atravessa em toda a espessura o objecto, e fóra d'este e concentricos outros pontos, que não constituem porém outro circulo, completo como o primeiro.

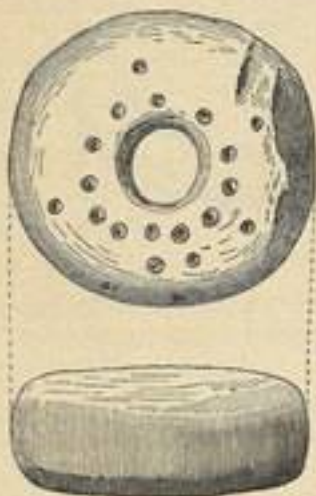


Fig. 2.^a

As duas faces ligam-se ao bordo por meio de angulos abatidos pelo desengrossamento das faces, e a tal ponto que aquelle é redondo em algumas partes da sua extensão e nontras quasi.

O buraco é muito liso em toda a sua superficie, não tem a menor falha do lado da face plana, o que se não dá na face convexa, em que mostra uma depressão igual a metade de um feijão cortado transversalmente, com a parte mais profunda dirigida para o centro da perfuração.

Não indico dimensões, porque todas ellas constam da gravura que representa o objecto em tamanho natural.

Pela fôrma, côr e perfeição, vê-se que esta deve ter sido feita ao mesmo tempo que o buraco central, que tem os lados equidistantes do centro do disco e as aberturas em ambas as faces de raio quasi igual,

o que não acontece no meio do disco em que é sensivelmente mais curto aquelle.

Observado o buraco de uma face e da outra não resta duvida que a perfuração foi effectuada em dois tempos, atacando-se o disco por cada uma das faces, e que aquelle se póde considerar como formado pelo encontro de duas pyramides conicas truncadas, que se unissem pelas superficies cortadas e com as bases para fóra.

E o primeiro objecto d'esta especie que me veio á mão (fig. 2.^a), e me parece poder classificar-se como peso de fuso, a não querer considerá-lo peso para redes de pesca rudimentarmente ornado.

Offereci-o ao Museu Ethnologico, onde já está.

Villa Real de Trás-os-Montes, 12 de Novembro de 1903.

H. BOTELHO.

Mosaicos romanos de Portugal

2. Mosaicos de Vizella

Estes formosos mosaicos são uma prova a mais, aliás desnecessaria, da alta importancia que Vizella attingiu em remotos tempos.

É sabido que os Romanos, aproveitando-se da incomparavel riqueza das aguas minero-medicinaes, que aqui jorravam e já conhecidas e utilizadas em epoca anterior¹, erigiram neste local um d'esses luxuosos estabelecimentos, que nos manifestam a grandeza e sumptuosidade, que o povo-rei costumava dar ás suas construcções. São tantos e tão significativos os vestigios que em Vizella se tem encontrado, que não é fóra de razão affirmar-se que as *balneae* vizellenses foram na epoca lusitano-romana um modelo no genero².

Os mosaicos, cuja gravura apresentamos, pertencentes á classe chamada pelos archeologos *pavimentum tessellatum*, na qual sômente eram permitidas pequenas pedras quadradas³, formavam uma figura geometrica, constituída toda por pedras calcareas de 0^m2,01 com a espessura de 0^m005, cujo centro era um losango nos lados do qual assentavam os quatro quadrados, que em volta d'elle e com elle compunham o todo.

A gravura seguinte mostra esta disposição: (fig. A).

O losango (fig. B) mede uma diagonal de 1^m,11 $\times$ 0^m,51 e cada um dos lados tem o comprimento de 0^m,61 com a largura de 0^m,02.

¹ Cfr. *Revista de Guimarães*, 1, 166 e 167.

² Cfr. Hilbner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 335 e sqq.

³ *Dictionn. des antiquit. rom. et grecques*, de A. Rich, s. v. *Pavimentum*, II, 3.

O segundo losango, formado no interior d'este com côr preta, mede $0^m,87 \times 0^m,40$ e a largura de cada lado é $0^m,01$.

O terceiro tem $0^m,67 \times 0^m,31$ e a largura da faixa $0^m,02$.

O quarto tem $0^m,28 \times 0^m,13$ e finalmente o quinto $0^m,13 \times 0^m,065$. A largura dos lados d'estes ultimos é de $0^m,01$, e todos elles são concentricos.

A faixa branca, ou lado do losango de côr branca, immediata á faixa exterior preta tem a largura de $0^m,03$.

O dentilhão formado sobre os lados do segundo losango tem $0^m,02$.

Entre o terceiro e quarto losangos ha um arabesco como a figura demonstra.

São tres as côres empregadas nesta figura, preta, branca e amarella, mas esta sómente no interior do ultimo losango cujo centro é formado por um losango branco.

Cada um dos quadrados, que se levantam sobre o losango, mede por lado $0^m,61$ e as suas faixas são respectivamente iguaes no formato e dimensões, a saber:

Faixa exterior: $0^m,61 \times 0^m,02$.

Segunda: $0^m,51 \times 0^m,01$.

Terceira: $0^m,43 \times 0^m,01$.

O dentilhão formado sobre a segunda faixa é de $0^m,02$.

Em seguida ao terceiro quadrado preto ha quatro faixas de côres differentes, amarella, azul, vermelha, branca e preta, não empregadas em cada um na mesma ordem, que podem já ser consideradas como parte ornamental do centro, que é diverso em cada um dos quadrados. Cada uma d'estas faixas, ou linhas coloridas, tem a largura de $0^m,01$.

O centro do quadrado designado com a letra C fórma uma laçaria constituida por duas ovaes com os eixos perpendiculares e nella em fundo branco estão empregadas as côres preta, vermelha, azul e amarella.

O centro de D fórma um quadrado com os lados prolongados em determinado sentido e sobre elles duas linhas em angulo com o vertice para fóra, constituidas por quadrados de $0^m,01$, em que se empregam respectivamente as côres preta-amarella, e preta-vermelha.

O centro de E constitue uma rosacea em quadrado com a parte central formada por uma cruz. Em fundo branco apparecem as côres preta, amarella e vermelha.

O centro do quadrado F fórma uma laçaria de dois rectangulos com os apothemas perpendiculares, tendo as côres dispostas de fóra para dentro, num preta, amarella, azul, branca e preta e n'outro preta, vermelha, azul, branca e preta.

Os angulos dos quadrados interiores das figs. C F são cortados por duas ordens de pedrinhas de 0^m2,01 das mesmas côres do centro, menos a azul.

O exterior de toda a figura era formado por pedras brancas das mesmas dimensões, 0^m2,01, intercalando-se a espaços figuras estrelladas, circulares e angulares, a preto, e todas em pequeno formato¹.

À figura geometrica, que estas peças formavam, seguiam-se outras semelhantes, que não puderam no todo ser postas a descoberto e por isso não foram desenhadas.

Este lindo pavimento, — a cuja invenção se refere o Dr. Francisco Sarmiento quando escreve: «hoje o que ha de melhor a fazer, quando uma escavação casual põe a descoberto algum mosaico, é mandar soterrá-lo immediatamente, para o salvar do vandalismo dos curiosos»², foi encontrado em 1880 quando se procedia á reconstrucção da extremidade norte do Largo de Franco Castello Branco, o antigo Largo da Alameda, ou da Lameira, local onde existiu o estabelecimento romano, e onde permaneceram os diversos banhos até o ultimo quartel do seculo XIX.

A pouco mais de um metro de profundidade descobriu-se uma extensa faixa de terreno pavimentado de mosaico, cuja configuração as estampas juntas indicam³.

As necessidades do transito não consentiram que este formoso espcime permanecesse a descoberto; cuidou-se porém de que um desenho fosse feito para servir de alimento á curiosidade dos amadores. As instancias do digno director clinico da Companhia dos banhos, o Sr. Dr. Abilio Torres, accedeu o Sr. Pedro Alexandrino, intelligente desenhador ao serviço da Repartição das Obras Publicas de Braga, então em Vizella, e os desenhos feitos em tamanho natural e com o colorido respectivo foram conservados pela dita Companhia até 1894, sendo neste anno offerecidos á Sociedade Martins Sarmiento, em cujo Museu podem ser examinados e apreciados⁴.

¹ Devemos os precisos esclarecimentos para esta descripção á obsequiosidade do distincto professor do Lyceu de Guimarães, o Sr. José Luis de Pina, a quem igualmente devemos os desenhos para as gravuras d'este artigo, finzas que novamente agradecemos.

² *Recista de Guimarães*, 1, 166.

³ Refere-se tambem a este mosaico o Sr. A. Bellino no vol. *Inscripções romanas de Braga*, pag. cxi.

⁴ Temos informações de que o Sr. Brailio Caldas tambem collaborara nos desenhos, ou fizera parte d'elles.

Posteriormente em 1889, quando se procedia á reforma da captagem e canalização das aguas thermaes, encontrou-se no extremo nascente do largo um banho, igualmente revestido de mosaico, junto á casa do Hotel Central, e que ali jaz soterrado.

Que bellezas poria a descoberto uma exploração extensa e methodica dos terrenos em que assenta Vizella, principalmente desde o local dos antigos banhos em direcção á igreja de S. Miguel, onde, parece, existiu outr'ora o grosso da povoação?! Infelizmente este commettimento é actualmente impossivel de realizar, como já o reconheceu o Dr. Sarmiento.

Permitta o meu bom amigo Dr. Leite de Vasconcellos que eu aproveite este ensejo para extrahir da preciosa obra de reconstituição historica *Portugaliae Monumenta Historica* uma nota de que até hoje, creio, ninguem fez uso, e que vem patentear mais um elo da cadeia que liga a actual Vizella aos seculos passados.

As inquirições geraes mandadas fazer por el-rei D. Affonso III em 1258, descrevendo os terrenos reguengos da freguesia de S. Miguel das Caldas, terrenos que eram situados *super Palacium Domini Regis*, dizem que aqui havia banhos para os leprosos e bem assim uma albergaria, ou albergatorio, onde certamente eram recolhidos aquelles infelizes que acudiam a aproveitar-se dos banhos.

Eis as palavras das inquirições (*Port. Mon. Hist.*, p. 698, *Inquis.*): *et subter balneum leprosorum... et super ipsum balneum leprosorum jacet... et in testa balnei magni...* E, confrontando as ditas terras reguengas, o citado documento diz que ellas principiavam na *Albergaria*, tocavam *ad portellam balnei* e findavam no *Albergatorio* onde começaram a confrontação.

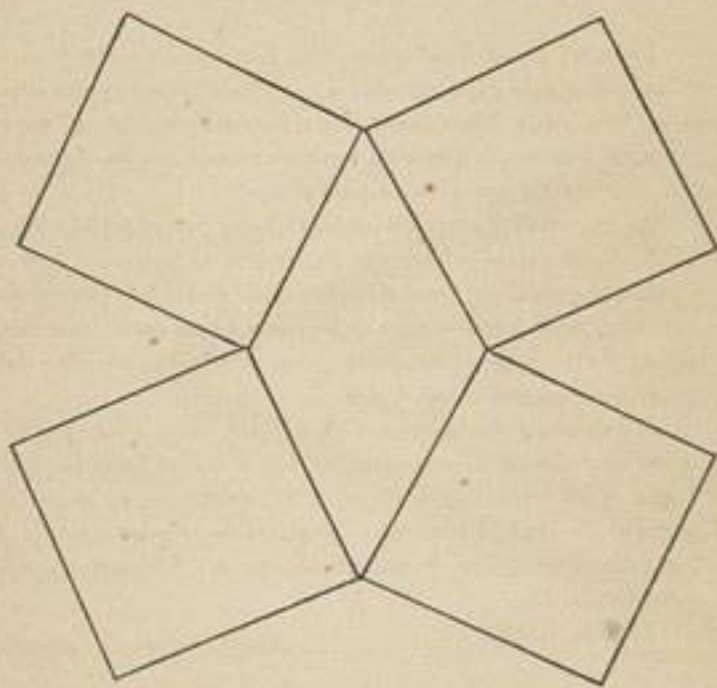
Tágilde, 1903.

Abbade OLIVEIRA GUIMARÃES.

A proposito de um projecto para emissão de moeda de prata

A crise monetaria que no anno de 1891 estabeleceu o agio do ouro em Portugal, onde a libra esterlina abundava em todas as transacções, criou em breves meses igual eventualidade para a moeda nacional de prata que, recolhida nas casas bancarias e nos cofres dos particulares, attingiu rapidamente celebridade, porque rarcou na circulação. O sobressalto do publico foi geral, do norte ao sul do país.

Fig. A



MOSAICO ROMANO DE VIZELLA

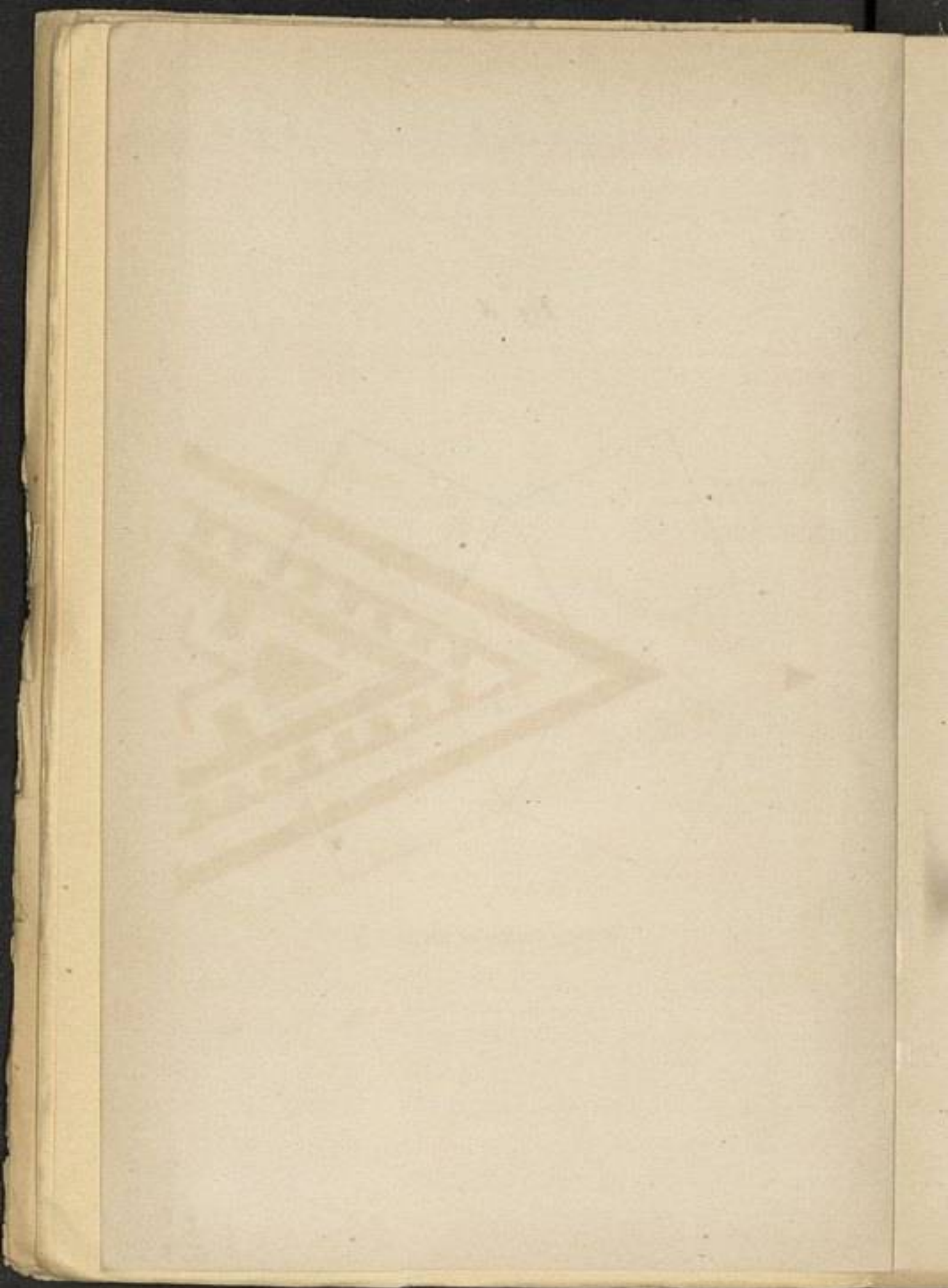
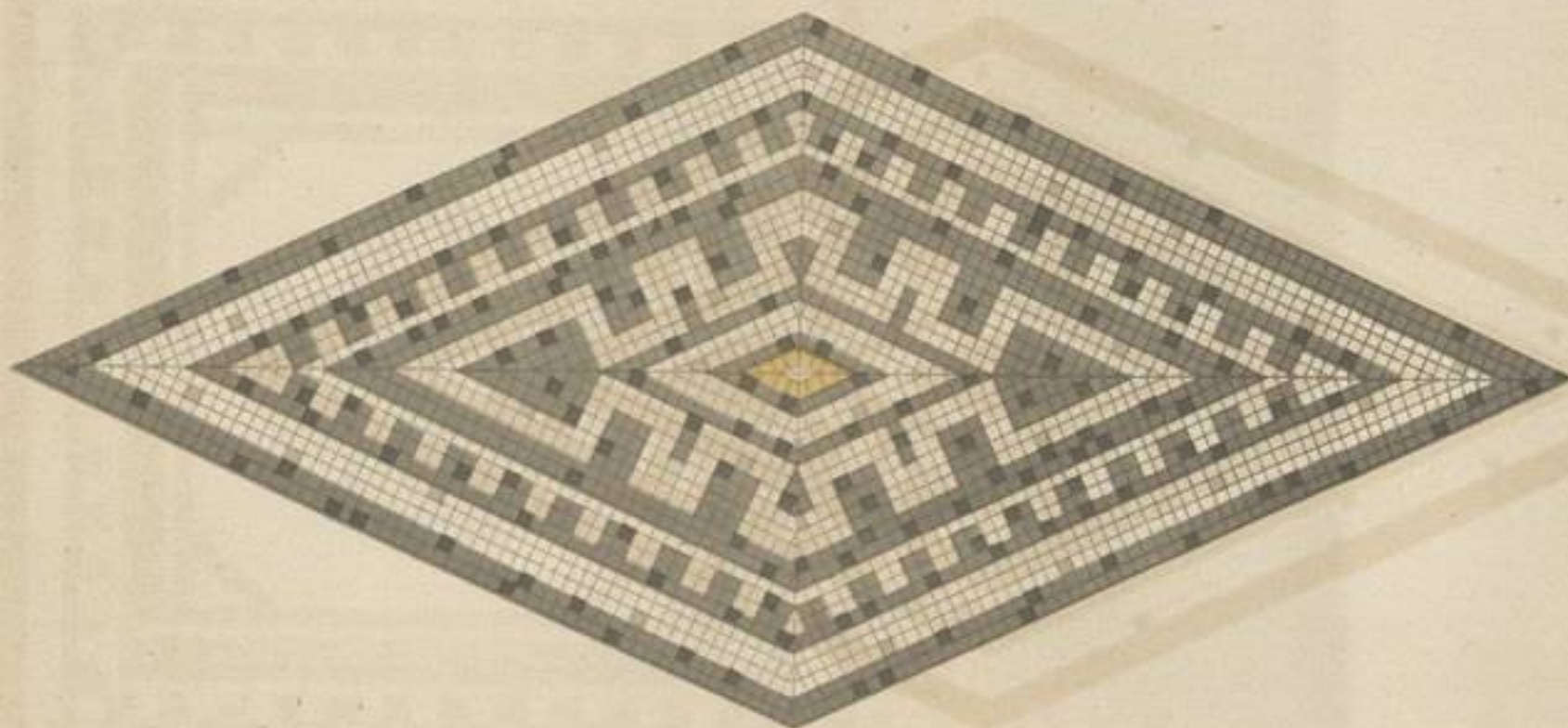


Fig. B



MOSAICO ROMANO DE VIZELLA

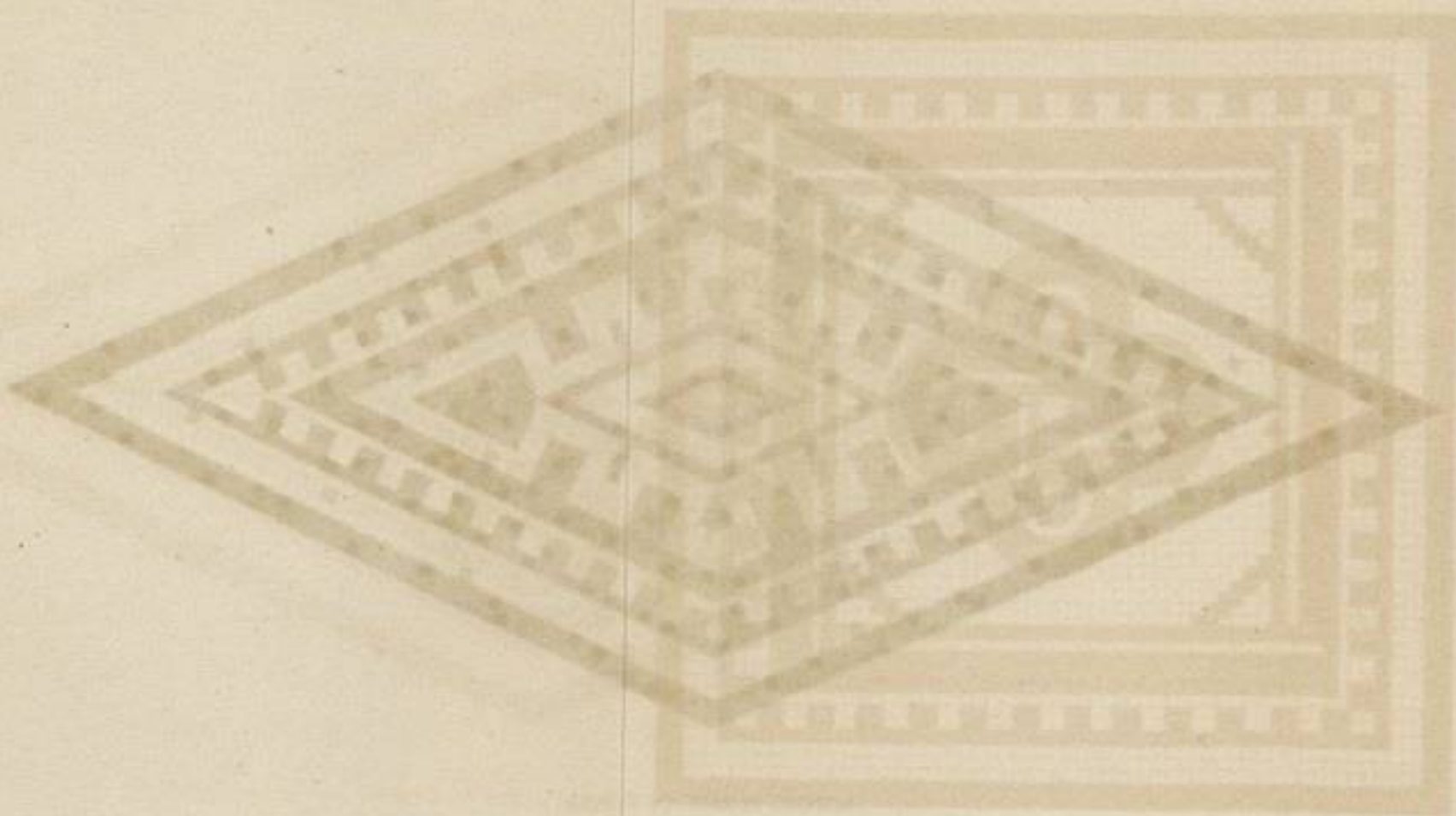
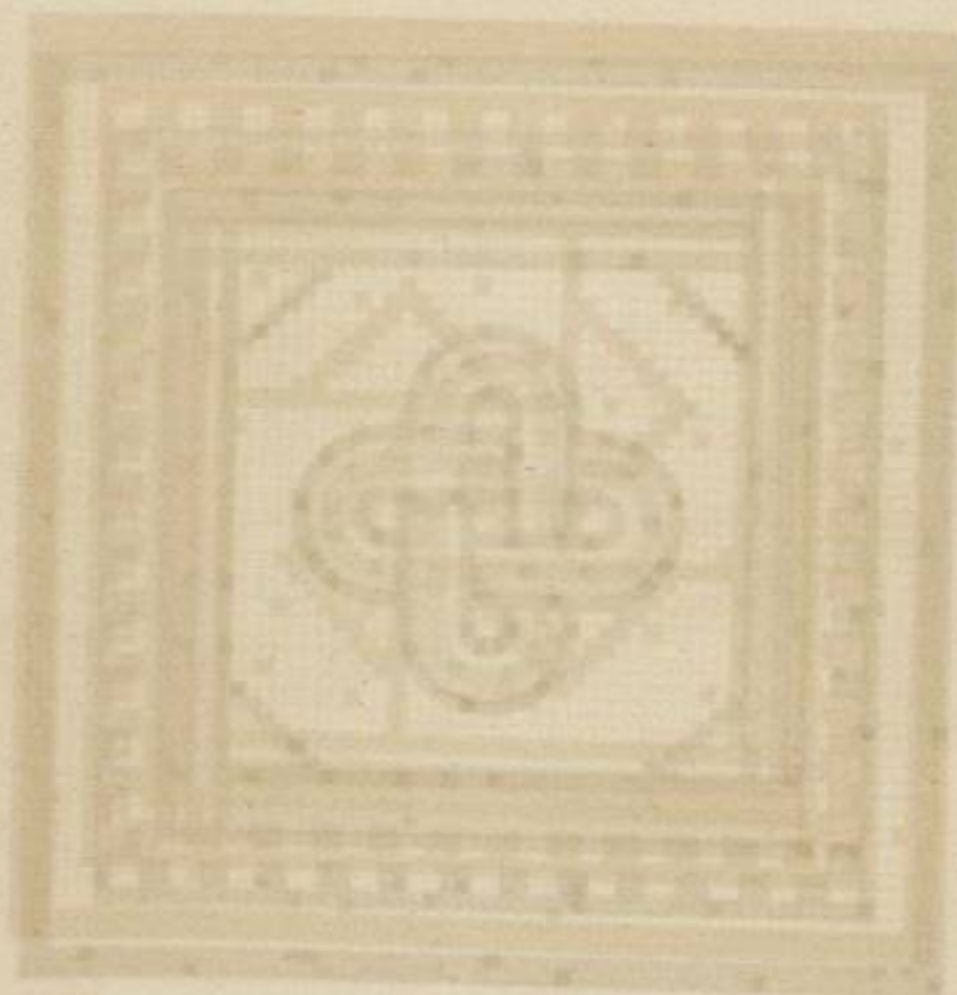


Fig. C.



MOSAICO ROMANO DE VIZELLA

JPINA



LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF CHICAGO

Fig. D



MOSAICO ROMANO DE VIZELLA

JPINA



ALBERT H. KEMPNER, CHAIRMAN
ALBERT H. KEMPNER, CHAIRMAN

Fig. E



MOSAICO ROMANO DE VIZELLA

J. PINA



UNIVERSITY OF CHICAGO

Fig. F



MOSAICO ROMANO DE VIZELLA

JPINA



Havia muitos annos que eram desconhecidas difficuldades grandes que obstassem á regular evolução do commercio portuguez, que os estrangeiros apreciavam e observavam com olhos de aguiá; portanto aquelle subito abalo no credito nacional retrahiu varios capitaes.

Não faltou quem profetizasse calamidades, que comprometteriam acaso a independencia nacional! Espirites timoratos, impressionados pelo proximo advento, inevitavel, do novo papel fiduciario fraccionado em valores modestos, opinavam que em Portugal não mais circularia a moeda de prata.

Estes excentricos pretendiam impôr-se, como autoridades, versados na sciencia empirica dos financeiros insignificantes, e invocavam o exemplo que melhormente conheciam, o do Brasil, pais que vive exclusivamente do regime fiduciario, embora circule ainda ali a moeda de cobre, a que foi cunhada em annos proximos ao fim do segundo Imperio e a que foi emittida pelo governo democratico.

Tão evidente era a gravidade do assunto, agigantado pela imprensa diaria, que o nosso Governo interveio paternalmente, como era justiça e de necessidade instante.

Não se fez esperar o decreto de 6 de Agosto de 1891, que mandou estampar na Casa da Moeda cedulas de 100 e de 50 réis, representativas da moeda de cobre. Foi permittido á Camara Municipal do Porto que, sob sua responsabilidade, lançasse na circulação da cidade cedulas de 200, 100 e 50 réis, que mandaria estampar. Estas providencias, porém, não attenuaram os effeitos da escassez de numerario metallico. Durante alguns meses a moeda de cobre foi attingida pelo agio nas relações dos cambistas com o publico. A alta finança viu, com pasmo, até onde se elevára a influencia de baixos valores monetarios no lance afflictivo que retrahia capitaes.

Em 1892 progredia rapidamente a exploração cambial, quando o Governo novamente deliberou reagir. Foram importadas de Inglaterra dezenas de toneladas de cobre novo, em barras. A Casa da Moeda cunhou, com a maior urgencia, os padrões de 20, 10 e 5 réis, e mandou os punções dos dois primeiros ao estabelecimento congenere de Paris. As moedas que tem a letra A no exergo do reverso são as que foram batidas naquella celebre officina monetaria.

Emquanto se demorava a larga emissão projectada, o proletariado, principalmente o de Lisboa, via avolumar-se a nuvem negra de difficuldades com que lutava para viver, ansioso de recusar aos cambistas o obulo do agio, porque elle era um onus que desequilibrava a sua economia domestica. Muitas familias, impossibilitadas de comprar dia a dia generos de primeira necessidade, por falta de trocos meudos,

obtiveram do pequeno commercio a graça especial de solver debitos mensalmente, sem que por este modo evitassem o pagamento d'aquelle onus, que se mascarava com os sorrisos da concessão obsequiosa.

A crise de trocos tambem foi temerosa no Brasil em 1868. Os bilhetes de passagem nos carros de viação urbana (*bonds*)¹ eram acceitos em todos os estabelecimentos commerciaes da Bahia quando se tratava de qualquer compra cuja importancia a satisfazer fosse inferior a 500 réis, que era o menor valor representado no papel fiduciario d'aquelle tempo; tal era a escassez da moeda de cobre. Nós tivemos occasião de presenciar o facto.

Quando a febre das providencias governamentais importou a moeda de um franco, para que circulasse em Portugal, o agio do cobre cessou. A intervenção d'este auxilio estrangeiro seria medida salutar se, apenas entregue ao publico, não derivasse para os recessos, mais ou menos mysteriosos, onde já existia a moeda de prata nacional e a moeda de ouro inglesa.

No decurso de alguns annos o agio da moeda de cobre desceu lentamente da alta região a que fôra elevado; porém as cedulas, multiplicadas em series successivas, abundavam no continente do reino, e ainda na Ilha da Madeira, onde o decreto de 4 de Março de 1896 as tinha collocado temporariamente. Era de urgencia extingui-las, porque andavam despedaçadas, sujas, de aspecto miseravel.

Finalmente a lei de 21 de Julho de 1899 criou a moeda de nickel, de 100 e de 50 réis, para substituir a cedula. O publico recebeu sem protesto o nickel amoeado, porque este meio circulante é limpo e apresentavel; mas não tardou que da indifferença passasse á queixa.

O chumbo, ligado a metaes de humidade semelhante, appareceu na circulação com o proposito de secundar o padrão de 20 réis de cobre fundido, não menos falso, em giro principalmente nas provincias, onde o fabrico já motivava processos judiciaes.

Para acabar com os lucros importantes, auferidos pelos amadores de crimes d'esta ordem, o Sr. Conselheiro Fernando Mattoso Santos pensou na remodelação parcial do systema monetario, na fô de que assim attenderia a queixas do publico, as quaes o impressionavam desagradavelmente na sua alta posição de Ministro dos Negocios da Fazenda.

¹ Pacheco da Silva, a pag. 150 da sua *Grammatica historica da lingua portugueza*, edição do Rio de Janeiro, 1878, diz que a palavra *bond* significa «ferro-carril suburbano e urbano». É certo, porém, que no Brasil é assim denominado o vehiculo tirado por tracção animal, e não o carril em que elle percorre.

Seriam substituídos por nova moeda de prata os padrões correntes de 100 e de 50 réis, cujos valores faciaes são muito mais elevados que noutros países¹. Toda a moeda de cobre seria recolhida, compensada por tres novos padrões de nickel, os de 20, 10 e 5 réis, que tivessem valor intrinseco superior ao do cobre.

Este projecto consta da proposta de lei que aquelle homem de estado apresentou na Camara dos Deputados, na sessão n.º 67 de 30 de Abril de 1902. O projecto entrou em discussão, porém não transitou para a Camara dos Pares; isto não obsteu a que os ferros para as moedas de prata fossem abertos. D'elles derivaram os ensaios monetarios, unicos conhecidos, que se representam nas figs. 1.^a e 2.^a

Fig. 1.^aFig. 2.^a

O autor do projecto de lei offereceu estes exemplares, no anno passado, ao Sr. Conselheiro Manoel F. de Vargas, que então era Ministro dos Negocios de Obras Publicas, e a cujo obsequio devemos poder aqui estampá-los. Cunhados em metal polido, tem aquelle vivo brilho e alvura immaculada que se não vê nas cunhagens destinadas á circulação.

¹ A Belgica tem moedas de nickel de 20, 10 e 5 centimes, com 29, 25 e 21 milímetros de diametro e 7, 4½ e 3 grammas de peso; a Alemanha 20, 10, e 5 pfennigs, com diametros e pesos quasi identicos aos da moeda belga, e assim a Hollanda, a Suissa, a Austria, a Servia, o Egypto e os Estados Unidos da America do Norte.

O exemplar de 200 réis tem 5 grammas de peso, e o de 100 réis 2,48 grammas. O toque d'esta prata é de 835 por 1:000, igual ao da moeda franceza do mesmo metal, para que, recolhidas que fossem as moedas de 200 réis, agora correntes, e grande parte das de 500 réis, cujos titulos são $916\frac{2}{3}$ por 1:000, o Thesouro arrecadasse lucros compensadores das despesas inherentes á nova amoedação.

Foi demonstrada a conveniencia d'esta medida financeira no proprio relatorio que antecede o projecto de lei.

Os dois ensaios monetarios foram gravados artisticamente; são elegantes e quasi identicos nos typos ás antigas moedas de 200 réis e de 100 réis, cunhadas desde o reinado de D. Maria II.

A novidade, que os distingue, é a coroa real que protege os algarismos valorizadores. Vê-se que o reverso nestas moedas ficou mais apparatuso que nas precedentes.

Não foram abertos ferros para a moeda de nickel projectada, a qual o gravador Ernesto Condeixa desenhou, e o jornal *O Seculo*, de 4 de Maio de 1902, reproduziu pela zincogravura.

Lamentamos que o projecto de lei fosse archivado na classe onde existem, como inuteis, innumeros trabalhos notaveis, que os caprichos da sorte, da inoportunidade, ou da politica, impelliriam para o esquecimento.

Lisboa, Outubro de 1903.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Archeologia do districto de Bragança

I

A Penha Mourisca em Bousende

Tem o nome ao consoante da sua configuração e natureza e dos seus vestigios de antiguidades, se formos com o povo, que as attribue aos Mouros. Observada de muitissimos, conhecida é de poucos, pois até os de Bousende ignoravam algumas das suas particularidades, senão todas. Eu fui lá em 22 de Outubro, levado pela indicação que vem n-*O Arch. Port.*, vol. III, pag. 222, e subi ao pico mais alto que bem se destaca d'esse enorme massiço de rochas graniticas que formam a *Penha Mourisca*, que sae da vertente occidental da serra de Nogueira, pouco abaixo da sua linha de cumiada e a uma altitude de mais de mil metros, o que faz com que seja um dos pontos mais elevados da mon-

tanha. Difficil e penosa é esta ascensão, e, por perigosa, a julgam temeraria aquelles que estão habituados a fazê-la e a tomarem em pequena conta os precipícios naturaes que de familiarizados desprezam.

Um pouco a sudoeste da Penha fica este ponto, e «castello» o denominam só por ser mais dominante, pois tudo alli é natural, e nada artificial ha, a não serem umas pedras que foram dispostas para permittirem a subida até certa altura. Elle foi miradoiro d'esse castro ou fortaleza que os rochedos limitavam em parte; nalguns sitios ainda se distinguem indícios de fosso e restos de muro de pedra solta, a que a tradição chama a «Villa do Jogadouro»:

À porta do castello da villa do Jogadouro
Está um poço de corda coberto de ouro.

Esta porta fica voltada para nordeste, e para o interior do recinto, e não é mais do que uma abertura formada pelo afastamento e sobreposição de fragas que lhe dão essa configuração. Entrei por ella, e, com

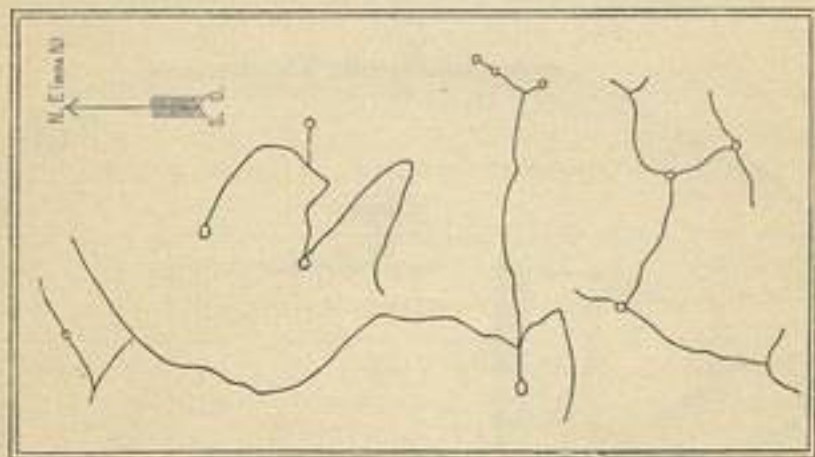


Fig. 1.*

o auxilio de tres companheiros, e apoiando-me nas saliencias das rochas, fui trepando pelo interior d'aquelle estreitissimo buraco onde era preciso agitar o corpo para passar até chegar ao cimo, cujo recinto é tão limitado, que nos obrigava á maior cautella e vigilancia, para não cairmos no abysmo.

Em breve a minha attenção se prende numa insculptura gravada na face superior de uma rocha, e na «pedra do embaladouro» que está

ao pé, que, diziam, «tocava» quando a empurravam ou mesmo «só por si», ouvindo-se então o som na povoação de Bousende a cem metros ao sul, e ainda a maior distancia, porque no balouço batia nos penedos que estavam em contacto uns com os outros.

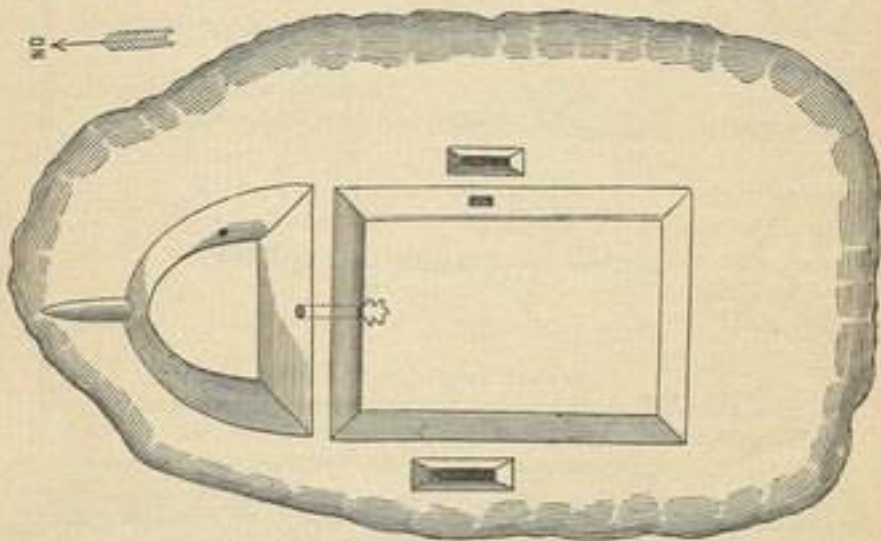
Tirou-se a copia, que julgo exacta e que o desenho junto representa em redução de $\frac{1}{10}$, o melhor que se pôde, vincando-se o papel com o lapis por cima dos riscos depois de tirado o musgo, pois o frio e a ventania, que ha ali quasi sempre, e de vez em quando o nevoeiro, dificultavam tanto a tiragem, que só muito boa vontade podia resistir (fig. 1.^a).

II

Valle-Telhas

Esta localidade é bem conhecida de todos os que gostam de ver e apreciar vestigios do passado.

Ali existem dois marcos miliarios, de que já falla Argote. Nas paredes de algumas casas ha pedras com restos de esculturas. Logo ao sair da povoação, a caminho do sitio do Cabeço, vê-se um «lagar» aberto

Fig. 2.^a

numa fraga, como se mostra na fig. 2.^a; é o mais perfeito que conheço. Por todos aquelles sitios apparecem antighalhas, como telhas de rebordo, tijolos, mós mannaes, fragmentos de louça, pesos de barro, restos de construcções.

Tambem ha outras fragas com cavidades que parecem pias de bebedouro; a maior d'essas cavidades é chamada pelo povo *talha*, por ser concava, e tão espaçosa que cabe lá dentro um homem¹.

No Cabeço ha uma estação do typo da de S. Bras, na Torre de D. Chama; parece-se porém com ella, mais pela configuração do ter-



Fig. 2.ª

reno adjacente do que pela sua estrutura².—Ambas estas estações eram ribeirinhas,—aquella na margem esquerda do Rabaçal, esta na do Tuella. Succederam-se alli civilizações diversas, a avaliar pela variedade dos objectos encontradas, alguns já recolhidos no Museu de Bragança: especializarei uma foicinha de ferro, muito oxidada, que me impressionou vivamente. Vae representada na fig. 3.ª, na escala de $\frac{1}{2}$.

III

Mais duas inscripções inéditas do Castro de Avelãs

Já foi o anno passado que encontrei, na notavel estação archeologica do Castro de Avelãs, mais estas duas inscripções que tinham até agora escapado á investigação dos amantes d'estes estudos que, com tanto interesse, ao passar por ali tem procurado descobrir os vestigios do passado. E não admira que não as encontrassem, porque só por mero acaso, e depois de insistentes pesquisas, é que as fui encontrar: a primeira fazia parte da boca de um forno de cozer pão, e a segunda encimava um dos apoios da varanda de madeira da residencia parochial, tendo as letras, de que só se viam duas, voltadas para o terreno. A escultura d'esta é bastante interessante e não vulgar entre os monumentos congeneres que por aqui tem apparecido, e pena é que não se distinga já bem o figurado em relevo que tem na base.

Na primeira nota-se a singularidade da letra $\mathcal{Z}$ (S) da ultima linha.

Publico nas figs. 4.ª e 5.ª photographias de ambas. As letras estão bem legiveis. O corpo das da primeira regula por 0^m,035; a lapide tem

¹ Informam-me que no termo de Frazidella ha outra, ainda mais vasta, e que lá dentro appareceu uma «pombinha» de estanho.

² Estive lá em Outubro p. p., em companhia do Rev.^{to} Domingos Lopes da Silva, meu particular amigo.

0^m,45 de altura e 0^m,25 de largura. A segunda tem 0^m,7 de altura e 0^m,3 de largura e o corpo das suas letras mede 0^m,05. Já estão no Museu de Bragança, tendo-me sido oferecidas pelos seus possuidores que mostraram grande jubilo em poderem assim concorrer para o en-



Fig. 4.ª

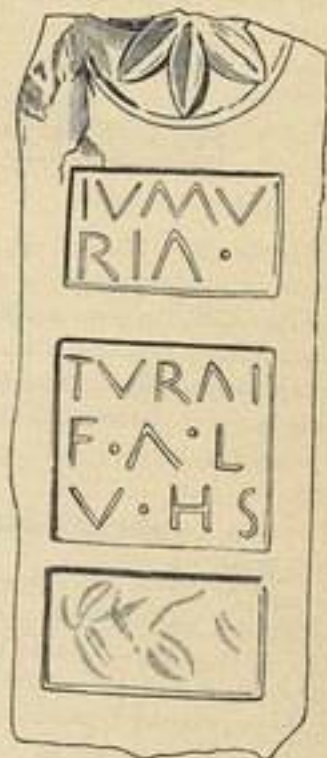


Fig. 5.ª

grandecimento do seu Museu Municipal, revelando nobreza de sentimentos, pois ainda fizeram despesa para as tirar das paredes em que estavam servindo.

Bragança, Agosto 1903.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Nota ao artigo precedente

A 1.ª d'estas inscripções não offerece difficuldade: *D(iis) M(anibus). Arator, an(norum) L. S(it) t(ibi) t(erra) t(ecis)*. O nome *Arator* apparece tambem numa inscripção de Cadiz: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1770.

2.ª inscripção. As ll. 1 e 2 porfia o Sr. Lopo, em carta que me escreves, que dizem *IVMVRIA*; poderão pois interpretar-se por *Iu(lia) vel Iu(nia) Mu-*

via. O «nomen» *Muria* <> *Murria* é conhecido. O resto da inscrição diz claramente: *Turci filia*, *a(morum)* LV, *h(ic) a(ita)*. De *Turcius* ha outro exemplo na célebre inscrição em que figura a *gens Zoelarii* (*Turcius Clouti*): *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2633.

Os symbolos que se observam no cimo das lapides são semelhantes a outros que se encontram em inscrições romanas do Norte de Portugal. Pena é que os desenhos das extremidades inferiores já não sejam bem perceptíveis.

J. L. DE V.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1755»

502. Tourega (Alentejo)

Inscrições e banhos romanos

«A porta principal da Igreja fica ao poente, a porta traveessa ao norte ambas debaixo de hum alpendreada do telhado de madeira sobre treze columnas de pedra parda e algumas de marmore com suas bases e capiteis que se diz forão dezenterradas deste sitio, como tambem hum pedra de marmore em forma de campa de sepultura, de que faz menção o P. Rezende¹.

Sahindo do dito alpendre para a parte do noroeste en distancia de duzentos passos estão humas ruinas de edificios antigos, que hoje chamão as Martas; mostrão que forão antigamente lagos ou tanques de banhos de que uzavão os Romanos; porquanto a sua forma he de tanques grandes e piquenos. O mayor tem cento e vinte palmos de comprido e de largo vinte e dous; os mais os cercão de redor, todos argamassados de seixinhos e não se lhes conhece porta. Contigo aos tanques se vem as ruinas de hum Torre e parece foy arruinada com polvora en circuito de todas estas ruinas se mostrão e descobrem varios alicerces de cazas como tãobem quantidade grande de bocados como argamassa queimados que se parecem com escumalho de ferreiros.

Para este sitio en distancia de duzentos passos pera a parte do norte está hum fonte o mais do anno prene, que tem o nome Fonte de Santa Innominata, para a qual vem agoa por hum cano subterraneo e corre em hum ambito de feitio de fonte quadrada de pedras de cantaria, que bem mostra a sua antiguidade, por muito gastas que estão da mesma agoa». (Tomo XXXVII, fl. 954).

«Em distancia de seis passos (na quinta de Valverde, dos arcebispos de Evora) estão en correspondencia de hum e outra parte, ficando a fonte no meyo das pedras de marmore de figura quasi quadrada com

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, n.º 112. Conserva-se no musen do Cenaculo.

notaveis mlduras, tem nas faces que estão para a fonte humas inscripçoens romanas em letras latinas de que falla o P. Rezendes. (Tomo XXXVII, fl. 958).

503. Tramagal (Alemtejo)

Areias mortíferas

«No dito ribeiro do Caldeirão de que se faz menção no terceiro interrogatorio me consta que algumas vezes se tem visto homens a que chamão gandaciros bandejando suas areas para o fim de tirarem dellas areas». (Tomo XXXVII, fl. 993).

504. Travanca do Douro (Beira)

Romaria

«Tem hua Eremida, ou cappella de N. Senhora da Vizitação a Santa Izabel; Tem hũ só altar em que esta N. Sur.^a e S. Isabel as quaes obrão hũ milagre frequente e ordinario, que he dar leyte de criação ás molheres, que criando seos filhos lhe falta e a ella se permetem, e vem em romagem trazendo lhe de offerta algũ sal». (Tomo XXXVII, fl. 1069).

505. Travancas (Trás-os-Montes)

Lenda

«Confina com Galiza e o outeiro chamado Cotta de grande altura que descobre mais de quinze legoas em circuito em Galiza e Portugal aonde por tradiçam consta ouve huma batalha sanguinolenta de que o nosso Portugal ficou vencedor ainda que a custa de muito trabalho pois a parte contraria parecera quasi inconquistavel que hum official dela pelejara tanto athe ate que hum dardo entrando lhe pelo bucho e perguntandolhe os nossos respondesse quem vivia ainda respondeu com animo viril: viva Baiona e reiterando a dardada responden: viva Baiona ainda que foram mortíferas as dardadas que traziam postas do unto sempre acabou com o viva Baiona e deste estupendo caso ficou o nome ao tal outeiro Escocha que hoje vulgarmente se chama Cotta». (Tomo XXXVII, fl. 1074).

506. Trute¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Carvalho sagrado

«Não há ao prezente privilegios nem antiguidades, só há tradição, ditta pellos antigos, que a referida casa de Trute solar (chamada o Paço) dos Palhares, lhe vinhão de algumas freguezias circunvezinhas alguns dos lavradores dar certos dias de serviço, e que havia no terreyro da ditta Quinta hũ Carvalho antigo com hũa cadeya de ferro argolada no mesmo carvalho, e todo o prezo que por ali passasse, se se apegasse

¹ É genetivo de *Tructus*, nome de homem.

a ditta cadeya ficava liure em aquella ocazião da Justiça e os senhores daquella caza o hião pôr em certa parte pera que fugise, he o que houvi dizer, e não me consta haja outra tradição o que nada hoje existe». (Tomo XXXVII, fl. 1185).

507. Tuizello (Trás-os-Montes)

Fonte Santa

«Ha perto do lugar de Tuizello aonde chamão ao Pizão esta huma fonte que he milagrosa e ha tradição que parecera nossa Senhora naquelle sitio e que dera fala a hũa Muda a *nativitate* e fica para a parte do Nascente e se tem experimentado milagres a muytos enfermos com a sua agoa sarando de varios achaques». (Tomo XXXVII, fl. 1197).

508. Turcifal (Estremadura)

Etymologia popular

«He o Turcifal lugar antiquissimo não se sabe o seu fundador, mas por tradição parece que teve principio no tempo em que El Rey D. Rodrigo perdeu o Imperio dos Godos; e os Turcos habitarão as Espanhas, donde he verocimel que habitacem com edificacão material o referido citio, ficando lhe por esta origem o nome de Turcifal, como a muitas terras pella referida habitacão e hũa dellas he Allãoquer, nome de hum guouernador Maomethano; como porem a referida terra do Turcifal fosse destinada para destruir o nome de seus fundadores, por isso he chamada Turcifal; porque naquelle tempo os seus habitadores forão Turcos, mas falsos, rezão porque ha hũ citio proximo chamado matta mouros, donde se vem a colegir que o ceu quis dar a esta terra a gloria de ter o seu principio em tirar aos Mouros e falsificar a ceita Turquesca — porisso denominada Turcifal¹». (Tomo XXXVII, fl. 1199).

509. Turquel (Estremadura)

Memoria de D. Affonso Henriques — Gruta

«Tem o seu principio (a serra da Mendiga) junto á villa de Porto de Mos; e acaba junto ao lugar de Rio Mayor termo de Santarem; tem de comprido cinco legoas e huma de Largo: do alto desta serra fez o Snr. Rey D. Affonso Henriques doação a S. Bernardo de todas as Terras, que daquelle Lugar se anistanão para a parte do Mar fazendo as Contas e fundando nellas aquelle sumptuoso e Magnifico Mos-

¹ Tanto de *Turcifal* como de *Alenquer* ignoramos as etymologias. Podemos comparar só as ultimas syllabas d'aquelles nomes com as ultimas de *Mucifal* e *Alcisquer*. Sem nenhuma pretensão etymologica, occorre comparar -fal com (West)falen, Westfalia.

teiro de Monges Cistercienses na villa de Alcobaça e por memoria se conserva naquella logar onde o dito Snr. fez aquella Doação hum Arco de cantaria com a Estatua do dito Rey, no destrieto daquella parte de Serra que pertence ao termo da villa de Aljubarrota.

Logo por cima da villa do Porto de Mós forma esta Serra hum celebre braço para a parte do nascente, muy levantado, aspero e fragoso chamado Serro Ventoso: na parte que fica contra esta freguezia lança dous grandes braços; hum para a parte do nascente, chamado a Serra da Lua; e outro para a parte do poente chamado o Cabeço de Turquel, dentro do qual está huma grande e admiravel gruta ou conca-vidade por modo de huma Casa, muy Larga, espaçosa e alta de rochedo, que supposto seja obra da natureza, tem indícios de que foy artificialmente aprefeioada em algumas partes da sua composição, e segundo a tradição dos antigos foy habitada dos Sarracenos». (Tomo XXXVII, fl. 1211).

510. Turiz (Entre-Douro-e-Minho)

Ruínas de uma villa. — Castro

«Não tem antiguidades nem privilégios antigos só hũa tradição que no sítio aonde hoje fica a Igreja fora antigamente hũa villa que se chamou Toudilanes e neste sitio apparecem hoje por bayxo do cham bastantes tijolos de antiquissimo feitio e muytos carvoens e para a parte do poente hum outeiro chamado o monte de Santa Cruz por nelle estar hũa Hermida de S. Helena aonde se venera a invenção da Cruz serve esta Cappella de deviza entre esta freguezia e a de S. Julião da Lage a quoa pertence a ditto Hermida e fica esta dentro de hum valo ou trincheira que mostra ser hũa praça ou forte daquelles tempos em que não havia polvora e bala e da outra parte deste outeyro e forte apparecem os mesmos Tijollos e Carvoens que dizem fora a villa de S. Julião ou de Julianes que he da freguezia de S. Julião da Lage¹». (Tomo XXXVII, fl. 1214).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Legenda enigmatica

No concelho de Ponte do Lima, sobre os limites da freguesia de Brandára com a de Refojos, um pouco acima da estrada real, numa

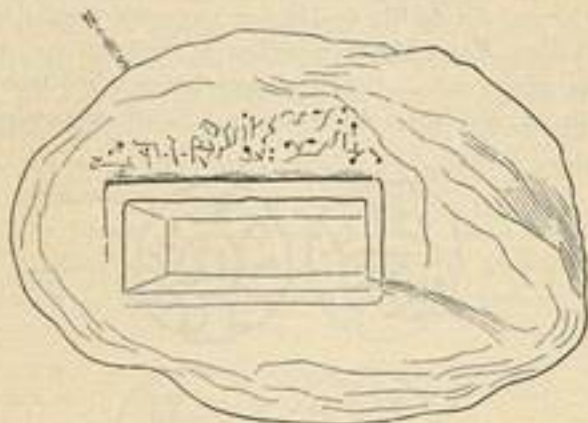
¹ A tradição aqui mencionada é evidentemente a escrita; a popular não teria conservado com tanta exactidão o nome *Toudilanes*, que vem a ser o latim *Theodilanus*, genetivo do nome godo *Theodila*. Turiz é *Theodorici*, que tambem se conserva em Chateau-Thierry (*Castellum-Theodorici*).

encosta fóra das paredes da quinta do Cardido, e por onde segue uma vereda, existem alguns penedos dispersos, um dos quaes contém uma sepultura aberta na face superior (vid. a gravura junta).

O bloco granítico, de fôrma arredondada, mede 4^m,50 de comprimento, 2 metros de alto, e outro tanto de largo no circuito medio; não se torna facil achá-lo, necessitando o curioso de tentar a subida dos maiores; e o limo escorregadio estorva por vezes a escalada, pois que o tumulo não se nota de baixo.



Sepultura de S. Simão (o penedo visto de lado)



Sepultura de S. Simão (parte superior do penedo)

A cavidade rectangular apresenta as paredes quasi verticaes, tendo no fundo 1^m,92 e na borda exterior apenas attinge 2 metros, e de alto 0^m,45 por 0^m,50 de largo. Não está orientada.

Circunda o lado maior da sepultura, pelo norte, uma legenda que não se entende, cujo desenho apresentamos para melhor resolução do problema.

Devia ter outr'ora tampa.

Como no outeiro que lhe fica pelo meio-dia ha uma capella dedicada a S. Simão, o povo da vizinhança designa o penedo por *sepultura do Santo* ou de *S. Simão*, acreditando que a agua da chuva que nella se deposita livra de *maleitas* ou *seções*.

Visitei o monumento em 1884, em companhia dos meus saudosos amigos Joaquim Possidonio da Silva e general Sebastião Lopes de Calheiros e Meneses, vindo aquelle distincto architecto e archeologo passar alguns dias ao Cardido, examinando então varias antiguidades d'estes arredores e levando apontamento da inscripção (não me consta porém que se haja publicado qualquer artigo sobre o assunto).

12 de Outubro de 1903.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

Estudos de numismatica colonial portuguesa

7. A roda, ou 1 1/2 real, de 1743

Em janeiro do anno findo houve uma palestra acêrca de numismatica entre nós e o Sr. Antonio Pedro de Andrade, Presidente da Direcção do Banco Commercial do Rio de Janeiro, que então residia accidentalmente em Lisboa. Entre alguns desenhos de raridades monetarias que examinámos, foi presente o desenho da moeda que se mostra na fig. 1.^a, a qual existe no medalheiro d'este antigo e illustrado numismata português.



PL

Fig. 1.^a

O exemplar está gasto, no dizer do possuidor, e desfigurado pelo oxydo de côr branca, privativo da moeda de calaim.

A imagem do anverso dá a ideia de uma cabeça humana com o cabello entrançado e erguido em secções, semelhantes á letra Y. As sobranceiras, amplas e bravias, a boca, rasgada em riecto enorme, proprio de boca de irracional, e o queixo, quasi ponteagudo e incompleto, como se uma parte fosse arrancada violentamente, completam este molde estranho de feições, que dão o aspecto de mascara com riso permanente. Presumir-se-ha que esta mascara fôra um retrato? Não parecia

provavel analysar-se de outro modo este type monetario, assim transformado por caprichos do acaso.

Moedas em tal estado escondem-se. O espirito não deve assenhorar-se de duvidas, que, de ordinario são forças productoras de trabalhos morosos, de difficil acabamento, e quantas vezes incertos! como os trabalhos duros e ingratos da pedra sobre pedra, que os homens apprehenderam em epochas prehistoricas.

Em casos semelhantes convem seguir o exemplo de um grande mestre, o director que foi dos museus reaes da Dinamarca, o sabio Jurgensen Thomsen, em cujo medalheiro havia um espaço, occulto a vistas indiscretas, ao qual chamava pittorescamente *o seu gabinete de ignorancia*, onde arrecadava exemplares indeterminados. O illustre numismata ali os reservava, privados de carinhos que a sciencia prodigaliza aos seus dilectos, enquanto o acaso não revogasse a sentença condemnatoria, descobrindo outros, identicos mas de melhor aspecto, que facilitassem o descobrimento da verdade. É este o melhor meio de evitar illações, que podem ser falsas, derivadas de simples apparencias.

A moeda inspirou ideias talvez arrojadas a respeito do seu averso, mas porque não seria licito interpretá-lo como rosto humano, se tal apprehendimento não escandaliza a seriedade da sciencia?

Apesar de tudo, a interpretação não era justa, como vamos ver.

Em varias moedas indo-portuguesas ha exemplos de irregularidades apparentes. Na collecção da Biblioteca Nacional de Lisboa existe uma rupia de 1833, em que o busto de D. Miguel parece barbado. Este é tambem um dos casos em que o gravador não pôde ser censurado; o tempo, que a desgastou, foi aqui o phantasista.

O Sr. João Carlos da Silva, residente em Angra do Heroismo, enviou-nos desenhos de outra moeda, cujo reverso é igual á do Sr. Andrade. Cessaram as hesitações para se explicar o averso d'esta. A



PL

Fig. 2.ª

comparação produziu effeito sensacional e decisivo. Provada a identidade entre os symbolos das duas moedas, pelo estado em que se conserva esta, fig. 2.ª, ficou decifrado o enigma.

O exemplar pesa 4^g,38, ou 87 1/2 grãos. Em vez de um rosto humano, apresenta um escudo de armas, coroado, certamente o de Portugal, na opinião de quem o gravou. Ha exemplos de analogas singularidades da fantasia indiana. Veja-se uma prova na fig. 3.^a, que representa um exemplar da nossa collecção.

Fig. 3.^a

Este exemplar, ainda inedito, foi um dos padrões de cinco bazarucos de 1777 originarios de Diu. Pesa 5^g,17. Na collecção do Sr. Julius Meili ha outro, igual, que pesa 5^g,51. Nota-se neste a differença de 0^g,34 para mais no peso. Conclue-se que houve fusões parciaes durante o fabrico, umas com mais e outras com menos percentagem de chumbo. Examine-se o typo do anverso e a marca monetaria que o ladeia. Este typo representa o escudo de armas de Portugal, porem não dá ideia d'elle, ainda mesmo para quem o conheça bem. Faltam as quinas, os castellos e a coroa real. Se este anverso fosse estampado invertido, apresentaria o mesmo resultado phantastico em todos os pormenores. A marca interpreta-se por Q — D. No reverso as posições do algarismo 7 são estravagantes nos angulos da cruz, que parece agitada e tremula. Esta prova de singularidade numismatica é uma das mais notaveis que conhecemos.

A moeda do Sr. Silva é, na verdade, bem singular. Na orla do reverso, todo elle epigraphado, foi posto um ponto entre A e 3 para designar o começo e o fim do legenda, ANO DE 1743, que da direita para a esquerda acompanha o circulo central, onde a letra R ficou fechada em campo muito restricto. Para quem tomasse este typo monetario por botão, ou tento para jogo, a letra seria a marca do fabricante. Na realidade não é mais do que a inicial da palavra *Roda*, que nomeava a moeda de 1 1/2 real, a ultima da serie figurada sob os n.^{os} 15, 16 e 17 de Teixeira de Aragão, vol. III, na est. III, cujo symbolo de segunda ordem é a roda de navalhas, o instrumento de martyrio onde soffreu as ultimas affrontas S.^{ta} Catarina de Alexandria (padroeira de Goa), no tempo do imperador Maximiano. A *roda* ainda hoje é parte integrante das armas do Municipio de Goa, como se mostra na fig. 4.^a

A falta de contacto entre a haste perpendicular e a curvatura da letra R faz suppor, á primeira vista, que esta é um grupo dos algarismos 1 e 2, isto é, 12, com referencia a bazarucos ou réis, o que é inadmissível. Este quantitativo de bazarucos não existiu representado numa só peça metálica, e a moeda de 12 réis foi o *vintem*, ou 8 *rodas*, n.º 15 da serie acima citada, cujo peso legal foi de 378 grãos, arbitrado na resolução que o Conselho da Fazenda tomou em 24 de setembro de 1742, resolução que nada importa á *roda* de 1743, que temos como autentica, apesar das apparencias em contrario.

É temeridade indesculpavel dar-se a qualificação de falso a qualquer typo monetario desconhecido, só porque os compiladores de leis não encontraram o titulo que o autorizou, como no caso presente.



Fig. 4.ª

Os fabricantes de moeda falsa nunca inventaram typos novos; somente visaram a imitação da moeda circulante, porque a novidade, attrahindo a desconfiança, prejudicaria o lucro, que era a mola impulsora do crime.

A historia da *roda* de 1743, tal como a comprehendemos, é interessante. Uma vaga obscuridade a caracteriza, embora se relacione com o assunto de conveniencia publica que, de parceria com os interesses do real erario, foi tratado em Junho de 1741 entre o vedor da fazenda, o provedor-mor dos contos e o juiz dos feitos¹.

Este grupo de individualidades officiaes discutia com a eloquencia de peritos, a resolução que mais agradaria ao povo acerca da moeda de calaim. Foram tres os alvitres:—acabar com tal moeda, que era o alvitro mais racional, reduzir-lhe o valor legal, que seria o mais pratico, e recolhê-la para fundir parte d'ella num typo novo. Neste

¹ Teixeira de Aragão, doc. n.º 118.

caso a excedente seria mandada para Moçambique, onde circulavam productos monetarios de Goa e Diu por alvarás de 2 de Setembro de 1728 e de 17 de Janeiro de 1732.

Este alvitre era vexatorio. Exportar semelhante metal amoedado para aquella região equivalia a prejudicar os indigenas que houvessem de o receber em troca do ouro nativo dos rios de Sofala; mas naquella tempo não tinham importancia perante a critica actos de força, como, por exemplo, a escravatura, contra povos collocados no ultimo grau da escala social. A capitania de Moçambique, até ao decreto de 19 de Abril de 1752, foi subalterna do governo central de Goa que, portanto, não hesitaria se deliberasse impor ao preto um meio circulante depreciado e quasi inutil, que lhe escravizasse a liberdade commercial no seio do seu proprio país.

Em 1742 circulavam em Goa moedas criadas pelas estivas de 15 de Junho de 1716 e 25 de Junho de 1722, como se vê pela tabella seguinte:

Denominação das moedas	Estiva de 15 de Junho de 1716		Estiva de 25 de Junho de 1722	
	Valores em réis de Goa	Pesos em grãos	Valores em réis de Goa	Pesos em grãos
Moeda de $7\frac{1}{2}$ bazarucos.....	$7\frac{1}{2}$	$243\frac{1}{2}$	$7\frac{1}{2}$	$211\frac{1}{3}$
Moeda de 5 bazarucos.....	5	162	5	$140\frac{3}{4}$
Moeda de $2\frac{1}{2}$ bazarucos.....	$2\frac{1}{2}$	81	$2\frac{1}{2}$	$70\frac{1}{3}$
Moeda de 1 bazaruco.....	1	$32\frac{1}{5}$	1	$27\frac{1}{5}$

Estas moedas eram de tutanaga e chumbo. A concorrência de outras, semelhantes, fabricadas fóra da colonia portugueza e nella introduzidas clandestinamente, deprecia-as. A subida do cambio attingiu tal altura, que um pardau, ou 300 réis de prata, ou 5 tangas, ou 300 bazarucos, chegou a trocar-se por 6 tangas ou 360 bazarucos, na razão de uma quinta parte a mais. Por este facto o Conselho da Fazenda, na resolução de 24 de Setembro de 1742, pronunciou-se a favor das opiniões que reduziam o valor nominal, aumentavam o peso e melhoravam a liga da moeda de calaim. Recolheu-se a *bazarucada*, fundiu-se de novo e entrou na circulação consideravelmente melhorada em *novas fórmulas*. Parece que as quebras na fundição reduziram a quantidade do metal recolhido, porque os interesses do preto de Moçambique não foram sacrificados.

Os padrões emitidos foram só quatro, a saber:

Denominações dos padrões	Resolução de 24 de setembro de 1742			
	Valores em réis de Goa	Valores em bazarucos	Pesos em grãos	Números da estampa rei de Aragão
Moeda de 8 rodas, ou vintem	12	15	378	15
Moeda de 4 rodas, ou meio vintem...	6	$7\frac{1}{2}$	189	Inedita ¹
Moeda de 3 rodas	$4\frac{1}{2}$	$5\frac{1}{8}$	$142\frac{1}{2}$	16
Moeda de 1 roda	$1\frac{1}{2}$	$1\frac{1}{8}$	$47\frac{1}{4}$	17

Vê-se que a baixa no valor foi de quinta parte, ou 60 bazarucos, igual á alta que o povo não tolerou. O padrão que com mais facilidade se aprecia é o de meio vintem, que pelas estivas citadas valia $7\frac{1}{2}$ réis de Goa e passou a valer 6. Foi então quando o bazaruco desceu á situação de moeda de conta sendo substituído pelo real como unidade monetária.

A denominação generica de *rodas* não existiu applicada a quaesquer moedas antes de 1742. No seculo XVII houve moedas de calaim symbolizadas com a roda de S.^{ma} Catarina, emitidas pela Junta de Fazenda no reinado de D. Filipe II; porém foram denominadas bazarucos.

Ainda não somos chegados ao amago do nosso assunto. Até aqui temos argumentado com a essencia dos elementos offerecidos pela autoridade indiscutivel das leis da epoca. Ignora-se que acontecimentos se desenrolaram na tela do systema monetario do Oriente português desde 24 de Setembro de 1742 até 15 de Abril de 1761. Não existem documentos d'este periodo na obra de Teixeira de Aragão, excepto a lei de 10 de Fevereiro de 1743, que aumentou o valor á moeda de ouro. Este silencio de 18 annos é demasiadamente longo para ser hoje accite.

Cremos que houve leis cujos registos não existiram, apesar de promulgadas no tempo em que a burocracia portugueza já não era instituição incipiente. Sabendo-se que a influencia da moeda para troços sempre foi consideravel entre o povo indiano, é bem cabido o juizo critico da falta, que conduz a investigação de conjectura em conjectura, sem alicerces historicos.

¹ Existe na nossa collecção um exemplar d'esta moeda, que pesa $172\frac{1}{2}$ grãos, ou 8,63 grammas.

A *roda* de 1743 com mais 40 $\frac{3}{4}$ grãos de peso supplantou a influencia de sua irmã, que foi fabricada no anno anterior; esta melhoria de peso é o indicio mais seguro para presumir-se o seguinte:

As providencias de 24 de Setembro de 1742 não teriam dado resultado satisfatorio, contra a expectativa do publico, mantida a alta do cambio. Sabemos que o Conselho da Fazenda aumentou o valor da moeda de ouro em 10 de Fevereiro de 1743, como já dissemos; e neste ensejo não teria elle tratado da moeda subsidiaria mais infima, visto que a sua depreciação não cessava? Se assim succedeu, porque motivo ordenaria a suppressão do respectivo registo, se tal ordem deu? Que houve novo esforço de melhoria a favor da moeda de calaím, meses ou dias mais tarde, prova-se com a *roda* de 1743, reforçada no peso para lutar com mais denodo contra o agio. Finalmente é de melhor raciocinio admitir que se perderam livros de registo.

Lisboa, Novembro de 1903.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Estações prehistoricas dos arredores de Setubal

Objectos prehistoricos encontrados no Castro da Rotura

(Continuação. Vid. o Arch. Port., VIII, 127)

E) CONTA DE CALAITE:

Esta conta com a fórma e grandeza de azeitona apresenta, como as achadas por Carlos Ribeiro em Bellas (Monte Abrahão)¹ e nas grutas sepulcraes da Quinta do Anjo, a côr verde.

A substancia d'estas contas verdes foi analysada por Ricardo Wittnich, que concluiu que é uma variedade de esteatite².

A côr verde d'estas contas, segundo a analyse feita por M. von Bonhorst, é devida ao oxido de chromio, e não aos saes de cobre, que dão a côr azul á calaite, de outra variedade³.

Segundo a analyse feita pelo Sr. Bensande, não ha saes de cobre nas contas de calaite verde ou ribeirite, nome que o mesmo senhor deu á substancia esverdeada das contas achadas por Carlos Ribeiro⁴.

¹ Vid. *Estudos prehistoricos*, vol. II, pag. 53.

² *Ibid.*, pag. 55.

³ Vid. *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa em 1880, pag. 694 e 695.

⁴ *Ibid.*

Até hoje não tenho conhecimento de que se descobrisse nenhum jazigo de calaite, tanto nos arredores de Setubal como na península hispanica.

Segundo Plinio¹, a calaite era originaria da Dacia (hoje Romenia), do monte Caucas e da Carmania (Persia Oriental).

Talvez, como quer o Sr. E. Cartailiac, estas contas fossem trazidas de longinquoas regiões para a península pelos povos invasores no fim da idade da pedra polida².

Grutas nas proximidades do Castro da Rotura

Em toda a escarpa a que já me tenho referido, e que indo do Valtão aos Bonecos formava junto da Rotura como que a muralha de defesa do antigo castro, estão abertas cavidades naturaes, umas vezes devidas ás erosões atmosfericas, outras vezes ao deslocamento e separação das camadas calcareas. Estas cavidades apresentam-se ora sob a fôrma de grandes nichos (fig. 3.^a), ora como pequenas grutas, algumas das quaes os habitantes prehistoricos aproveitaram principalmente para jazigo dos seus mortos.

Todas estas sepulturas estão fóra do castro da Rotura, e algumas a distancia consideravel, como a descoberta em S. Luis, que fica a 1 kilometro a oeste da Rotura. Era effectivamente fóra, e mesmo ás vezes longe, das povoações, que os homens da epoca neolithica costumavam dar a ultima morada aos seus patricios, como confirma Carlos Ribeiro³.

Até agora tenho apenas conhecimento de tres cavidades em que encontrei despojos humanos: duas junto do castro da Rotura, e outra em S. Luis. Creio porém que nas anfractuosidades da parede exterior da escarpa, na parte que até agora tem escapado á exploração dos arqueiros, ainda devem existir mais algumas.

Lapa da Rotura

A meia altura da escarpa da Rotura, em logar quasi inacessivel e correspondente á parte occidental do castro, mas fóra d'elle, encontrei entre as camadas calcareas do mioceno marinho, que fôrma a escarpa, uma gruta natural em fôrma de lapa, e quasi cheia de entulhos. Como a rocha andasse em exploração, e por isso tanto a lapa como os

¹ Vid. *Historia Natural*, liv. xxxvii, cap. 56.

² Vid. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, por E. Cartailiac, pag. 134.

³ Vid. *Estudos prehistoricos de Portugal*, vol. i, pag. 61.

objectos archeologicos que continha estivessem em risco imminente de serem destruidos pelos cabouqueiros, apressei-me a mandar extrahir da gruta tudo o que nella havia até a rocha viva, tendo o cuidado de examinar a disposição dos entulhos e escolher todos os objectos que a preenchiam.

A lapa tinha pouco mais ou menos a fôrma de prisma obliquo de base rectangular, com o comprimento de 3 metros, largura de 1 metro e altura de 2 metros. A base superior e parte da face do prisma voltada para o oriente correspondiam ás aberturas da lapa.

Attendendo á exiguidade d'esta gruta e á sua situação em logar de tão difficil accesso (fig. 121.⁴), julgo que nunca serviu para habitação. Os entulhos que continha eram constituídos por terra e innumerous fragmentos de objectos em que se tinha exercido o trabalho humano. Parece que tudo tinha sido atirado para ali de montão e sem ordem alguma. Este facto tambem foi observado nas grutas sepulcraes da Quinta do Anjo, onde só a terceira gruta, a partir de leste, estava cheia de entulhos estratificados em quatro camadas¹.

Em disposição regular vi apenas na gruta da Rotura duas pedras oblongas, não aparelhadas, deitadas na direcção de norte-sul no solo da lapa e distantes entre si o intervallo de um palmo.

Apesar de não encontrar senão um fragmento de cranio humano, julgo que esta cavidade serviu de sepultura e que, muito posteriormente á epoca em que teve aquelle destino, foi violada por individuos que depois de tudo revolverem, talvez á procura de thesouros, atiraram á pressa para dentro da gruta os objectos a que não acharam serventia, para assim occultarem as suas pesquisas.

Os objectos que ali encontrei são:

A) INSTRUMENTOS DE PEDRA POLIDA:

1.º Um fragmento (fig. 122.²) de instrumento de pedra que devia ter fôrma de cutello, parecido com a actual gramadeira para trilhar o linho. Este instrumento, quando completo, devia ser semelhante aos cutellos colligidos por Estacio da Veiga, que os obteve em Alcaria do Pocinho no concelho de Villa Real de Santo Antonio².

O fragmento achado na Rotura conserva ainda parte do espigão em que se conhecem visivelmente os vestigios do attrito do cabo por onde se empunhava o instrumento.

¹ Vid. *Religiões da Lusitania*, por Leite de Vasconcellos, vol. I, pag. 231.

² Vid. *Antiquidades monumentaes do Algarve*, por E. da Veiga, vol. IV, pag. 115.

2.^o Um machado que termina de um lado em gume afiado, e do outro em plano irregular, talvez devido a fractura (fig. 123.^a).

3.^o Um fragmento de instrumento que julgo ser clava de pedra. Este instrumento tem na sua superfície vestígios de ser coberto com agua de cal, e assim foi tirado do interior da gruta (fig. 124.^a).

4.^o Uma pequena placa rectangular de pedra (fig. 125.^a) de que ignoro a serventia.

B) RESTOS DE PRODUCTOS CERAMICOS:

1.^o Um pequeno vaso quasi inteiro em forma de tulipa, profusamente ornamentado em toda a sua superfície externa, inclusive o fundo.

As figs. 126.^a e 127.^a representam o vaso visto de perfil e do lado do fundo. Este vaso, tanto pela sua forma como pela ornamentação, é muito semelhante aos que foram encontrados por Carlos Ribeiro nas grutas do Casal do Pardo, na quinta do Anjo. Nos sulcos dos desenhos feitos no vaso achado na lapa da Rotura vêem-se numas partes vestígios de cal e noutras uma substancia vermelha, o que me faz julgar que o vaso foi primitivamente pintado exteriormente. O barro de que foi feito este vaso não foi bem escolhido, pois que na sua massa apresenta grande quantidade de pequenas pedras de quartzo. A espessura das suas paredes é de 0^m,005. Nas extremidades de um dos diametros do fundo ha dois orificios, como se vê na fig. 127.^a, o que me faz suppor que este vaso, que na sua epoca devia ser bello, poderia servir, á maneira dos actuaes cinchos, na fabricaçào do queijo para separar a agua do leite do queijo coalhado.

2.^o Um fragmento de um vaso de barro, que, quando inteiro, devia ter a forma de calote espherica. A fig. 128.^a representa uma restauração d'este vaso, que tem encorporado o fragmento que fazia parte do original. Era ornamentado lateral e exteriormente com desenhos semelhantes aos do vaso anteriormente descrito, como se vê na figura.

3.^o Pequeno vaso, a que faltam alguns pedaços, representado na fig. 129.^a Este vaso é de barro muito fino e bem escolhido. As paredes tem apenas 0^m,002 de espessura. Não tem ornamentação alguma e apresenta duas asas em forma de mamillos com o intervallo de 90 graus, o que indica que o vaso quando inteiro devia ter quatro d'estas pequenas asas.

4.^o Muitos fragmentos de vasos de varios feitios, uns sem ornamentação alguma, e outros muito bem ornamentados, como os representados nas figs. 130.^a a 146.^a

Quasi todos estes vasos foram formados sem o auxilio da roda de oleiro, e de barro geralmente muito bem escolhido.

5.^o Uma placa de fôrma de prisma recto, de base rectangular, feito de barro mal cozido. Este prisma tem de comprimento 0^m,1, de largura 0^m,03 e de altura 0^m,075; está representado na fig. 147.^a e é atravessado proximo de cada um dos cantos e parallelamente ás arestas menores das bases por quatro canaes que ali se acham abertos. Este objecto servia para andar suspenso por fios, que passavam por dois canaes contiguos; o que se deprehende dos sulcos produzidos pelo attrito d'esses fios nas faces do prisma, desde os orificios dos dois canaes até a aresta mais proxima. Todas as arestas d'este objecto se acham desgastadas pelo muito uso que tiveram, apresentando-se em seu lugar superficies arredondadas. Como se vê na figura, a face ali representada tem um desenho formado por uma linha quebrada em zig-zag.

A fig. 148.^a representa um fragmento de outra placa com a fôrma geral semelhante á anterior e tambem da mesma substancia.

Parece porém que o objecto de que resta o fragmento não chegou a ser usado, porque as arestas apresentam-se vivas, e não ha vestigios de mordeduras feitas no barro pelos fios que atravessavam os canaes. Tambem não apresenta desenhos em nenhuma das suas faces.

Henri e Louis Siret, referindo-se a objectos semelhantes achados em diferentes localidades no sudeste de Espanha, são de opinião que estes prismas eram pesos destinados a tender os fios nos teares primitivos ¹.

C) Duas mós de grés quartzoso, sendo uma dormente e outra movente (fig. 149.^a).

Estas duas pedras nada tem regular senão as superficies cylindricas entre as quaes se moiam as sementes. A superficie da mó movente é convexa e ajusta-se perfeitamente á superficie da mó dormente que é concava. A mó movente é achatada e foi partida de maneira que a tornaram cordiforme a fim de ser mais manejavel no movimento de vae-vem a que era destinada sobre a mó dormente.

O lugar mais proximo da Rotura, onde ha grés da qualidade de que são formadas as mós, é proximo á praia de Galapos, ao sul da serra da Arrabida, no local onde tambem houve uma estação neolithica de que adeante fallarei.

D) Pedacos de barro quasi cru, que se acham perfurados com canaes na maior parte parallellos entre si e alguns transversaes (figs. 150.^a a 159.^a).

Parcece que o barro foi posto á mão sobre uma armação feita com paus da grossura de proximamente 0^m,01, que tanto é o diametro medio

¹ Vid. *Les premiers âges du métal dans le sud-est d'Espagne*. Atlas, est. n.^o 3, fig. 26 e est. n.^o 14, 16 e 20.

dos canaes. Formava-se assim um revestimento de barro que, como se deprehende das dedadas impressas na superficie dos fragmentos que encontrei, era affeigado exteriormente com as mãos.

Talvez a gruta fosse coberta com um tecto formado por feixes de varas de arbustos e revestido pela parte superior e externa com o barro amassado, que talvez constituísse d'esta fôrma o início da *tegula* de que ulteriormente os Romanos fizeram largo uso.

As faces planas dos fragmentos do barro que encontrei apresentavam-se avermelhadas pela acção que o fogo exerceu nos saes de ferro encorporados no barro. Julgo este effeito devido a ter-se, por assim dizer, tostado exteriormente o revestimento do tecto da gruta, a fim de tornar o barro que cobria o tecto mais resistente aos agentes atmosphéricos.

E) Um punhado de grãos de trigo completamente carbonizados e que por esta circumstancia conservaram a sua fôrma durante tantos seculos. Estas sementes acham-se agglutinadas fracamente umas ás outras, separando-se com facilidade. Os grãos tem em media 0^m,007 de comprimento, 0^m,004 de largura, e apresentam exactamente a fôrma do actual trigo rijo.

F) Um fragmento muito pequeno de cranio humano. A espessura d'este osso é de 0^m,003.

G) Grande quantidade de ossadas de mamíferos, em que predominam ossos e dentes de cabra. Muitos d'estes ossos acham-se carbonizados, o que me faz julgar que eram os restos das viandas assadas para os festins funebres.

Tambem encontrei alguns fragmentos de pontas de veado, unhas de boi, uma navalha de javali e dentes de porco.

H) Grande quantidade de cascas de molluscos das especies que tenho encontrado dentro do castro da Rotura e que já mencionei.

I) Um fragmento de instrumento de cobre, o que prova que o uso da sepultura chegou até a epoca co-metallica.

Lapa funeraria de S. Luis

A escarpa da Rotura prolonga-se para o lado occidental do castro do mesmo nome, até 2 kilometros de distancia, ficando entre a escarpa e a serra de S. Luis um pequeno socaleo onde a 1 kilometro a oeste da Rotura se ergue a pequena ermida de S. Luis.

Proximo d'esta ermida ficam as ruínas do casal da Lapa; numa parte da escarpa subjacente a este casal, em posição analogá á da gruta da Rotura, de que já fallei, deparou-se aos cabouqueiros uma lapa onde

me disseram que tinham encontrado tres esqueletos humanos, alguns cacos de louça grosseira, carvão, cinzas e ossos queimados. Os cabouqueiros quasi tudo destruíram, e quando, tendo conhecimento do achado, fui para ver a lapa e os objectos nella encontrados, só achei dispersos pelo solo: um pedaço de clava de rocha amphibolica, alguns fragmentos de uma placa de ardósia que os cabouqueiros propositada e estupidamente tinham partido, ossos humanos, ossos de mamíferos carbonizados, cascas de molluscos e cinzas.

Passarei a dar noticia d'esses objectos.

A) INSTRUMENTOS DE PEDRA:

1.^a Um fragmento da parte anterior de uma clava de rocha amphibolica (fig. 160.^a). A clava a que este fragmento pertencia é da especie de armas mais antigas que se conhece e de que, segundo a mythologia, o proprio Hercules, se servia. Esta arma devia ser terrivel quando usada por individuos adestrados no seu maneo. O resto da clava achado na gruta de S. Luis tinha na sua secção transversal a fórma de segmento circular; a pedra de que ella é feita foi apparelhada com um instrumento de substancia mais dura do que a rocha amphibolica de que é formada e terminando em bico agudo, como se deprehende da nitidez das pequenas covas espalhadas por toda a sua superficie. Algumas incrustações na superficie da fractura da clava demonstram que o instrumento já estava partido muito antes dos cabouqueiros darem com elle. Este instrumento de guerra foi provavelmente partido na cerimonia do funeral de algum dos individuos que foram inhumados na gruta.

Este facto parece ter analogia com o praticado na Europa antiga, cujas sepulturas dão prova de que nos ritos havia a destruição intencional das armas que pertenciam aos fallecidos ¹.

2.^a Diversos fragmentos de machados de pedra polida.

B) PLACA DE SCHISTO:

A figura 161.^a representa parte de uma placa de lousa que encontrei junto da lapa sepulcral de S. Luis, de onde foi tirada. Esta lamina era trapezoidal e tem desenhos triangulares gravados na face representada na figura. Na parte superior tem um orificio para suspensão, que parece ser praticado pelo movimento giratorio de um furador em fórma de pyramide cujas arestas fossem muito irregulares. Talvez este

¹ Vid. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, por E. Cartailhac, pag. 252.

furador fosse de sílex e semelhante a um, de que adiante fallarei, achado no sopé do monte Vaqueiro, onde encontrei os restos de uma estação neolítica.

Seriam estas placas distinctivos militares com character religioso, como succede ainda hoje com as medalhas das ordens militares?

C) FRAGMENTOS DE OSSOS HUMANOS:

Nestes ossos apenas notarei alguns caracteres, que me parecem dignos de estudo para o conhecimento ethnologico dos individuos que foram inhumados na lapa.

1.º Fragmento de um humero direito (fig. 162.^a).

Neste osso ha que notar que a cavidade olacraniana não está perfurada. A perfuração de cavidade humeral é naturalmente devida, segundo Felix Regnault¹, a pressão do bico do olacranio na cavidade do humero, chegando a perfurá-lo quando certos movimentos são muito amplos e repetidos, e alem d'isto os ossos pouco resistentes. Este character osseo é muito commun nos negros e nos berberes².

Estes ultimos são considerados por alguns autores como os actuaes representantes, tanto da primitiva população da península iberica³, como da familia prehistorica de Cro-Magnon⁴.

A falta de perfuração do humero, falta que é muito frequente nalgumas sepulturas aristocraticas francesas da idade media⁵, afasta pois o individuo, a que pertencia o osso achado na lapa de S. Luis, tanto dos actuaes berberes como dos seus antepassados prehistoricos que deixaram vestigios em Cro-Magnon.

2.º Fragmento superior de um femur do lado direito (fig. 165.^a).

Neste femur as duas series de rugosidades, que quando reunidas tomam o nome de linha aspera, estão quasi confundidas numa só e não destacadas uma da outra e salientes formando pilastra, como succede nos individuos da familia de Cro-Magnon⁶.

Este character tambem afasta, como no caso antecedente, o individuo, a que pertencia o osso, da mais antiga raça peninsular e da familia inhumada em Cro-Magnon.

¹ Cf. *Bulletins et mémoires de la Société d'Anthropologie*, anno de 1901, pag. 386 e 392.

² Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 306.

³ *Ibid.*, pag. 475.

⁴ Vid. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, por E. Cartailiac, pag. 12.

⁵ Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 307.

⁶ *Ibid.*, pag. 309.

3.º Fragmento superior de femur do lado esquerdo (fig. 164.ª).

Neste femur caíram o grande trochanter e a cabeça do femur; o pequeno trochanter está quasi desligado do corpo osseo.

Como estes factos se não dão no femur anteriormente referido, julgo que o femur do lado esquerdo pertencia a individuo mais novo do que o que possuía o femur do lado direito; pois que como é sabido a consolidação das epiphyses é em grau tanto maior quanto mais idoso é o individuo.

Estes caracteres vem confirmar a noticia dada pelos cabouqueiros, que me disseram haver dentro da gruta tres esqueletos, e indicam que a sepultura era de diversos individuos talvez da mesma familia.

4.º Outros fragmentos de ossos humanos compridos (figs. 163.ª, 166.ª, 167.ª e 168.ª).

Em todos os ossos já referidos e mais fragmentos de esqueletos humanos achados nesta gruta, nota-se que as asperezas osseas em que se inseriam os musculos não estão muito salientes. Como se sabe, estas asperezas são tanto mais desenvolvidas quanto maior é a actividade d'esses musculos; por isso julgo que os individuos enterrados na gruta não foram trabalhadores mecanicos que fossem forçados a exercicios violentos muito demorados.

Talvez este jazigo pertencesse a alguma familia aristocratica da raça invasora que teria conquistado parte da peninsula na idade neolithica. A clava encontrada na gruta tambem faz suppor que a familia ali enterrada era de individuos que manejavam armas ou que as tinham como distinctivo. -

D) RESTOS DE ANIMAES:

Como já disse, misturados com a terra e removidos do interior da gruta funeraria, encontrei muitos ossos calcinados pelo fogo, cascas de molluscos, cinzas e carvão.

Os ossos estavam em grande parte carbonizados pelo fogo, e pareceram-me, apesar de deformados, ser de cabras e de bois.

As valvas de molluscos são das especies que já mencionei achadas no castro da Rotura.

Julgo que todos estes restos o são de banquetes, que se celebrariam nas cerimoniaes funebres em honra das personagens inhumadas neste jazigo prehistorico. As cinzas e carvão parecem indicar que as viandas eram assadas em local junto da sepultura, e que, terminados os festins, tudo se introduzia no jazigo.

(Continúa).

A. I. MARQUES DA COSTA.

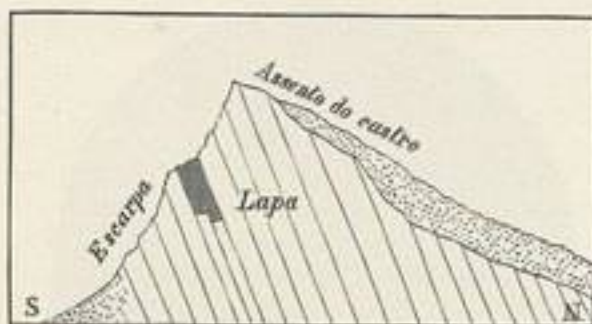


Fig. 121.^a (f/m)



Fig. 122.^a (f/a)



Fig. 123.^a (f/a)



Fig. 124.^a (f/a)



Fig. 125.^a (f/a)



Fig. 126.^a (f/a)

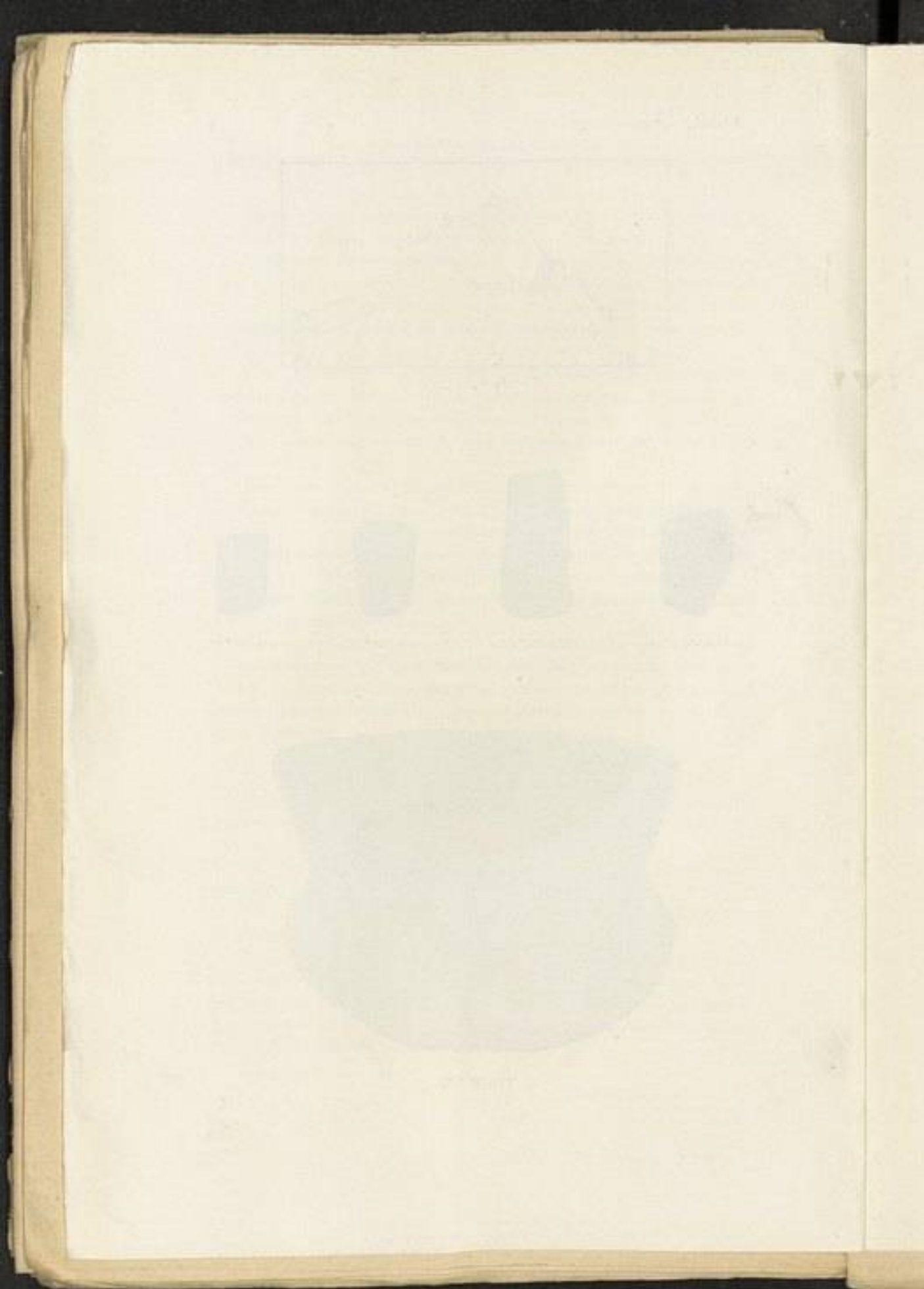




Fig. 187.ª (1/4)

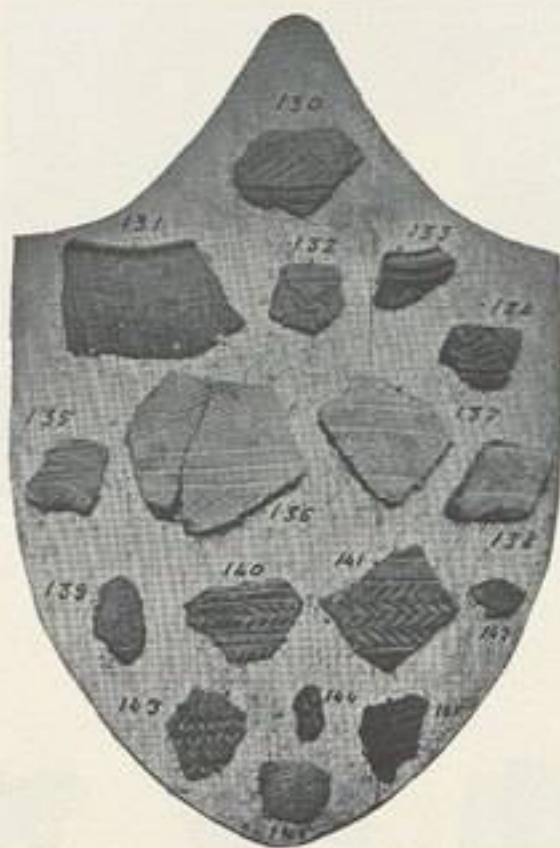


Fig. 188.ª (1/4)



Fig. 189.ª (1/4)





Figs. 130.^a & 146.^a (1/20)



Fig. 147.^a (1/4)



Fig. 148.^a (1/4)





Fig. 149.* (1/2a)



Fig. 150.* (1/2a)



Fig. 151.* (1/2a)



Fig. 152.* (1/2a)



Fig. 153.* (1/2a)



Fig. 154.* (1/2a)



Fig. 155.* (1/2a)





Fig. 134.ª (1/a)



Fig. 137.ª (1/a)



Fig. 138.ª (1/a)



Fig. 139.ª (1/a)



Fig. 100.ª (1/a)



Fig. 101.ª (1/a)



Fig. 102.ª (1/a)



Fig. 103.ª (1/a)



Fig. 104.ª (1/a)



Fig. 105.ª (1/a)



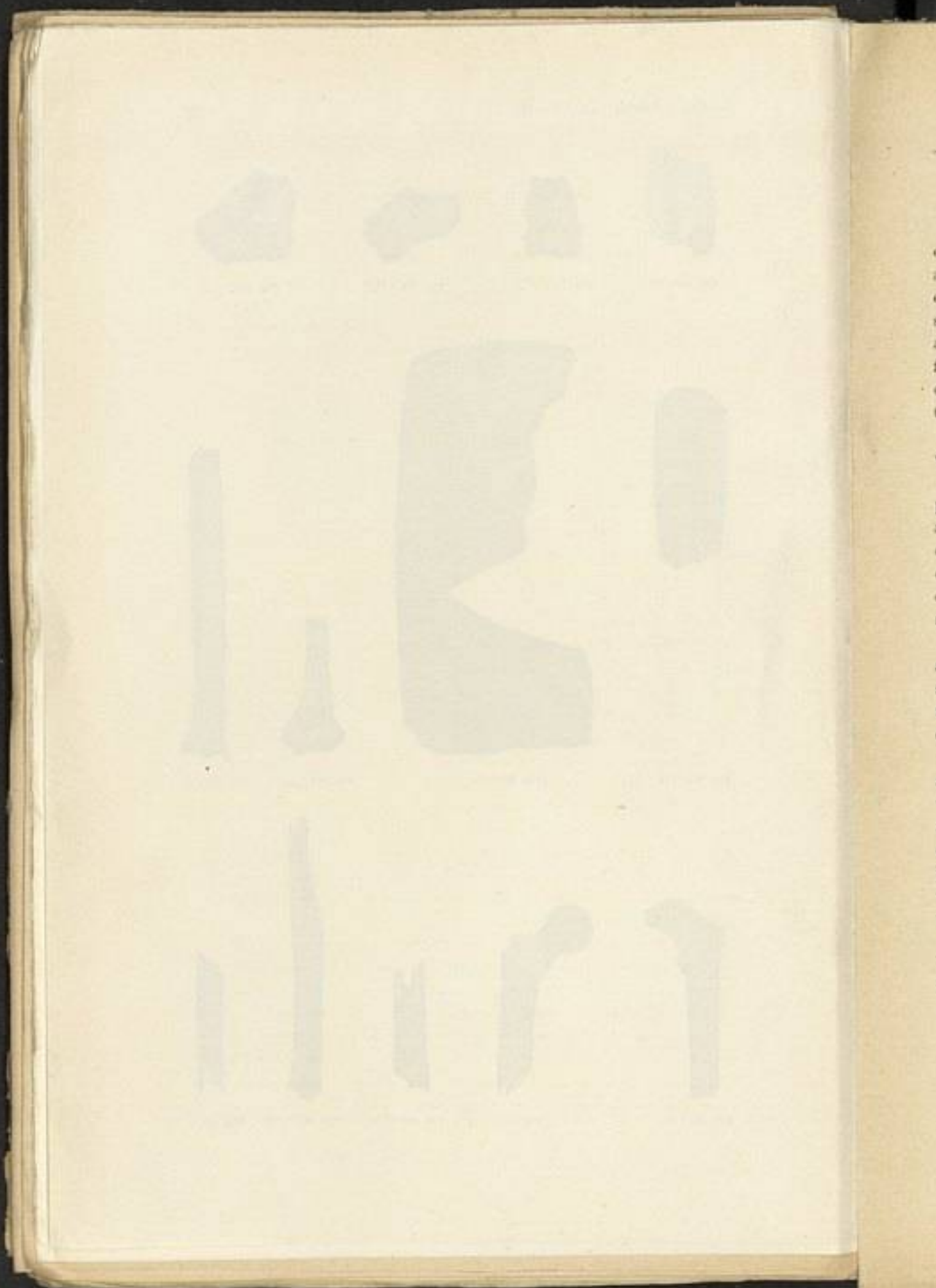
Fig. 106.ª (1/a)



Fig. 107.ª (1/a)



Fig. 108.ª (1/a)



Heraldica municipal

Rodrigues Sampaio, um dos homens de maior prestigio do partido conservador, em portaria datada de 26 de Agosto de 1881, ordenou aos governadores civis que fizessem sentir ás camaras municipaes e outras corporações dos respectivos districtos a necessidade de apresentarem no cartorio da nobreza os diplomas dos brasões que usavam, a fim de ali serem registados, bem como outros quaesquer actos justificativos. As corporações, porem, que usando de brasões não tivessem os devidos titulos seriam convidadas a obtê-los pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino e a registá-los no referido cartorio.

Era este resumidamente o dispositivo da peça official que vou levemente considerar.

Até 1881 a heraldica municipal esteve absolutamente livre, ao que parece, de registo no armorial, mas d'aquella data em diante todas as povoações que usassem brasões estavam a elle sujeitas, a não ser que provassem terem cumprido o preceituado; como, porem, nenhum escudo municipal soffreu o devido registo até 1881, segundo julgo, e a portaria dá a entender, segue-se que todas as povoações do país são obrigadas ao respectivo cumprimento.

Esta determinação vein ferir todas as camaras, mas principalmente as mais antigas, pois são estas justamente as que não podem apresentar diploma justificativo, ao passo que algumas de mais recente instituição tem-se encartado devidamente, posto lhes falte ainda a verba dos registos no armorial.

Nas antigas cartas de fundação de concelhos vem sempre expressa a faculdade de estes usarem *signa* e *sêllo*, ficando tacitamente ao alvedrio das villas escolherem a competente divisa. Se tinha castello a respectiva villa, (e qual não o teria?), no competente escudo vinha elle representado; se o nome da povoação se prestava á etymologia popular (Alenquer, Chaves, Coruche, etc.), aproveitava-se convenientemente o ensejo de ostentar um symbolo fallante; e, se era corrente uma lenda, uma figura a symbolizava.

A portaria diz que algumas camaras usam desde tempos remotos de brasões, sem haverem solicitado o respectivo diploma. Essa pretendida inadvertencia explica-se facilmente pela criação do cartorio da nobreza ser mais recente do que a erecção de grande numero de municipios.

O unico modo de conhecer os brasões municipaes autenticos consiste no exame das armas esculpidas nos castellos ou outros edificios das povoações, e ainda no exame dos sellos que pendem das cartas lavradas ou autenticadas pelas autoridades locais.

Os archivos são portanto dos logares mais proprios e mais commodos para se alcançar o conhecimento exacto da heraldica de toda a especie, porque nelles, pendentes dos instrumentos, se conservam muitas vezes os competentes sellos que ordinariamente tem representados as divisas dos senhores e dos concelhos.

A melhor collecção portugueza que existe, sem duvida, é a do Archivo Nacional; o unico defeito que a inutiliza, todavia, é que ninguém a pôde examinar no conjunto, e ninguém sabe as peças que comprehendendo. Os sellos, apertados nos maços que se guardam em caixas, sem ventilação, em sitios humidos, soffrendo fortes e constantes pressões, estão sujeitos a facilmente se esboroarem e pulverizarem, sem que haja possibilidade nem esperança de brevemente ficarem postos em liberdade dentro de mostradores envidraçados, que lhes dêem ar, secura, e os resguardem do pó. É isto mais um capitulo, porém ainda não irremediavel, do desprezo pelas antiguidades patrias¹.

No *Thesouro da Nobreza*, que de Alcobaga vein para o Archivo Nacional e de que é autor o rei de armas India, Francisco Coelho, filho do rei de armas de D. João IV, de nome Antonio Coelho, encontram-se pintados os brasões de 81 povoações de Portugal. Tem a data de 1675, e deve considerar-se talvez como a mais antiga collecção d'este genero. Não se deve, todavia, inferir da existencia d'aquelles escudos no *Thesouro*, que, na concessão de brasões ás terras, intervissem, já então, os reis de armas de qualquer modo, porquanto no citado codice vem ainda armas de soberanos e nações que, escusado será dizer, estavam absolutamente independentes dos reis de armas de Portugal.

Francisco Coelho diz no supracitado trabalho, ao descrever o methodo que empregou: «logo se vão seguindo outras mais modernas de muytos Reynos, Reys, Principes e Senhores do Mundo, até se entrar no Thesouro dos do Reyno de Portugal, donde estão as de muitas Cidades, e das Villas mais principaes, que tem lugar, e voto nos actos Reaes, e as das Ordens militares e Regulares que ha no Reyno».

O officio de rei de armas é ou era provido pelo mordomo-mor da casa real (*maior domus maior*, *maire du palais*, *Hausmeier*) conforme se diz no regimento, provavelmente do sec. XVI, publicado no *Systema ou Collecção dos Regimentos*, VI, 474, de onde extráio o seguinte trecho: «Provê o Mordomo Mor ao Porteiro da Camara, Reposteiros da camera, e do Estrado, e Moços da Estribeira, assim do numero, como

¹ Recentemente (verão de 1903) foi demolido na Rua do Marquês de Alegrete, junto ao arco, um edificio que tinha duas minuscultas portas ogivais e uma porta rectangular, larga, com as arestas das hobreiras quebradas.

extravagantes: Reis de Armas, Farautes (= arautos) e Passavantes, Charamelas, Trombetas, e Atabaleiros; e todos os mais Officiaes mechanicos da Casa Real, como são Ourives do ouro e prata, Pintor, Barbeiro, Livreiro, Cerieiro, Confeiteiro, Boticario, e os mais d'esta qualidade, e Mestre de ensinar a dançar as Damas, e Bailhador da Mourisca, e os Fysicos, e Cirurgiões do numero, e extravagantes».

O cartorio da nobreza funciona actualmente em casa alugada na Rua Nova do Loureiro.

Em virtude da portaria de 26 de Agosto de 1881, o Municipio de Lisboa, que usava de escudo com anterioridade superior á introdução dos reis de armas em Portugal, pretendeu regularizar a situação «pedindo para ser ratificado e autenticado, pela repartição da armaria, o brasão de armas da cidade de Lisboa, segundo a tradição e as regras heraldicas, de tal sorte que o dito brasão, cuja posse data de remotas eras, ficasse tendo fôrma regular e permanente».

No archivo da Camara de Lisboa, que é modelar no nosso meio, e que tem á frente pessoa absolutamente competente: «Faltava um padrão autentico, um titulo qualquer que a (*divisa da cidade*) regulasse e que tivesse força e validade, e por isso se notava a falta de uniformidade nos desenhos, que eram apenas o fruto da fantasia de cada um».

Agora sanado esse inconveniente «guarda no seu archivo o diploma legal que lhe ratifica e autentica a legitimidade da posse e a origem historica do mesmo brasão».

Em seguida ao preambulo do tomo X dos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, pacientemente colligidos pelo Sr. Eduardo Freire de Oliveira, vem transcrita a carta de brasão á cidade de Lisboa, datada de 21 de Abril de 1897.

Ao cabo talvez de quinhentos ou seiscentos annos logrou Lisboa a posse de um diploma que lhe é completamente inutil e, acima de tudo, servil. É um diploma symbolico que pretende romper com o passado do municipio e com a sua independencia.

Não me recorde de ter encontrado nenhuma carta de brasão municipal anterior ao seculo XIX, registado na Chancellaria real ou no Registo das mercês, facto em que se apoia principalmente a minha intuição que ás armas das villas se applicavam formalidades diversas das dos individuos.

Seguidamente transcrevo o teor da portaria de 1881:

Ministerio das Negocios do Reino — Direcção Geral de Administração Politica e Civil — 1.ª Repartição. — Convido regular o ramo de serviço publico que diz respeito á armaria, a qual constitue uma parte importante da historia e da archeologia, e não existindo no cartorio da nobreza d'estes reinos os elementos

indispensaveis para se poder organizar um trabalho de reconhecida utilidade, como são, além de valiosos documentos da historia, especialmente a que respeita a antiguidades, os titulos do brasões concedidos a diversos municipios, já para commemorar factos celebres, já para perpetuar a memoria de serviços relevantes feitos á patria, de que não ha conhecimento naquella repartição;

Considerando que algumas camaras municipaes e outras corporações usam, desde tempos remotos, de brasões, sem haverem solicitado os competentes diplomas:

Manda Sua Magestade El-Rei, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, que os governadores civis dos districtos do continente do reino e ilhas adjacentes façam sentir ás camaras municipaes e outras corporações dos seus districtos, a conveniencia de dar cumprimento a este preceito da lei, convidando aquellas que tiverem já os diplomas dos brasões, de que usam, a apresentá-los no cartorio da nobreza, a fim de serem ali devidamente registados, assim como quaesquer outros documentos e esclarecimentos que nos archivos se encontrem e que tenham relações com o assumpto; e pelo que pertence ás mesmas corporações que não possuem titulo em devida forma, que prove a legitimidade da posse e a origem historica dos brasões de que fazem uso, cumpre que os referidos magistrados lhes façam constar que o devem solicitar por esta Secretaria de Estado, na conformidade da lei, sendo depois igualmente registados naquelle cartorio. — Antonio Rodrigues Sampaio.

(*Diario do Governo*, n.º 195 de 1 de Setembro de 1881).

PEDRO A. AZEVEDO.

Onomastico medieval português

(Continuação, Vid. o *Arch. Port.*, VIII, 186)

- Amacislitello, geogr., 959. L. D. Mum. Dipl. 46, l. 32.
 Amace, geogr., 915. Doc. ap. auth. sec. XIV. Dipl. 12, n.º 18.
 Amagia, castro, 1045. Doc. most. Moreira. Dipl. 206, n.º 339. Id. 258.
 Amagiia, castro, territ. port., 1073. Doc. most. Avê-Maria. Dipl. 314.
 Amaia, geogr., 1009. L. Preto. Dipl. 128, n.º 209.
 Amaie, castro, 1097. Doc. most. da Graça. Dipl. 509, n.º 857.
 Amandi, geogr., 1258. Inq. 434, 1.ª cl.
 Amando, n. h., 870. L. D. Mum. Dipl. 4, n.º 5.
 Amanelos, geogr., 1258. Inq. 335, 2.ª cl.
 Amanoes, geogr., 1258. Inq. 316, 2.ª cl.
 Amarall, app. h., sec. XV. S. 339.
 Amarantis, rio, 1078. Doc. most. Arouca. Dipl. 335.
 Amarela (Porta da), geogr., 1258. Inq. 431, 2.ª cl. — Id. 432.
 Amarelli, geogr., 1090. Doc. most. Pendorada. Dipl. 437, n.º 732.
 Amarellici, app. h., 1084. Doc. most. Moreira. Dipl. 376, n.º 629.

- Amarelliz, app. h., 1059. L. D. Mum. Dipl. 259.
Amarello, n. h., 907. Doc. most. S. Vicente. Dipl. 10.—Id. 11 e 39.
Amares, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 258, l. 19.—Inq. 93.
Amatel, campo, 1258. Inq. 635, 2.^a cl.
Amatorem, n. h., 976. Doc. most. Loryão. Dipl. 74, n.^o 117.
Amaya, castro, 1075. Doc. most. Moreira. Dipl. 320.
Amazaeiro, geogr., 1258. Inq. 346, 1.^a cl.
Amberte, n. h., 1220. Inq. 4.—Id. 77.
Ambertiz, app. h., 1273. Leg. 231.
Ambia, app. h., sec. xv. S. 145.—Id. 386.
Ambra, app. h., sec. xv. S. 269.
Ambulatus, n. h., 957. Doc. most. Loryão. Dipl. 43.
Amdriquiz, app. m., sec. xv. S. 284.
Amealibus, geogr., 1258. Inq. 699, 2.^a cl.
Ameano, geogr., 1258. Inq. 705, 1.^a cl.
Amedeiro, n. h., 995 (?). Doc. most. Pendorada. Dipl. 108.
Amedeu, n. h., 1154. For. de Sintra. Leg. 383.
Amedo, geogr., 1258. Inq. 435, 2.^a cl.
Ameedela, geogr., 1258. Inq. 330, 1.^a cl.
Ameedelo (S. Martinho de), geogr., 1220. Inq. 49, 2.^a cl.
Ameedo, geogr., 1258. Inq. 713, 1.^a cl.
Ameela, app. h., 1258. Inq. 586, 2.^a cl.
Ameena, app. h., 1258. Inq. 586, 2.^a cl.
Ameendo, geogr., 1258. Inq. 435, 1.^a cl.
Ameixenedo, villa. Dipl. 308.—Id. 16.
Amelliz, app. h., 986. L. D. Mum. Dipl. 93.
Amellizi, app. h., 1047. Doc. most. Pendorada. Dipl. 220.
Amenaya, n. h., sec. xv. S. 261.
Amendula, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 262, l. 27.
Ameneto, geogr., sec. xi (?). L. D. Mum. Dipl. 562.
Amenitello, geogr., 1086. Tombo D. Maior Martinz. Dipl. 394.—Id. 485.
Amexeneto, geogr., 1080. Doc. Univ. de Coimbra. Dipl. 354.
Amici, villa, 1082. Doc. most. Pendorada. Dipl. 366.
Amiidelo e Amidelus (S. João de), villa, 1258. Inq. 484, 1.^a cl.
Amil, geogr., 1220. Inq. 160, 2.^a cl.
Amindula, castello, 960. L. D. Mum. Dipl. 51, l. 7.
Aminidelo, geogr., 1068. Doc. most. Moreira. Dipl. 288, n.^o 460.
Aminitello, villa, 1025. L. D. Mum. Dipl. 160.—Id. 249.
Amiranziz, geogr., 1258. Inq. 504, 2.^a cl.
Amixenitello, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 257, n.^o 420.

- Ammor, n. h., 1037. L. Preto. Dipl. 180.
 Amnuxeneto, villa, 1070. Doc. most. Pendorada. Dipl. 304.
 Amoos, geogr., 1220. Inq. 153, 1.^a cl.
 Amorim, geogr., 1033. Dipl. 172, n.^o 281.
 Amorim (S. Jacob de), geogr., 1220. Inq. 115, 1.^a cl.
 Amorosa, geogr., 1258. Inq. 723, 2.^a cl.
 Amplilotius, n. h., 915. Doc. ap. sec. xiv. Dipl. 13, n.^o 18.
 Amprio, app. h., 1258. Inq. 409, 2.^a cl.
 Amriquez, app. h., sec. xv. S. 254.
 Amula, monte, 1098. Tombo de D. Maior Martinz. Dipl. 526.
 Amunne, n. pess., 985. Doc. most. Lervão. Dipl. 93.
 Anagaça, vinha, 1272. Doc. citado no Elucid. de Vit., voc. *Maravediadas*.
 Anagildiz, app. h., 990. L. Preto. Dipl. 99, n.^o 159.
 Anagildus, n. h., 1008. L. Preto. Dipl. 125, n.^o 203.
 Anagullo, n. h., 985. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 92.
 Anaia, n. h., 1046. L. Preto. Dipl. 213, n.^o 344.—Id. 254, n.^o 413.
 Anaís, n. m., 1220. Inq. 779, 1.^a cl.
 Anana, app. h., 1258. Inq. 301, 2.^a cl.
 Ananelos, geogr., 967. Doc. most. Lervão. Dipl. 59.
 Anania, n. h., 1063 (?). Doc. ap. sec. xiv. Dipl. 274.
 Anas (Senra de), geogr., 1258. Inq. 706, 2.^a cl.
 Anaxe. Vide *Pressa anaxe*.
 Anaya, app. h., 1258. Inq. 530, 2.^a cl.—S. 367.
 Anayaz, app. h., 1258. Inq. 331, 1.^a cl.—Id. 437.
 Anazeti, geogr. (?), 1099. L. Preto. Dipl. 544.
 Ancelaei, n. m. (?), 1100. Doc. most. Avê-Maria. Dipl. 561.
 Anceriz, geogr., 1220. Inq. 154, 2.^a cl.
 Aucha, app. m., sec. xv. S. 322.
 Auchios, geogr., 1258. Inq. 410, 1.^a cl.
 Anciaes (S. Jacob de), geogr., 1220. Inq. 18, 1.^a cl.—Id. 90.
 Andeiro, n. h., 773 (?). L. Preto. Dipl. 1.
 Andeladi, villa, 1071. Dipl. 308.
 Anderia, n. h., 1008. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 122.
 Anderias, n. h., 995 (?). Doc. most. Pendorada. Dipl. 108.
 Andila, n. h. (?), 1063. L. Preto. Dipl. 272.
 Andilla, n. h., sec. xi (?). L. D. Mum. Dipl. 563.
 Andiviso, geogr., 1258. Inq. 384, 2.^a cl.
 Andixo, geogr., 1258. Inq. 391, 2.^a cl.
 Andraes (S. Jacob de), geogr., 1220. Inq. 41, 1.^a cl.
 Andre, n. h., 981. Doc. most. Lervão. Dipl. 81, n.^o 131.

- Andreadi (Anreade), villa, 1099. Doc. ap. auth. most. Pendorada. Dipl. 543.
- Andreas, n. h., 1220. Inq. 178, 2.^a cl.
- Andree, n. h., 870. Dipl. 4.—Id. 475.
- Andres, app. h., 1258. Inq. 423, 1.^a cl.
- Andreu, n. h., 1220. Inq. 20, 2.^a cl.—Id. 185.
- Andreus, n. h., 1220. Inq. 146, 2.^a cl.—Id. 247.
- Andrias, n. h., 1006. L. Preto. Dipl. 120.—Id. 125.
- Andriati (Anreade), villa, 1098. Doc. most. Pendorada. Dipl. 527.
- Androitus, n. h., 867-912. L. Preto. Dipl. 3, n.^o 4.
- Andulfiz, app. h., 1050. L. D. Mum. Dipl. 228.
- Andulfizi, app. h., 1056. Doc. most. Moreira. Dipl. 244.
- Andullo, n. h., 957. L. Preto. Dipl. 44.
- Aneqa, cidade, 1024 (?). Doc. most. Pendorada. Dipl. 158.
- Anegia, cidade, 875. Dipl. 5.—Id. 16 e 37.
- Anegildit, app. h., 1022. L. D. Mum. Dipl. 156.
- Anegria, geogr., 882. Doc. most. da Graça. Dipl. 6.
- Ancia, geogr., 1047. Doc. most. Pendorada. Dipl. 219, n.^o 358.
- Anciie, geogr., 1045. Doc. most. Pendorada. Dipl. 212.
- Aneleiro, app. h., 1258. Inq. 320, 2.^a cl.
- Anelio, app. h., 1258. Inq. 300, 2.^a cl.
- Anezi, app. h., 983. Dipl. 87.
- Anreo, app. h., 1258. Inq. 425, 2.^a cl.
- Angarna, rio, 1006. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 120, n.^o 196.
- Angazo, app. h., 1220. Inq. 169, 2.^a cl.—Id. 211.
- Angenado, n. h., 1032. L. Preto. Dipl. 107, n.^o 274.
- Angeses, villa, 1258. Inq. 478, 1.^a cl.
- Angliata, geogr. (?), 1087. L. Preto. Dipl. 405.
- Angorza, geogr., 950. Doc. ap. sec. XIII. Dipl. 35.
- Angueiros, geogr., 1258. Inq. 369, 2.^a cl.
- Angussa, geogr., 1258. Inq. 719, 1.^a cl.
- Anha, app. h., sec. xv. S. 334.
- Ania (S. Jacob de), geogr., 1220. Inq. 106, 2.^a cl.
- Aniedrudia, n. h. (?), 989. Doc. most. Arouca. Dipl. 98.
- Anilo, n. m., 1080. Tombo de D. Maior Martinz. Dipl. 348.—Id. 547.
- Animia, n. m., 994. Dipl. 105.—Id. 131.
- Animiro, n. h., 1070. Tombo de D. Maior Martinz. Dipl. 301.
- Animizi, n. m., 1033. Tombo S. S. J. Dipl. 171.
- Anlubria (Anobra), villa, 1086. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 393.
- Annay, n. h., 1091. Doc. most. Pendorada. Dipl. 450.
- Annam, monte, 1058. L. D. Mum. Dipl. 250.

- Annegia, geogr., 1061. Doc. most. Pendorada. Dipl. 268, n.º 428.
 Annex, app. h. Era de 1298. Dissert. chron., 5.º, p. 80.
 Annofrice, castro, 1059. L. D. Mum. Dipl. 258.
 Annubria (Anobra), rio e villa, 1087. L. Preto. Dipl. 415, n.º 692.
 Annor, monte, 1061. Doc. ap. sec. xiv. Dipl. 269.
 Anoi, app. h., 1006. L. Preto. Dipl. 120.
 Anoruega, app. h., sec. xv. S. 321.
 Anourega, app. h., sec. xv. S. 374.
 Anovreg, castello, 1220. Inq. 38, 2.ª cl.
 Anredo, geogr., 1075. Doc. most. Moreira. Dipl. 324, n.º 529.
 Anrequez, app. h., sec. xv. S. 184 e 192.
 Anrichus, conde, 1099. Tombo S. S. J. Dipl. 542.
 Anrignit, app. h., 1258. Inq. 400, 2.ª cl.
 Anrigniz, app. h., 1220. Inq. 4, 2.ª cl.
 Anriquiz, app. h., 1258. Inq. 596, 1.ª cl. — Leg. 466.
 Ansaldi (S. Mamede de), geogr., 1258. Inq. 362, 1.ª cl.
 Ansalon, n. h., 939. Doc. most. Lervão. Dipl. 29.
 Ansalonic, app. h., 1092. L. B. Ferr. Dipl. 459, n.º 772.
 Ansaloniz, app. h., 925. Doc. most. Arouca. Dipl. 19.
 Ansalonma, app. h., 985. Doc. most. da Graça. Dipl. 91.
 Ansaroy, geogr., 1258. Inq. 525, 2.ª cl.
 Ansedí (S. Thomé de), geogr., 1220. Inq. 20 e 409.
 Anseia, geogr., sec. xi (?). L. Preto. Dipl. 279.
 Anseli, geogr., 1258. Inq. 585, 1.ª cl.
 Ansemir, geogr., 1077. Doc. most. Pedroso. Dipl. 334.
 Ansemirus, n. h., 973. L. D. Mum. Dipl. 70.
 Ansemondo, n. h., 928. Doc. most. Lervão. Dipl. 21, n.º 34.
 Ansemunde, app. h., sec. xv. S. 334.
 Ansemundi, n. h., 867-912. L. Preto. Dipl. 3.
 Ansemundiz, app. h., 1058. L. D. Mum. Dipl. 254.
 Ansemundus, n. h., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9.
 Anserici, villa, 953. Doc. colleg. Vimar. Dipl. 39, l. 8.
 Anserigu, n. h., 1010. Doc. most. Moreira. Dipl. 131.
 Anseriguiz, app. h., 1075. L. Preto. Dipl. 323.
 Anseriquiz, app. h., 1047. Doc. most. Pendorada. Dipl. 219, n.º 357.
 Id. 344.
 Ansero e Anserro, n. h., 1055. L. Preto. Dipl. 241.
 Anseto, n. h., 1098. Doc. most. Pendorada. Dipl. 521.
 Ansiaes, geogr., 1202. For. de Tovoadello. Leg. 524.
 Ansianes, villa, 1085. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 392.
 Ansidi (S. Thomé de), geogr., 1220. Inq. 94. — Id. 117.

- Ausila, n. h., 870. L. D. Mum. Dipl. 4. — Inq. 108.
Ausilanes ou Ausilianes, villa, 1055-1065. For. Ausilanes. Leg. 334.
Ausilizi, app. h., 989. Doc. most. Arouca. Dipl. 98.
Ausinanes, villa, 1055-1065. For. Ausilianes. Leg. 347.
Ausiom (Pomar de), geogr., 1258. Inq. 298, 2.^a cl.
Ausirigo, n. h., 1083. Doc. most. Pendorada. Dipl. 368.
Ausirikiz, app. h., 1091. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 452, n.^o 758.
Ausito, n. h., 1087. L. Preto. Dipl. 402.
Ansoiz, app. h., 1097. L. B. Ferr. Dipl. 515.
Ansoloniz, app. h., 1091. L. B. Ferr. Dipl. 447.
Ansoredo, n. h., 1016. L. Preto. Dipl. 142, n.^o 227.
Anssalone, n. h., 1078. Doc. most. Pedroso. Dipl. 341.
Aussemoudus, n. h., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9.
Aussorez, app. h., sec. xv. S. 265.
Ansueti, fonte, sec. xi (?). Dipl. 563, ultima l.
Ansuetus, n. h., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9.
Ansul, n. h., 1043. L. D. Mum. Dipl. 199. — Inq. 662.
Ansulfi, villa, 1090. Doc. most. Moreira. Dipl. 438.
Ansur, n. h., 897. Doc. most. Pedroso. Dipl. 8. — S. 156.
Ansuros, geogr., 1220. Inq. 78, 2.^a cl.
Ansurici, app. m., 986. L. D. Mum. Dipl. 95.
Ansuriz, app. h., 938. Doc. most. Lorrão. Dipl. 28.
Ansurizi, app. h., 1068. Doc. most. Moreira. Dipl. 291, n.^o 465.
Anta, villa, 1037. L. Preto. Dipl. 181. — Id. 51, l. 11.
Antaltares, geogr., 1220. Inq. 225, 1.^a cl. — Id. 405.
Antam, geogr., 1258. Inq. 527, 2.^a cl.
Antami, n. h., 1258. Inq. 618, 1.^a cl.
Antanes, villa, 959. Doc. ap. sec. xii. Dipl. 46.
Antas, geogr., 1220. Inq. 155.
Ante casam, geogr., 1258. Inq. 498, 2.^a cl.
Antemiri, geogr., 959. L. D. Mum. Dipl. 46, l. 2. — Id. 249.
Antes, geogr., sec. xv. F. Lopez, Chr. D. J. 1.^o, p. 1.^a, C. 160.
Antil, app. h., 1258. Inq. 594, 2.^a cl.
Antile, geogr., 959. L. D. Mum. Dipl. 46, l. 16.
Antimi (S.^{ta} Maria de), geogr., 1220. Inq. 49, 1.^a cl.
Antimir, geogr., 1083. Doc. most. Pendorada. Dipl. 368.
Antimy (S.^{ta} Maria de), geogr., 1258. Inq. 650, 2.^a cl.
Antioni, conde, 1066. Doc. most. Pendorada. Dipl. 283.
Autoana, rio, 922. L. Preto. Dipl. 16.
Autolini, villa, 981. Doc. most. Lorrão. Dipl. 82. — Id. 279.
Antonia, n. m., 933. Doc. most. Arouca. Dipl. 24.

- Antonina, geogr., 1258. Inq. 412, 1.^a cl.
 Antoniol ou Antuniol (Antanhol), villa e rio, 1079. L. Preto. Dipl. 344.—Id. 353 e 355.
 Antonius, n. h., 1010. L. Preto. Dipl. 130.
 Antoniz, app. h., 991. Doc. most. Moreira. Dipl. 99.
 Antonsendes, app. h., sec. xv. S. 143.
 Antr abras aquas, geogr., 1258. Inq. 535, 1.^a cl.—Id. 335.
 Antr ambas aqueiras, geogr., 1258. Inq. 339, 2.^a cl.
 Antr as Fontes, geogr., 1258. Inq. 294, 1.^a cl.
 Antre-ambos-os rios, geogr., sec. xv. S. ?
 Antre os Fontaos, geogr., 1258. Inq. 293, 2.^a cl.
 Antriati, villa, 946. Doc. most. Moreira. Dipl. 33, 1. 8.
 Antrudia, n. m., 1071. Doc. most. Pendorada. Dipl. 307, n.^o 496.
 Antuana, rio, 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 230.—Id. 293.
 Antulina, n. h. e m., 933. Doc. most. Lervão. Dipl. 23.—Id. 74.
 Antulizi, app. h., 1090. Doc. most. Pedroso. Dipl. 441.
 Auxur, n. h., 1055. L. Preto. Dipl. 239.
 Anyam, app. h., sec. xv. S. 367.
 Anzam (Souto de), geogr., 1258. Inq. 636, 2.^a cl.
 Anzana (Ançã), villa, 937. Doc. most. Lervão. Dipl. 27.—Id. 58, 351 e 531.
 Anzelaaci, n. m., 1100. Doc. most. Avê-Maria. Dipl. 561.
 Anzimas, app. h., sec. xv. S. 151.
 Anzo, rio, 933. Doc. most. Lervão. Dipl. 24.—Id. 431.
 Aon (Aqua de), geogr., 1258. For. Aguiar da B. Leg. 687.
 Apanada, geogr., 1258. Inq. 335, 2.^a cl.
 Apaniz, app. h., 946. Doc. most. Moreira. Dipl. 33, n.^o 56.
 Apayoo, geogr., 1258. Inq. 345, 1.^a cl.
 Apaz, app. h., 976. Doc. most. Lervão. Dipl. 73.
 Apedrados, geogr., 1258. Inq. 537, 2.^a cl.
 Apenela, geogr., 1258. Inq. 576, 2.^a cl.
 Apetradoos, geogr., 1091. Doc. most. da Graça. Dipl. 446.
 Apetratos, villa, 1093. Doc. most. da Graça. Dipl. 471.
 Apinal, geogr., 1258. Inq. 587, 1.^a cl.
 Aqua de Aon. Vidê Aon.
 Aqua esteva, geogr., 1258. Inq. 556, 1.^a cl.
 Aqualada, villa, 957. L. Preto. Dipl. 42.—Id. 53.
 Aqualadela, monte, 957. L. Preto. Dipl. 42.
 Aqualata, rio. (?), 1094. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 480.
 Aqua levata, rio, 1067. Doc. most. Pendorada. Dipl. 287.
 Aqua longa, geogr., 1258. Inq. 526, 1.^a cl.

- Aquam de boi, geogr., 1220. For. Touro. Leg. 589.
Aquam impozatam, geogr., 1223. For. Sanguinhedo. Leg. 598.
Aguas sanctas, geogr., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9, l. 2.
Aque longe, geogr., 1258. Inq. 526, 1.^a cl.
Aquellam, geogr. (?), 922. L. Preto. Dipl. 16.
Aquilar, villa, 1255. For. de Ascarei. Leg. 660. — Dipl. 261, l. 40.
Aquis Sanctis de Mauri, geogr., 1220. Inq. 196, 2.^a cl.
Arabedo, n. h., 1036. L. D. Mum. Dipl. 178.
Aracenam, geogr., sec. XIII. Leg. 253, n.^o 59.
Araceti (Arazêde), villa, 1086. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 393, n.^o 658.
Aracunte, n. h., 1258. Inq. 656, 2.^a cl.
Aracunti, n. m., 1100. Doc. most. da Graça. Dipl. 548.
Arado, geogr., 1258. Inq. 727, 1.^a cl.
Aradros, monte, 1068. Doc. ap. most. Pendorada. Dipl. 290.
Aradas, monte, 982 (?). L. D. Mum. Dipl. 82. — Id. 281.
Araes (Airões), geogr., 1220. Inq. 73, 1.^a cl. — Id. 166.
Aragildi, geogr., 1258. Inq. 408, 2.^a cl.
Aragunti, n. h., 867-912. L. Preto. Dipl. 3. — Id. 4.
Aragus, n. h., 1033. Doc. ap. sec. XVIII. Dipl. 171, n.^o 278.
Araldes, app. h., sec. XV. S. 175.
Araldez, app. h., sec. XV. S. 227.
Araldiz, app. h., 1059. Dipl. 263.
Aramenha, geogr. (?), sec. XV. F. López, Chr. D. J. 1.^o, p. 1.^a, C. 88 e 159.
Aran (S. João), geogr., 1220. Inq. 156, 2.^a cl.
Arana, app. h., 1258. Inq. 299, 2.^a cl.
Aranes, geogr., 1258. Inq. 608, 1.^a cl.
Arantey (S. Mamede de), geogr., 1258. Inq. 608, 2.^a cl.
Araoes, geogr., 1258. Inq. 596, 1.^a cl.
Araoo, geogr., 1258. Inq. 683, 2.^a cl.
Arapinadiz, app. h., 1047. Dipl. 219.
Araueca, villa, 1070. Doc. most. Pendorada. Dipl. 304. — Id. 312.
Arauka, villa, 1070. Doc. most. Pendorada. Dipl. 304.
Arauo, app. h., 1258. Inq. 532, 2.^a cl.
Araux, villa, 943. Doc. most. Lervão. Dipl. 30, n.^o 52. — Id. 405, n.^o 677.
Arauzi (Arouce), 1151. For. de Arouce e Lousan. Leg. 378.
Aravandi, geogr., 1258. Inq. 725, 2.^a cl.
Arazed, villa, 1087. Doc. most. Pendorada. Dipl. 405, n.^o 677.
Arazedo, villa, 967. Doc. most. Lervão. Dipl. 59.
Arazo, app. h., sec. XV. S. 269.
Arbote, n. h., 1220. Inq. 1. — Id. 75.

- Arca, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 258, l. 7. — Id. 50, n.º 81.
 Arcaldi, geogr., 1258. Inq. 533, 2.ª cl.
 Arcarigu, n. h., 991. Doc. most. Vairão. Dipl. 101.
 Arcela, geogr., 1258. Inq. 370, 1.ª cl. — Id. 434.
 Archa, geogr., 1258. Inq. 725, 1.ª cl.
 Archacha, geogr., 1258. Inq. 712, 1.ª cl.
 Archo, geogr. (?), 1258. Inq. 721, 1.ª cl.
 Arco da Pedra, geogr., 1258. Inq. 304, 2.ª cl.
 Arco de Baulhe, geogr. (?), sec. xv. F. López, Chr. D. J. 1.ª, p. 2.ª, C. 52.
 Arcozelo, villa, 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 230. — Inq. 588.
 Arcucelo (S.ª Maria de), geogr., 1083. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 372, n.º 621.
 Arcus, villa, 952. L. D. Mum. Dipl. 38. — Id. 30, n.º 51.
 Arcunzen, geogr. For. de Germanello. Leg. 433.
 Arcuzelo (S. Jacobo de), geogr., 1220. Inq. 226, 2.ª cl.
 Ardagam, app. h., 1258. Inq. 482, 2.ª cl.
 Ardaganes, villa, 1258. Inq. 504, 2.ª cl.
 Ardani, geogr., 1059. L. D. Mum. Dipl. 259. — Inq. 719.
 Ardega, n. h., 1087. Doc. Arch. Publico. Dipl. 407. — Inq. 130, 2.ª cl.
 Ardegam (S.ª Marina de), geogr., 1220. Inq. 54.
 Ardegazi, app. h., 1081. Doc. most. Moreira. Dipl. 361.
 Ardeicazi, app. h., 986. L. D. Mum. Dipl. 95.
 Areale, geogr., 1258. Inq. 690, 2.ª cl.
 Arealva, geogr., 1258. Inq. 555, 1.ª cl.
 Arecos, castro, 1099. Doc. most. Pendorada. Dipl. 543.
 Areda, n. h., 1043. L. Preto. Dipl. 200. — Id. 280.
 Aredazi e Aredaci, app. h., 1099. L. B. Ferr. Dipl. 536.
 Areeiro, geogr., 1258. Inq. 640, 2.ª cl.
 Aregaze, app. h., 1258. Inq. 736, 2.ª cl.
 Aregos, geogr., 1080. Doc. most. Pendorada. Dipl. 349. Leg. 429.
 Arelhal, fonte, 1270. For. Villa Viçosa. Leg. 717.
 Arelhano, app. h., sec. xv. F. López, Chr. D. J. 1.ª, p. 1.ª, C. 113.
 Aremali, geogr., 1258. Inq. 707, 2.ª cl.
 Arena longa, geogr., 961. L. D. Mum. Dipl. 52.
 Arenas, geogr., 1258. Inq. 302, 2.ª cl.
 Arenato, geogr., 1083. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 373, n.º 622.
 Arenis (S. Johanne de), geogr., 1220. Inq. 6.
 Arenteí (S. Mamete de), geogr., 1220. Inq. 61.
 Arentim, geogr. (?), 1220. Inq. 17, 1.ª cl.
 Arequili? Inq.?

- Aresivo, geogr., 1258. Inq. 720, 1.^a cl.
 Areta, n. h. (?), 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 231.
 Aretaes, rio, 1152. For. de Freixo. Leg. 380.
 Arevaz, app. h., 1220. Inq. 252, 1.^a cl.
 Arga, monte, 1071. Dipl. 306.—Inq. 328, 2.^a cl.
 Argancias, geogr., sec. xv. S. 156.
 Argandi, geogr., 1220. Inq. 150, 2.^a cl.—Id. 621.
 Arganil, villa, 1175. For. de Arganil. Leg. 403.—Id. 628.
 Argefonsi, castro, 985. Doc. most. Moreira. Dipl. 94.
 Argela (S.^{ta} Marina de), geogr., 1258. Inq. 348, 2.^a cl.
 Argello ou Argiello, n. m., 1055. L. Preto. Dipl. 240.
 Argelo, n. m., 1048. Doc. most. Moreira. Dipl. 223.
 Argemir, villa, 1081. Tombo S. S. J. Dipl. 357.
 Argemiriz, app. h., 1097. Doc. most. Pendorada. Dipl. 507.—Inq. 533.
 Argemiro, n. h., 990. Doc. most. Moreira. Dipl. 98.
 Argemondo, n. h., 995 (?). Doc. most. Pendorada. Dipl. 108.
 Argenili, n. h., 972. Doc. most. S. Vicente. Dipl. 67.
 Argentia, geogr., 984. Doc. most. Moreira. Dipl. 89, n.^o 142.
 Argentina, n. m., 1067. Doc. most. Moreira. Dipl. 286.
 Argentinil, geogr., 1010. Doc. most. Moreira. Dipl. 130, n.^o 214.
 Argenza, geogr., 1258. Inq. 343, 2.^a cl.
 Argerici, geogr., 1072. Doc. most. Moreira. Dipl. 310, n.^o 502.
 Argerigu, n. h., 974. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 71.
 Argeriquiz, app. h., 1036. L. Preto. Dipl. 177.
 Argeriz, geogr., 1220. Inq. 101, 2.^a cl.
 Argesenda, n. m., 1096. Doc. most. Pendorada. Dipl. 498.
 Argesinda, n. m., 1099. Doc. most. Pendorada. Dipl. 539.
 Argestro, geogr., 1049. Doc. most. da Graça. Dipl. 225.
 Argeuadi, villa, 953. Doc. most. Vimar. Dipl. 39, n.^o 67.
 Argeuado, n. h., 1008. Doc. most. Moreira. Dipl. 121.
 Argevedi, geogr., 1258. Inq. 615, 2.^a cl.
 Argibum, n. h., 921. Doc. most. Vairão. Dipl. 15.
 Argiello, n. h., 1043. L. Preto. Dipl. 199.
 Argifons, castro, 1012. Tombo S. S. J. Dipl. 133.—Id. 232.
 Argifonsa, n. m., 976. Doc. most. Lervão. Dipl. 73.
 Argifredus, n. h., 915. L. Preto. Dipl. 14, n.^o 20.
 Argilli (Valle de), geogr., 1258. Inq. 641, 1.^a cl.
 Argileoua, app. m., 982. L. Preto. Dipl. 83.
 Argileuua, n. m. (?), 950. Doc. most. Moreira. Dipl. 34, n.^o 60.—Id. 237.
 Argilo, n. m., 1025. L. Preto. Dipl. 159.—Id. 187.
 Argimir, geogr., 1258. Inq. 316, 1.^a cl.

- Arginiriz, app. h., 1902 (?). Doc. most. Pendorada. Dipl. 467.
Argimundo, n. h., 984. Doc. most. Moreira. Dipl. 89.
Argimundiz, app. h., 1258. Inq. 428, 1.^a cl.
Argio, n. m., 1078. Doc. most. Pedroso. Dipl. 335.
Argirigus, n. h., 967. L. Preto. Dipl. 59, n.^o 93.
Argirizi, geogr., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9, n.^o 13.
Argiuado, n. h., 1059. Doc. most. Moreira. Dipl. 188.
Arguido, geogr., 1021. L. Preto. Dipl. 154.
Argivai (S. Michael de), geogr. Inq. 113, 2.^a cl.
Argivar, geogr., 1220. Inq. 34, 1.^a cl.
Argixo, app. h., sec. xv. S. 291.
Argonza, geogr., 1258. Inq. 564, 1.^a cl.
Arguijo, app. h., sec. xv. S. 155.
Arguiro, n. h. (?), 870. Doc. most. Pendorada. Dipl. 4.—Id. 257.
Argunli, villa, 1081. Tombo S. S. J. Dipl. 357.
Arguulos (Casal dos), geogr. 1258. Inq. 391, 1.^a cl.
Arguzaes, app. h., 1220. Inq. 4, 2.^a cl.
Ariaco, geogr. Inq. ?
Arian, rio, 1097. Doc. most. Vairão. Dipl. 511, n.^o 862.
Arian ou Airan, geogr., 1220. Inq. 251, 2.^a cl.
Arianlei, app. h., 924. L. Preto. Dipl. 18.—Id. 370.
Arianiz, app. h., 953. Doc. most. Vimar. Dipl. 39.
Arianizi, app. h., 1067. Doc. most. Avê-Maria. Dipl. 284.
Arianus, n. h., 1087. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 410.
Ariariz, n. h., 976. Doc. most. Moreira. Dipl. 73.
Arias, n. h., 773 (?). L. Preto. Dipl. 1.—Id. 15, 16 e 22.
Aridius, n. h., 1021 (?). L. Preto. Dipl. 153.
Aries, n. h., 959. L. D. Munn. Dipl. 48, n.^o 77.
Arifana, geogr., 1258. Inq. 593, 1.^a cl.
Arigno, geogr., 1258. Inq. 305, 2.^a cl.
Arigufiz, app. h., 1258. Inq. 357, 1.^a cl.
Arigus, n. h., 1075. L. Preto. Dipl. 323.
Arili, fonte, 1258. Inq. 407, 1.^a cl.
Ariños, villa. Era de 1102. L. Preto. Dipl. 277.
Arinto, app. h., 1258. Inq. 308, 2.^a cl.
Arioliz, app. h., 988. Doc. most. Moreira. Dipl. 97.
Ariulf, porto de rio, 1086. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 393.
Ariulfiz, app. h., 1085. Doc. most. Pendorada. Dipl. 385.
Ariulfu, n. h., 907. Doc. most. S. Vicente. Dipl. 10.
Arlote, n. h., 1174. Leg. 403.
Arnada de porco, geogr., 1151. For. Lousã. Leg. 377.

- Armafaes (S. Felice de), geogr., 1220. Inq. 157, 2.^a cl.
Arnaldiz, app. h., 1047. L. Preto. Dipl. 220, n.^o 360.
Arnelo, app. h., 1258. Inq. 346, 2.^a cl.—Id. 412.
Armena, n. m., 985. Doc. most. da Graça. Dipl. 91.
Armentares, app. h., sec. xv. S. 174.
Armentari, villa, 922. L. Preto. Dipl. 17, l. 2.
Armentariz, app. h., 919. Doc. most. Lervão, Dipl. 15.
Armentarizi, app. h., 985. Doc. most. Lervão. Dipl. 91.
Armentom, geogr., 1258. Inq. 695, 2.^a cl.
Armenton, n. h. (?), 1042. L. B. Ferr. Dipl. 196.
Armetario, app. h., 960. Doc. most. Moreira. Dipl. 49.
Arnil, geogr., 1258. Inq. 725, 1.^a cl.
Armir (S. Martino de), 1220. Inq. 49, 2.^a cl.
Armiri, villa, 968. L. D. Mum. Dipl. 63, l. 5.
Arnolaes, geogr., 1220. Inq. 67, 2.^a cl.
Arna, app. h., 1258. Inq. 465, 2.^a cl.
Arnadele, geogr., 1258. Inq. 439, 1.^a cl.
Arnado, geogr., 1258. Inq. 705, 1.^a cl.
Arnaldo, n. h., 1156. For. de Ferreira. Leg. 385.
Arnaldus e Arialus, n. h., 1037-1065. L. Preto. Dipl. 280.
Arnardo (Arnaldo), n. h., sec. xiv (?). For. Tomar. Leg. 401, 2.^a cl.
Arnato, geogr., 1092. L. Preto. Dipl. 462.
Arnela, geogr., 1258. Inq. 668, 2.^a cl.
Arnelas, geogr., 922. L. Preto. Dipl. 16.
Arnoia, geogr., 1220. Inq. 141, 1.^a cl.—Id. 165.
Arnosa (Varzena de), geogr., 924. L. Preto. Dipl. 18, n.^o 27.
Arnosela, geogr., 1220. Inq. 141, 2.^a cl.—Id. 660.
Arnosella, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 261, l. 5.
Arnoso, villa e rio, 1077. Doc. most. Moreira. Dipl. 329, n.^o 540.
Id. 468.—Inq. 234.
Arnotati, app. h., 911. Dipl. 11.
Arnoya, most., 1220. Inq. 2, 2.^a cl.—Id. 607.
Aroerigu, app. h., 1006. L. Preto. Dipl. 120.
Arom (Agro de), geogr., 1258. Inq. 381, 2.^a cl.
Aron, n. h., 907. Doc. most. Moreira. Dipl. 10.
Aronchis, geogr., sec. xiv (?). For. Tomar. Leg. 401, 2.^a cl.
Arone, villa, 924. L. Preto. Dipl. 18, n.^o 28.—Id. 138.
Aronici, app. h. (?), 1088. Tombo D. Maior Martinz. Dipl. 425.
Aroniz, app. h., 1014. L. D. Mum. Dipl. 138.
Aropollo, n. h., 1088. L. Preto. Dipl. 419, n.^o 700.
Arosendi, app. h., 1258. Inq. 321, 2.^a cl.

- Arosinda, n. m., sec. XI (?). L. D. Mum. Dipl. 564.
 Arosindiz, app. h., 1055. L. Preto. Dipl. 242.
 Arouca, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 262.
 Arouche, geogr., sec. xv. F. López, Chr. D. J. 1.^a, p. 2.^a, C. 60.
 Arouchy, geogr., 1254-1255. Leg. 253.
 Arouci, villa, 1151. For. da Lousã. Leg. 377.
 Arouzi e Arozi, villa, 1136. For. de Miranda. Leg. 373.
 Aroy, geogr. (?), 1258. Inq. 720, 1.^a cl.
 Arquanio, campo, 954. Doc. most. Lervão. Dipl. 39.—Id. 59.
 Arqueiro, app. h., 1258. Inq. 344, 1.^a cl.
 Arqueriz, app. h., 1014. L. D. Mum. Dipl. 140.
 Arquiro, n. h., 1047. Doc. most. Pendorada. Dipl. 219.—Id. 256.
 Arraba, geogr., 1258. Inq. 490, 2.^a cl.
 Arrabea, geogr., 1258. Inq. 486, 1.^a cl.
 Arrabia, geogr., 1062. Dipl. 271, n.^o 433.
 Arragunti, n. h., 1076. Tombo S. S. J. Dipl. 325.
 Arral, geogr., 1258. Inq. 503, 2.^a cl.
 Arramaldi, geogr., 1258. Inq. 335, 2.^a cl.
 Arrancadam, geogr., 1258. Inq. 595, 2.^a cl.
 Arraniz, app. h., 1076. Tombo S. S. J. Dipl. 325.
 Arraual, geogr., 1050. Doc. most. Pedroso. Dipl. 231.
 Arraualde, geogr., 1258. Inq. 650, 1.^a cl.
 Arrefi, geogr., 1258. Inq. 318, 2.^a cl.
 Arresozinus, geogr., 1059. L. D. Mum. Dipl. 261.
 Arriane, n. h., 959. L. D. Mum. Dipl. 48, l. 7.
 Arriani, geogr., 1097. Dipl. 511, n.^o 862.
 Arriel, geogr., 1091. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 454.
 Arrio, geogr., 1258. Inq. 563, 2.^a cl.
 Arrizado, app. h., sec. xiv. Leg. 415.—Inq. 6.
 Arrochella, app. h., sec. xv. S. 350.
 Arrogel, geogr., 1266. For. Silves. Leg. 706.
 Arronzi, geogr., 1258. Inq. 725, 2.^a cl.
 Arrões, app. h., sec. xv. S. 335.
 Arroyo. Vidè Montis de.
 Arrugio, geogr., 1258. Inq. 339, 1.^a cl.
 Arsaíola, geogr., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9.
 Artal, app. m., sec. xv. S. 193.
 Artaldi, n. h., 1100. L. Preto. Dipl. 560, n.^o 949.
 Artaldo, n. h., 987. L. Preto. Dipl. 96, n.^o 153.
 Artarii, app. h., 1258. Inq. 734, 2.^a cl.
 Arteiro, app. h., 1100. Dipl. 558, n.^o 945.

- Artemro, n. h., 1043. L. D. Mum. Dipl. 199.
Artiga, n. m., sec. xv. S. 276.
Artrullu, n. h., 1012. Tombo S. S. J. Dipl. 133.
Arualdi, n. h., 961. L. D. Mum. Dipl. 52.
Arualdici e Arualdizi, app. h., 1068. Doc. most. Pendorada. Dipl. 295.
Arualdiz, app. h., 1059. Dipl. 256, n.º 418.
Arualdus, n. h., 951. Doc. most. Arouca. Dipl. 36.
Arnetani, geogr., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9.
Arufos, geogr., 1258. Inq. 375, 2.ª cl.
Arnili, n. m., 1046. L. Preto. Dipl. 215.
Arullus, n. h., 957. L. D. Mum. Dipl. 41.
Arumond, n. h., 985. Doc. most. da Graça. Dipl. 92.
Arummar, n. h., 1068. Doc. most. Moreira. Dipl. 289.
Arvazani (S.^{ta} Ovaya de), geogr., 1258. Inq. 348, 2.ª cl.
Arzelos (S. Lourenço de), geogr., 1220. Inq. 25, 1.ª cl.
Arzimiro, n. h., 1034. Tombo S. S. J. Dipl. 174, n.º 285.
Asadunen, n. m., 1017. Tombo S. S. J. Dipl. 144.
Asagie, monte, 965. Doc. most. Moreira. Dipl. 57, n.º 91.
Asagili, n. m., 908. Doc. most. Moreira. Dipl. 11.
Asaia. Vide Asia.
Asando, n. h., 1009. L. D. Mum. Dipl. 129.
Asania, app. m., 1017. Tombo S. S. J. Dipl. 144.
Asantas, geogr., 1220. Inq. 53, 2.ª cl.
Ashello, app. h., 1038. L. D. Mum. Dipl. 185.
Ascanto, n. h., 867-912. L. Preto. Dipl. 3.
Ascaricam, n. h., 921. Doc. most. Vairão. Dipl. 15.
Ascarico, fonte, 1093. Doc. most. Avê-Maria. Dipl. 473.
Ascarigiz, app. h., 1016. L. Preto. Dipl. 142, n.º 227.
Ascarigus, n. h., 922. L. B. Ferr. Dipl. 17.
Ascariquizi, app. m., 1088. Doc. most. Moreira. Dipl. 420.
Ascariz, app. h., 1008. Doc. most. Moreira. Dipl. 121, n.º 197.
Geogr., 1064. Dipl. 276, l. 6.
Ascarizi, villa, 985. Doc. most. da Graça. Dipl. 91.
Ascaron, geogr., 1220. Inq. 41, 1.ª cl.
Aschariz, villa, 1088. Dipl. 426.
Ascorigu, n. h., 1032. L. Preto. Dipl. 168, n.º 275.
Asemonda, n. h., 1032. L. Preto. Dipl. 167, n.º 273.
Asgarigus, n. h., 951. Doc. most. Arouca. Dipl. 36.
Asia (S.^{ta} Maria de S.^{ta}) ou Asaia, geogr., 1220. Inq. 27.—Id. 117.
Asiulfici, app. h., 1087. Doc. most. Arouca. Dipl. 412.
Asiulfiz, app. h., 1085. Dipl. 384, n.º 642.

- Asiulfizi, app. m., 1085. Dipl. 378, n.º 634.
Asiulfa, n. h., 1085. Dipl. 378, n.º 634.
Askariquici, app. h., 1080. Doc. most. Moreira. Dipl. 354, n.º 587.
Asnaes, geogr., 1220. Inq. 102, 1.ª cl.
Asnela, geogr., 1258. Inq. 388, 2.ª cl.
Asoiz, app. h., 1053. L. D. Mum. Dipl. 237, n.º 389.
Asoredi, villa, 959. L. D. Mum. Dipl. 45.—Id. 249.
Asorei (S. Petro de), geogr., 1220. Inq. 9.—Id. 172.
Aspadio, n. h., Dipl. (?).
Aspalo, n. h., 773 (?). L. Preto. Dipl. 1.—Id. 402.
Aspaiz, app. h., 1089. L. B. Ferr. Dipl. 431.
Aspar, geogr., 1061. Doc. most. Pendorada. Dipl. 268.
Aspanariz, geogr., 1042. L. B. Ferr. Dipl. 196.
Asperanci, monte, 1258. Inq. 665, 1.ª cl.
Asperanzas, villa, 1258. Inq. 664, 1.ª cl.
Asperigu, n. h., 907. Doc. most. Moreira. Dipl. 10.
Asperões (S. Christovao de), geogr., 1220. Inq. 205.
Asperon, geogr., 1092. Tombo D. Maior Martinz. Dipl. 464.
Asperonis, monte, 1080. Doc. most. Pendorada. Dipl. 356.—Id. 344.
Aspidius, n. h., 933. Doc. most. Lervão. Dipl. 23.
Asquiro, n. h., 1047. Doc. most. Pendorada. Dipl. 220.
Assaiola, geogr., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9.
Asserosa, geogr., 1220. Inq. 13, 1.ª cl.
Assorez, app. m., sec. xv. S. 277.
Assorosa, geogr., 1258. Inq. 721, 1.ª cl.
Assugeira, geogr., 1080. L. Preto. Dipl. 350, n.º 581.
Astagio, n. h., 1080. L. B. Ferr. Dipl. 331.
Astario, n. h., 950. Doc. most. Moreira. Dipl. 34.
Asteiro, n. h., 1012. Doc. most. da Graça. Dipl. 134.
Aster (S. Johanne de), geogr., 1220. Inq. 29, 1.ª cl.—Id. 184.
Asteriz, app. h., 1050. L. D. Mum. Dipl. 229.
Asthufo, n. h., 875. Dipl. 6.
Astileoua, n. m., 1021. L. D. Mum. Dipl. 153.
Astileuua, n. m., 1044. L. D. Mum. Dipl. 203.
Astiriz, geogr., 1258. Inq. 315, 1.ª cl.
Astocia, n. m., 936. Dipl. 25.—Id. 111.
Astorulfus, n. h., 960. L. D. Mum. Dipl. 51, n.º 81.
Astragundia, n. m., 870. L. D. Mum. Dipl. 3.
Astrario, n. h., 1075. Doc. ap. sec. xii. Dipl. 322.
Astrariz, app. h., 1085. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 384.
Astredo, n. h., 1067. Doc. most. Moreira. Dipl. 287.

- Astrigo, geogr., 1258. Inq. 323, 2.^a cl.
Astrildi, n. m., 921. Dipl. 15, n.^o 24.—Id. 15.
Astrilli, n. m., 870. Doc. most. Pendorada. Dipl. 4.—Id. 6.
Astrualdo, n. h., 929. Doc. most. S. Vicente. Dipl. 22.
Astruarius, n. h., 924. L. D. Mum. Dipl. 19.
Astruarizi, app. h., 1094. Dipl. 485, n.^o 813.
Astrueda, n. h., 991. Doc. most. Vairão. Dipl. 101.
Astrueto, n. h., 986. Doc. most. Pedroso. Dipl. 95.
Astrufaes, app. h., 1220. Inq. 83, 1.^a cl.
Astrufes, app. h., 1033. Doc. ap. sec. xviii. Dipl. 170.
Astrufiz, app. h., 1065. Doc. most. Pendorada. Dipl. 282.
Astrufizi, app. h., 1065. Doc. most. Pendorada. Dipl. 282.
Astrufu, n. h., 1091. Doc. most. da Graça. Dipl. 446.
Astrugulfa, n. h., 1021. Doc. most. Pendorada. Dipl. 155.
Astruildi, n. m., 921. Doc. most. Vairão. Dipl. 15.
Astruilli, n. h. (?), 1056. Doc. most. Moreira. Dipl. 244, n.^o 400.
Astrulfiz, app. h., 908. Doc. most. Moreira. Dipl. 11.
Astrulfizi, app. h., 991. Doc. most. Vairão. Dipl. 101.
Astrulfo, n. h., 906. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 9.
Astrurio, n. h., 919. Doc. most. Lorrão. Dipl. 14.
Astruriz, app. h., 1097. Doc. most. Moreira. Dipl. 502.
Astulfus, n. h., 1054. Doc. most. Arouca. Dipl. 239.
Asturanos (S. Thoma de), geogr., 1220. Inq. 132.
Asturaos (S. Thoma de), geogr., 1220. Inq. 132.—Id. 620.
Asturianos, villa, 952. Doc. most. Arouca. Dipl. 37.
Asualdo, n. h., sec. xi (?). L. D. Mum. Dipl. 563.
Asueiz, app. h., 1001. L. Preto. Dipl. 114, n.^o 185.
Ataes (S. Johannes de), geogr., 1258. Inq. 430, 1.^a cl.
Atahyudi, geogr., 1258. Inq. 480, 2.^a cl.
Ataide, geogr., 1220. Inq. 159, 2.^a cl.—App. h. S. 296 e 350.
Ataindi, app. h., 1258. Inq. 492, 1.^a cl.
Ataiz, app. h., 1258. Inq. 346, 1.^a cl.
Atalamondo, n. h., 998. Doc. most. Lorrão. Dipl. 110.
Atalaya, geogr., 1270. For. Villa Viçosa. Leg. 717.
Atam, n. h., 1004. L. Preto. Dipl. 118.—Id. 437.
Atamati, n. h., 1090. L. Preto. Dipl. 456.
Atan, n. h., 984. Doc. most. Moreira. Dipl. 89.—Id. 112.
Atanagildi, villa, 959. L. D. Mum. Dipl. 46, l. 23.—Id. 283.
Atanagildiz, app. h., 1053. Doc. most. Pedroso. Dipl. 234.
Atanagildizi, app. h., 965. Doc. most. Moreira. Dipl. 57, n.^o 91.
Atanagildo, n. h., 867-912. L. Preto. Dipl. 3.

- Atandi, app. h., 1258. Inq. 600, 2.^a cl.
 Atanes, geogr., 950. Doc. ap. sec. xiii. Dipl. 35. — Id. 46. — Inq. 515, 2.^a cl.
 Atanici, app. h., 1078. Doc. most. Moreira. Dipl. 337.
 Atanido, geogr., 1258. Inq. 331, 1.^a cl.
 Atanito, n. h., 1067. Doc. most. Pendorada. Dipl. 287.
 Ataniz, app. h., 1016. L. Preto. Dipl. 142. — Id. 160.
 Atanus, n. h., 1088. Doc. most. Moreira. Dipl. 429.
 Ataulfi, geogr., 1038. Doc. most. Moreira. Dipl. 184.
 Ataulfiz, app. h., 960. L. D. Mum. Dipl. 51, n.^o 81.
 Ataulfus, n. h., 926. L. D. Mum. Dipl. 20.
 Atayde, app. h., sec. xv. S. 209.
 Atayndi, app. h., 1258. Inq. 494, 2.^a cl.
 Atei, app. h., sec. xv. S. 288.
 Ateide (Ataide), geogr., 1220. Inq. 159, 1.^a cl.
 Atequi, geogr., 1100. L. B. Ferr. Dipl. 546.
 Athones, geogr., 1064. Dipl. 276, l. 2.
 Athouguia das Cabras, geogr., sec. xv. F. López, Chr. D. J. 1.^a, p. 2.^a, C. 33.
 Atia, n. h., 1043. L. Preto. Dipl. 199.
 Atila, n. h., 984. Doc. most. Lorvão. Dipl. 90.
 Atina, n. h., 883. Doc. ap. sec. xi. Dipl. 7. — Id. 15.
 Atiniz, app. h., 991. Doc. most. Moreira. Dipl. 99.
 Atiqui, geogr., 1091. L. B. Ferr. Dipl. 451, n.^o 756.
 Atirada, n. m., 1258. Inq. 397, 2.^a cl.
 Atiz, app. h., 1096. Doc. most. Lorvão. Dipl. 493.
 Atomad, app. h., 1083. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 370.
 Atomalith, app. h., 1085. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 386.
 Atomat, app. h., 1091. L. Preto. Dipl. 450.
 Aton, villa, 1258. Inq. 312, 2.^a cl.
 Atondo, geogr., 1059. L. D. Mum. Dipl. 259, l. 11.
 Atouguia, geogr., sec. xv. S. 380.
 Atouza, geogr., 1220. Inq. 57, 2.^a cl.
 Atra, n. h. (?), 1080. L. B. Ferr. Dipl. 351.
 Atrana, app. h., 1258. Inq. 369, 1.^a cl.
 Atrauarius, n. h., 924. L. D. Mum. Dipl. 19.
 Atraulfus, n. h., 959. L. D. Mum. Dipl. 48.
 Atriano, n. h., 946. Doc. most. Moreira. Dipl. 33, n.^o 56.
 Atrio, geogr., 1220. Inq. 143, 1.^a cl. — Id. 329.
 Attanagildi, villa, 1070. Doc. most. Pendorada. Dipl. 304.
 Attane, n. h., 1059. Doc. most. Pendorada. Dipl. 257.

- Atilla, bispo, 915. Doc. ap. auth. sec. XIV. Dipl. 13.
Atumad, app. h., 1093. L. Preto. Dipl. 475.
Atumati, app. h., 1083. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 373.
Atuniz, app. h., 1095. Tombo S. S. J. Dipl. 488.
Atyaes (S. Jacobo de), 1258. Inq. 297, 1.^a cl.
Auaubiz, app. h., 1097. Doc. most. Lervão. Dipl. 503.
Aualdo, n. h., 968. Doc. most. Moreira. Dipl. 62.
Auaiope, n. h., 1080. Dipl. 352.
Auanca, rio, 1097. Doc. most. Moreira. Dipl. 502.
Auari, app. m., sec. XV. S. 374.
Auayterinho, mosteiro, sec. XV. S. 227.
Auctinus, geogr., 1092. Doc. most. Vimar. Dipl. 457.
Audericus e Auderigo, n. h., 1038. L. D. Mum. Dipl. 185.
Auderigus, n. h., 1068. Doc. most. Avê-Maria. Dipl. 294.
Audiniz, app. h., 1013 (?). Doc. most. Pedroso. Dipl. 134.
Audino, n. h., 1036. L. D. Mum. Dipl. 178.
Auelanas, geogr., 961. Doc. most. Lervão. Dipl. 53.—Id. 75, l. 5.
Auelaneda, geogr., 1042. L. B. Ferr. Dipl. 196.
Auelanedo, geogr., 1042. L. B. Ferr. Dipl. 196.
Auellanas, rio. Era de 1102. L. Preto. Dipl. 277.
Auellaneda, villa, 1098. Doc. most. Avê-Maria. Dipl. 524.
Auenaleda, villa, 1021. Doc. most. Vairão. Dipl. 155.—Id. 331.
Auenoso, arroio, 1014. L. Preto. Dipl. 139.
Aucoso, crasto, sec. XV. S. 277.
Auezani, app. h., 949. Doc. most. Moreira. Dipl. 34.—Id. 138.
Auezela, rio, 1090. Doc. most. Moreira. Dipl. 438.
Auffi, villa, 1258. Inq. 588, 1.^a cl.
Aufiz, app. h., 1060. Doc. most. Pendorada. Dipl. 266.
Auo, n. h., 1074. Tombo S. S. J. Dipl. 315.
Angua do Porto, geogr., 1258. Inq. 435, 1.^a cl.
Augustinus, n. h., 1220. Inq. 11, 2.^a cl.
Auhado, geogr., 1270. For. Villa Viçosa. Leg. 717.
Auiado, geogr. (?), 1162. For. de Mós. Leg. 391.
Auicella, rio, 986. L. D. Mum. Dipl. 95.—Id. 497.
Auidizi, app. h., 1083. Doc. most. Arouca. Dipl. 368.
Auidoiro, n. h., 1220. Inq. 207, 1.^a cl.
Auienz, app. h., 1043. L. D. Mum. Dipl. 199.
Auila, villa, 1166. For. de Evora. Leg. 392.
Auilenz, app. h., 1043. L. D. Mum. Dipl. 199.
Auille, geogr., 897. Doc. most. Pedroso. Dipl. 8, l. 23.
Auincendo, n. h., 1021. Doc. most. Pendorada. Dipl. 155.

- Auionaria, geogr., 1059. Dipl. 256.
 Auis, villa, 1271. For. Seda. Leg. 720.
 Auizella, rio, 961. L. D. Mum. Dip. 25, l. 2,—Id. 41 e 56.
 Aulfu, n. h., 1071. Doc. most. Pendorada. Dipl. 307.
 Aumiro, n. h., 883. Doc. ap. most. Arouca. Dipl. 7.
 Auogada, n. h. (?), 967. L. Preto. Dipl. 58.
 Auogate, n. h., 1010. L. Preto. Dipl. 131.
 Auoitoreira, geogr., 1220. Inq. 149, 1.^a cl.
 Auola, villa, 1009. L. Preto. Dipl. 129, l. 3.
 Auoliz, app. h., 1059. L. D. Mum. Dipl. 261.
 Auolo, n. h., 1003. L. Preto. Dipl. 118.
 Auomar, n. h., 977. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 76.
 Auomari, n. h., 960. Doc. most. Moreira. Dipl. 49.
 Auomariz, app. h., 1075. Doc. most. Moreira. Dipl. 320.
 Auonazar, app. h., 1083. Doc. most. da Graça. Dipl. 373.
 Auones, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 262, l. 3.
 Auorma, n. h., 1025. Doc. most. Pedroso. Dipl. 158.
 Aural, geogr., 1220. Inq. 4, 2.^a cl.
 Auranca, villa, 1098. L. Preto. Dipl. 530.
 Aurcas, app. h., sec. xv. S. 170.
 Aureiro, geogr., 1224. For. Murça. Leg. 600.

(Continúa).

A. A. CORTESÃO.

Archeologia Bracaraugustana

Inscrições romanas.—Projecto de museu

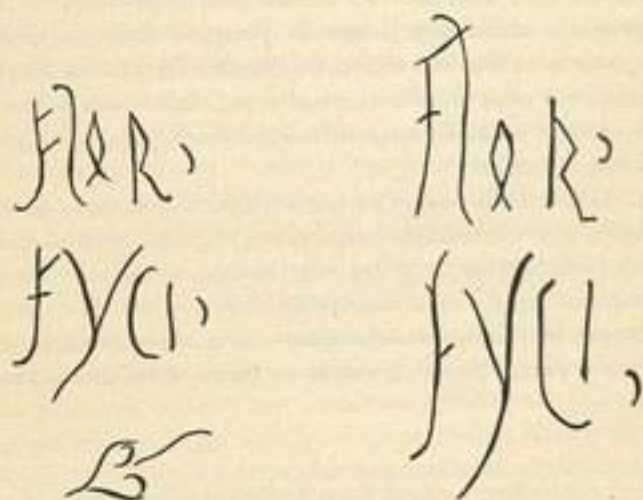
Ha em Braga uma quinta, denominada *do Axellar*, pertencente ao Sr. Vasco Jacome de Sousa Pereira e Vasconcellos, onde apparecem com frequencia antigualhas romanas, que aquelle Sr., com louvavel criterio, e verdadeira dedicação de fidalgo que ama o solar de seus maiores, vae cuidadosamente guardando.

D'estas antigualhas já o Sr. Albano Bellino, no seu livro *Inscrições romanas de Braga ineditas*, fez conhecidas algumas, taes como: a inscripção de Bloena Valabrigense, a de Salvio Athicto, a de Arquio e ainda mais tres fragmentos epigraphicos. Todos estes monumentos, bem como um trôço de estatua, duas aras e uma pequena mó, os tem o Sr. Pereira e Vasconcellos conservados na parede de um tanque do terreiro da sua casa, até que se funde o museu que o Sr. Bellino projecta fundar em Braga, para onde irão todos. Das duas referidas aras,

uma é anepigrapha e a outra é consagrada a um deus, e foi assim publicada n.º *O Arch. Port.*, VIII, 46, pelo Sr. Bellino.

AMEIPICRI
S A C R V M
A · CRASSICIVS
P A T E R N V S
V · S · L · A¹

As antigualhas referidas juntou ultimamente o Sr. Pereira e Vasconcellos tres câleiros de barro, que tem esta secção:  ². Estes câleiros tive occasião de os ver em Agosto de 1903 em casa do Sr. Pereira e Vasconcellos, na companhia do Sr. Albano Bellino. Dois d'elles estão providos de inscripções, o que os torna curiosos. As inscripções são iguaes uma á outra, só os caracteres differem levemente entre si; uma d'ellas termina em folha de hera. Ei-las (copiei os caracteres tão aproximadamente, quanto pude, da sua fôrma):



¹ Em novo exame que o Sr. Bellino e eu fizemos da lapide verificámos que a primeira linha é effectivamente AMEIPICRI; só a 5.ª letra apresenta em baixo uma curvatura que a faria tomar por B, se ella fechasse em cima (o que nos leva a crer que a letra é realmente P). A 1.ª letra da 3.ª linha, que tomámos por A, está bastante apagada.

² Chamo-lhes câleiros, por serem abertos em cima. Como estes, apparecem muitos em Braga, mas anepigraphos. O Sr. Bellino possui alguns; no Seminário

A altura das letras da 1.^a inscripção é de 0^m,07 e 0^m,15; a das da 2.^a: 0^m,18 e 0^m,75. As letras foram abertas com estilete, antes da cozedura do barro.

Como as inscripções dos cáleiros são iguaes, o Sr. Pereira e Vasconcellos levou a sua generosidade a prometter tambem um dos cáleiros ao Sr. Bellino, para o seu projectado museu, e outro a mim, para o Museu Ethnologico. O mesmo illustre Sr. já em 1902 me havia dado varias moedas romanas encontradas na quinta.

*

Visto que acima falei no museu que o meu amigo Albano Bellino está empenhado em criar em Braga, accrescentarei que julgo isso da maxima importancia, e bem faria o actual prelado bracarense se para esse estabelecimento cedesse a sala do Paço Archiepiscopal em que estão installadas as bombas dos bombeiros auxiliares, as quaes podem ser facilmente installadas noutro ponto¹. Porque é que certas pessoas, que estão collocadas em altas posições sociaes, e no caso de facilmente prestarem serviços assinalaveis, os não hão de prestar? Se os arcebispos primazes ainda hoje usam do pomposo titulo de *senhores de Braga*, podia sem duvida o Sr. D. Manoel Bâtista da Cunha, que presentemente occupa o solio archiepiscopal, fazer uma brilhante manifestação d'esse *senhorio temporal*, concedendo para o museu a sala a que acima me referi.

O Sr. Albano Bellino, que ha tanto tempo, e com tanto entusiasmo e dedicação, tem accumulado importantes objectos archeologicos (instrumentos prehistoricos de pedra e de bronze, ceramica e esculpturas protohistoricas, lapides com inscripções romanas, moedas, etc.), — objectos sempre adquiridos á sua custa —, e a quem estão promettidos muitos outros para logo que o museu se funde, é realmente merecedor

Archiepiscopal guardam-se outros. Eram destinados a transportar agua, e talvez pertençam ao genero que os Romanos chamavam *colliciae* ou *colliquiae*: vid. Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, s. v., § 2.

¹ Esta sala fica junto da camara ecclesiastica. As bombas são apenas duas, que occupam pequeno espaço e que podiam, sem difficuldade nenhuma, ser removidas para uma das muitas outras dependencias do Paço Archiepiscopal. Pelo contrario, o museu ficava ali bem, e não se encontra de pronto outra accommodação razoavel para elle. Tudo se resolveria satisfactoriamente, logo que houvesse alguma boa vontade em quem tem poder para dar ao assunto a devida solução: e porque é que a não ha-de haver?

de que os poderes publicos, — e neste caso alludo em especial ao Sr. Arcebispo de Braga —, o auxiliem nesse nobre e patriótico intuito, dando-lhe casa conveniente para a instalação de um estabelecimento scientifico que faz tão grande falta.

Braga, — a *dives Bracara* de Ausonio —, é um manancial de archeologia: alem dos marcos miliarios do Campo das Carvalheiras, que vieram do Gerês, encerra dentro dos seus muros, como pertença sua, herdada da epoca romana, muitos monumentos que convinha agrupar, para mais facil comprehensão e estudo d'elles. E triste vergonha que a antiga capital do Minho, que possui tantas igrejas, tantas irmandades, tantas instituições de caracter ecclesiastico, onde se celebram tantas festas e peregrinações religiosas, e onde, por outro lado, ha tantas pessoas illustradas, não tenha ainda nem uma sociedade archeologica, nem um museu. Isto contrasta com o que succede noutros paises civilizados, onde em quasi todas as cidades de certa importancia existem, pelo menos, collecções archeologicas, que tanto os nacionaes como os forasteiros apreciam e estudam. Em Portugal, mesmo, varias terras conheço, inferiores a Braga, que neste ponto lhe levam a palma: por exemplo, a vizinha Guimarães.

Havendo, por um lado, esta riqueza archeologica, e por outro um archeologo desinteressado e apaixonado, qual é o Sr. Bellino, que não pede subsidios pecuniarios ao Governo, nem para si, nem para o museu, e que só quer que lhe facultem casa apropriada para installar os monumentos que já tem, e muitos outros que em breve tempo conta reunir, porque é que elle não ha-de ser attendido? Tão raramente succede encontrarem-se pessoas assim apaixonadas e desinteressadas, que é, — não receio dizê-lo —, dever dos poderes publicos o aproveitá-las.

Na propria historia ecclesiastica tem o Sr. D. Manoel Bâtista da Cunha exemplo em dois dos seus antecessores, D. Diogo de Sousa e D. Rodrigo de Moura Telles, o primeiro dos quaes fez vir do Gerês as lapides miliarias, e o segundo as mandou dispor nas Carvalheiras; e tem-no tambem no Bispo de Beja e Arcebispo de Evora, D. Manoel do Cenaculo, que salvou muitas das preciosidades archeologicas que hoje se admiram nos museus d'aquellas duas cidades alemtejanas.

Um museu archeologico é tão util como uma escola, porque nelle se aprende a conhecer e a amar o passado da patria; e que serviço mais util pôde um prelado prestar do que concorrer para o progresso intellectual dos seus diocesanos e do seu pais, principalmente em Portugal, onde o geral da nação vive ainda em estado quasi semi-barbaro?

J. L. DE V.

Estatueta ithyphallica

Um dos factos mais significativos da intensidade a que chegou a civilização romana é o cunho uniforme que as suas reliquias nos apresentam em toda a superfície do vasto imperio, quer se procurem nas regiões mais proximas do foco irradiador, quer se encontrem nas mais afastadas. Era a Lusitania um dos confins do imperio; as relações com Roma, de caracter militar a principio, amplificaram-se necessariamente pelo commercio, para o qual era preferivel a via maritima mediterranea, aliás já então muito cruzada, havia longo tempo.

É d'isto prova bem frisante a importancia gradualmente decrescente da influencia civilizadora de Roma ao longo da faixa occidental da Hispania, desde Ossonoba até Bracara, para não sair agora das nossas fronteiras, pois me parece que não pôde deixar de se notar certa differença no valor das antiguidades da epoca romana, encontradas ao Sul e ao Norte do país. A architectura, o conforto e luxo das poucas habitações até hoje desaterradas e os achados avulsos attestam, creio eu, a verdade d'esta observação.

A antigualha, cuja figura acompanha este artigo, procede de uma região média; foi encontrada no campo de Bacellas, infelizmente isolada e sem mais companhia. Tão fertil região, porém, não deve ter ficado inhospita á civilização, á vida e ao conforto romano.

O objecto de que se trata nesta noticia é uma pequena estatua de bronze, mutilada, que mede de altura apenas 0^m,091, mas que deve ter tido 0^m,10. A superfície do metal foi em parte alterada pela acção de um ambiente humido, tornando-se rugosa; no resto conserva o brilho proprio da patina que a cobre e que é de côr verde-garrafa.

Representa a estatueta um preto, nu, imberbe, de cabellos calamistrados, nariz grosso e achatado, labios medianamente espessos, rosto ossudo e forte.

A mutilação privou-o dos dois braços e da perna esquerda pela coxa, mas apesar d'isso pôde bem reconhecer-se que o escultor quis representar uma figura em apostura de dança desenvolta e agil. A perna direita está erguida e dobrada em flexão violenta do joelho, unindo o calcanhar á nadeiga. O torso, de ousadas linhas, está contorcido e arqueado para deante, produzindo na região lombar profunda curvatura com desarticulada saliencia das ancas; a cabeça levantada e torcida para o lado esquerdo em lasso meneio, com esgares ebrios dos olhos e boca rasgada num *ricetus* lascivo; os braços, de que adherem ainda as inserções, deviam erguer-se em redor da cabeça, como que enmoldurando-a em correlação com o movimento geral da figura. O corpo devia

pousar na perna esquerda, apenas tocando o pé no chão, no esforço de um salto agíl e rápido. Afora isto, em que o escultor assinalou a sua pericia e educação artistica, o symbolo phallico... como a dar a suprema e decisiva nota da desenvoltura obscena com que o negro tripudia.

Para completar a descrição d'este objecto, é preciso notar ainda que, na região lombar e na linha media do tronco, existe uma pequena perfuração, afunilada, de paredes asperas, que serviu para encaixe de qualquer peça ou appendice.

De onde procede, a que epoca ou civilização pertence e o que representa, são as perguntas que occorrem em presença d'esta curiosa estatueta.

Veremos se é possível responder a todas. Á falta de um museu como o de S^t Germain ou o de Napoles, onde o exame das collecções de estatuas de bronze pudesse simplificar, por claro confronto, a classificação d'esta peça archeologica, vae servir-me de guia principalmente o *Catalogue des bronzes antiques de la bibliothèque nationale*, par E. Babelon et J. A. Blanchet. Paris, 1895.

Ean o n.º 1009 descrevem Babelon e Blanchet um escravo ethiopico de bronze, figura em todo o caso de maior encanto, mas que apresenta bastantes e decisivos pontos de analogia com a estatueta de Bucellas.

Como no exemplar do Museu de S^t Germain, o bronze de Bucellas tem os cabellos calamistrados, e a escultura do tronco é tão semelhante nos contornos e no caracter, que não se pôde duvidar que uma e outra figura, apesar da distancia que separava a Gallia da Lusitania, são obra da mesma arte, da mesma escola e da mesma procedencia. O torso arqueado, o deslocamento das ancas, as pernas estreitas e compridas revelam a extrema flexibilidade dos filhos da raça ethiopica ou nubica. Estes escravos, que Roma ia buscar á sua provincia florescente de Alexandria¹, eram tidos em muito apreço e d'ahi procede sem duvida

¹ O C^{te} Franz de Champigny, na sua bella obra *Les Césars* (3.^a edição, Paris, 1859), escreve as seguintes eloquentes palavras: «Dans Alexandrie, cité hellénique, ce sont les Grecs qui sont citoyens par la naissance; l'Égyptien n'est qu'un étranger.....»

Alexandrie est la capitale de l'Orient; la seconde ville du monde, par la richesse et la beauté la première.....

Par Alexandrie l'influence grecque triomphait en Egypte; elle faisait oublier à la fois et Rome qui se tenait à part dans sa défiance politique et l'antique esprit égyptien qui disparaissait (pag. 247 e 248).

que os artistas gregos, que trabalhavam para a riqueza patricia, consumiam o seu incomparavel cinzel em modelar o bronze conforme os appetites e fantasias dos seus Mecenas¹.

No bronze de Bacellas porém faltam uma das pernas e ambos os braços, o que difficulta, mas não impossibilita, a completa intelligencia d'esta estatua. Que nas mãos o escravo empunhava, como o da Bibliotheca de Paris, um instrumento musico, ao som do qual executava uma dança violenta e libidinosa, em que ás contorsões e meneios do corpo correspondia a desordem ebria das feições, leva-me a conjecturá-lo o exame d'esta interessante estatua. Qual fosse elle, *tympanum*, *cymbalum* ou *crotalum*, ou simples *crepitus digitorum*, é o que me parece impossivel determinar.

Mas ha na estatua um sinal inconfundivel que lhe sella, por assim dizer, a interpretação. É o monstruoso *phallus*, que a nós, filhos de civilização mais perfeita e completa, nos irrita a sensibilidade moral pela sua provocadora nudez, mas que na civilização de Roma, de Athenas, constituia o symbolo venerado da geração, um attributo inseparavel no culto de Dionysos², muitas vezes representado com o aspecto de Hermes ithyphallico.

Trata-se pois de uma dança orgiastica que o escravo executava em honra de um Deus como Baccho, cujo *thiasus* era concorrido pelos

¹ Estes gregos não trabalhavam só em Alexandria, como também nas cidades italicas.

Em Pompeios e Herculano tem-se encontrado das mãos eximias d'estes artistas verdadeiras maravilhas, que hoje enriquecem o Museu de Napoles. Eram em 1901 (*Nuova Guida Generale del Museo Nazionale di Napoli*, per Domenico Monaco, 9.^a ediz. 1901, pag. 121) 14:630 os objectos provenientes das escavações principalmente d'aquellas duas cidades, nas quaes o sentimento da forma e a concepção do bello causam hoje admiração universal. Alguns tem assinatura o que lhes realça o valor e affirma a procedencia. (Vid. *ibid.*, pag. 70, n.^o 4885). Vid. também a 4.^a edição, trad. por Ed. Montague (Napoles 1884), pag. 155. Da abundancia de esculturas de escravos dá testemunho a collecção do referido museu parisiense, onde os bronzes n.^{os} 1009 a 1025 pertenciam em 1835 a este genero.

² É bem conhecida a popularidade, se assim posso dizer, do emblema phallico na Roma do imperio sobretudo, dizem os auctores, depois que os cultos orientaes se derramaram no seio da civilização italica. Não só recebia culto proprio em torpes phallophorias celebradas no templo e nas festas de Baccho e de Ceres, mas tinha o valor de verdadeiro amuleto, e de ex-voto muitas vezes (vid. *Dictionnaire des antiquités romaines*, par Saglio et Daremberg, s. v. Bacchus; *Les Césars*, III, pag. 87 a 97; Babelon & Blanchet, *ob. cit.*, pag. 468, n.^{os} 1105 e 1106; e *Revista Archeologica* de Borges de Figueiredo I, 70).

satyros, pelos bacchantes, pelos pygmeus, pelos centauros, de roldão com as menadas, com Pan, com Sileno¹ e com Priapo.

Estas estatuetas, assim caracterizadas, appellidaram-se ithyphallicas, e, se no Museu de Napoles constituem uma collecção á parte, *oggetti oscei* (*Guide Général*, 4.^a ed., pag. 122), no de S^t Germain tambem formam um grupo digno de estudo, o que documenta a larga vulgarização dos emblemas d'esta especie.

Na referida obra de Babelon & Blanchet, encontram-se algumas figuras phallicas², e entre ellas uma figura com rosto de africano (n.^o 511); todas representam personagens mais ou menos directamente apaniguadas de Baccho.

No exemplar que estou estudando existe, a meio da região lombar da estatuetta, um pequeno orificio afunilado cujo diametro é de 0^m,005. Esta cavidade não é casual; occupa a linha media do dorso. Poderia pensar-se, attento o innegavel character bacchico da figura, que fosse o vestigio da inserção do appendice candal de um satyro; contra esta hypothese porém ha um obice. Faltam á cabeça, aliás expressiva, do *ethiope* orelhas equinas, attributo necessario de um satyro. Privilegio menos essencial d'estas mythicas personagens era serem hippopodes, mas o bacchico bronze de Bucellas ao menos possui . . . um pé de gente. Temos pois que aquelle orificio serviria para encaixe de algum perno ou parafuso, insufficiente, é certo, mas conveniente numa figura que apenas tocaria a sua base ou plintho por um ponto³.

O que é indubitavel é que o bronze de Bucellas representa uma figura bacchica que serviria de adorno, quem sabe, a um vaso artistico, a um lampadario ou a alguma alfaia do culto de Baccho, figura que por singular coincidência surge no meio do torrão que mais grato

¹ Vid. *Dictionnaire des antiquités romaines*, par Saglio et Daremberg, s. v. Bacchus. Aqui se vê que as danças orgiasticas eram acompanhadas de varios instrumentos, como flautas, syringes, timbales, tympanos e campainhas, etc. Na obra de Babelon & Blanchet, o n.^o 511 é um pygmeu ithyphallico da raça ethiopica, que ergue na destra uma vaqueta ou *plectrum* com que percutia um *tympanum*. É possível que seja o caso do bronze de Bucellas. Vid. em Cantu, *Historia Universal*, II, 83 (tradução de B. B.) a descripção de uma procissão bacchica em Alexandria.

² Ainda, segundo o catalogo d'estes AA., vêem-se em S^t Germain os seguintes bronzes ithyphallicos: n.^{os} 251, 420, 499 a 504, 511 e 512, etc.

³ Babelon & Blanchet no n.^o 1040 dizem que uma garra e orificios de encaixe indicam tratar-se de ornatos de algum muevel (carro ou throno). São copiosos tambem os exemplares para applicar a uma superficie, como ornamento oco (deuá rondebosse). Vid. n.^{os} 1981 e 1982.

devia ser ao paladar dos romanos devotos de um claro Baccho da Lusitania¹.

Quanto á proveniencia d'esta interessante estatua, parece-me que a podemos considerar, como Babelon & Blanchet consideram o n.º 1009 e 1010 do seu *Catalogue*, trabalho alexandrino. Só porém uma visita a um museu, como o de S^t Germain ou de Napoles, poderia robustecer qualquer opinião.

Reinach (*Antiquités nationales*, pag. 14) entende tambem, a proposito das numerosas figuras de pretos espalhadas pela Gallia, que a sua procedencia alexandrina está perfeitamente comprovada, pois que se descobriu na propria Alexandria uma *replica* das estatuetas de negro achadas em *Châlons-sur-Saone* e em *Reims*.

Desde o primeiro seculo da era christã que na Italia dominou a arte greco-egypciaca², mas segundo Martha teria sido no seculo II que adquiriu maior predominio a influencia oriental, quer no campo religioso, quer no artistico³. Estes productos de uma arte exotica, alimentada pelo luxo romano, entravam na Lusitania pelo commercio maritimo, e é essa certamente a procedencia da figura bacchica de Bucellas que poderá pois attribuir-se ao seculo II.

Eis o que me foi possivel averiguar acêrca dos meritos d'esta estatua, desajudado das facilidades que importaria o estudo comparativo realizado á vista de collecções de bronzes antigos, que totalmente faltam no nosso país.

N. B. Esta antigualha pertence ao Ex.^{ma} Sr. Dr. Balthasar Osorio, illustre Lente da Escola Polytechnica de Lisboa.

Novembro de 1903.

F. ALVES PEREIRA.

¹ Citei ainda de Babelon & Blanchet os n.ºs 1981 e 1982, que são figuras de bacchantes a dançarem com movimentos desordenados de pernas e braços. Numa d'estas a flexão de um dos membros inferiores é inteiramente semelhante á que apresenta a estatua de Bucellas. Apesar de não serem acompanhadas de nenhum attributo proprio, Babelon & Blanchet capitulam-nas de bacchantes, só em attenção á postura orgiastica. Com igual segurança se pode classificar o bronze de Bucellas.

² Vid. Reinach, *Antiquités nationales*, pag. 10 e 14. O caracter da arte egypciaca consiste na reprodução dos typos ethnicos, especialmente na caricatura. É o que succede com as estatuas que os artistas alexandrinos cinzelavam para Roma. A arte de Pompeios e Herodianum era tambem greco-egypciaca (vid. Boissier, *Promenades archéologiques*, pag. 318).

³ Vid. Jules Martha, *Archéologie étrusque et romaine*; C^o Franz de Champigny, *Les Cléurs*, III, pag. 59, 87 e 97 e 234. Lorsque payaient Lucullus, Cesar Agrippa, on faisait le Panthéon; lorsque paie un Pallas ou une Messaline, on fait les obscènes colifichets de Pompei (pag. 234).



ESTATUETA ITHYPHALICA



Noticias várias

I

Moedas de D. João II

Num olival proximo de Santarem appareceu uma grande quantidade de moedas de cobre, do reinado de D. João II.

(*Correio da Noite*, de 1 de Novembro de 1900).

II

«Silo» ou tulha subterranea

Santarem, 13.—Pelas 2 horas e meia da tarde pairou aqui grande trovoadra, acompanhada de violenta carga de agua e granizo, o que devia ter causado alguns estragos nos frutos e searas.

A chuva foi de tal ordem que, não sendo comportada pelas sargentas, chegou a cobrir o leito de algumas das principaes ruas.

Na Rua de Guilherme de Azevedo, com o peso da agua, abaten um bocado do pavimento que estava para ser calcetado, deixando apparecer um grande *silo* romano (?), de bastante profundidade.

Este *silo*, ou tulha subterranea, de que os Romanos (?) faziam selheiro, está no sitio onde existia uma casa que fazia esquina para a Rua Direita, e em muitas reconstrucções de predios antigos tem apparecido d'estes covões e, dentro de alguns, pequenas moedas de cobre e prata envoltas com entulhos.

(*O Seculo*, de 15 de Maio de 1903).

Nota.—O vocabulo empregado outr'ora para denominar a escavação feita no sub-soio com destino a guardar e conservar os cereaes era habitualmente o de *coca*. Um uso tão elementar como este faz suppor que não foi preciso que os Romanos o ensinassem ás gentes da Hispania, nem tão pouco os Arabes. Nestas covas era costume haver uns escritos (*alcaldas* lhes chamavam), em que estava lançada a quantidade do cereal arrecadado, como se vê de um inventario do sec. XIV publicado no *O Arch. Port.*, VII, 264.

Não é para admirar que nestas escavações se encontrem moedas, como diz o correspondente, e tambem candeias de barro, porquanto as transacções deviam ser effectuadas no seu interior á luz das luzernas, na falta da luz solar.

Na noticia acima relata-se terem apparecido em varias occasiões moedas nas covas e tambem me consta terem sido encontradas, do trás do Passo da Mouraria de Lisboa, no sitio por onde agora passa uma escadaria, algumas candeias de barro, que foram recolhidas no Museu Archeologico do Carmo. Naquelle mesmo sitio igualmente me consta haver restos de *cocas*.

A carta do cruzado inglês Osberno, que narra a conquista de Lisboa em 1147, indica bem claramente a existencia das covas em Lisboa: «*Inventum est dehinc*

in nostra parte suburbii (*arrabalde dos mouros?*) in fossis in proclivo montis ad centum fere milia summarum tritici et ordeï et milii et leguminum, subsidia scilicet maximæ partis urbis. Nam infra muros loci quantitas et rerum familiarium copia rupisque soli[dae] durities, infra vallem aquarum copia fossas fieri prohibebat[ur]¹.

Um estudioso allemão que tratou numa dissertação da conquista de Lisboa em 1147 traduz bem livremente assim: «An Lebensmitteln fehlte es zwar, wie bei so reichem Fruchtsegen der Umgegend und so bequemer Wasserverbindung zu erwarten war, nicht. Da indess in der eigentlichen Stadt theils die Härte des Gesteins, theils in den niedrigeren Parthien das übermässige Grundwasser die Anlage von Kellern erschwerte, hatte man einen grossen Theil der Vorräthe in den schlechter geschützten Vorstädten unterbringen müssen»².

III

Monumento da Columbeira

«*Sr. Redactor.*—O *Diário de Noticias* referiu-se ultimamente a um monumento ao tenente-coronel inglês Lake, do regimento «29 de linha», morto no combate da Roliça em 1808, a proposito do distincto lente da Escola do Exército o Sr. capitão do estado-maior Victoriano Cesar ter lembrado a restauração delle em commemoração da visita do rei de Inglaterra a Lisboa.

Julgo opportuno dar algumas informações sobre esse monumento, que vi, sobre o estado de conservação em que se encontrava ha quatorze annos, e a copia fiel, que possuo, da inscrição inglesa.

Achando-me nas Caldas da Rainha no mês de Agosto de 1888, tive a curiosidade de ir ver o ponto em que se deu o celebre combate da Roliça, o primeiro em Portugal entre o exercito inglês de Wellesley e as tropas francezas do mais antigo dos divisionarios de Junot, o general Delaborde.

A duas leguas das Caldas, para o sul, encontra-se a povoação da Roliça; ali deixando a estrada que segue para o Bombarral, e tomando por maus caminhos entre montanhas, chega-se a um pobre logarejo chamado Columbeira, situado na falda de uma alta montanha onde se encontra o monumento erecto a Lake.

Quando ali cheguei em 17 de Agosto de 1888 (80.º anniversario do combate) ignorava por completo a existencia daquelle monumento, mas a gente da terra informou-me de que no alto da montanha «estava

¹ Port. Man. Hist. Scriptora, 229. As letras entre colchetas são correções feitas em face de manuscrito por Stubbs nos *Chronicles and Memorials of Richard I*, vol. 1, livros que o Arquivo Nacional não possui, como desgraciadamente tantos outros, são nacionaes.

² Die Eroberung von Lissabon im Jahre 1147. Inaugural Dissertation von Ulrich Conack, Halle, 1875, pag. 34.

enterrado um «general» inglês e que havia ali uma cruz de pedra em que isso estava escrito.

É singelo o monumento, terá pouco mais de dois metros de altura.

Consta de um sócco encimado por uma cruz. Numa das faces d'este sócco está a seguinte inscripção da qual as ultimas palavras estão completamente apagadas:

SACHED

To the memory of the lieutenant colonel Lake of the 29 regiment who fell at the head of his corp in driving the enemy from the heights of Columbeira on the 17 august 1808.

This monument is erect by his brother officier[s].

Na face opposta está a traducção em portuguez de que unicamente se lê a primeira palavra «Consagrado»; o resto não é legivel.

O sócco não era fixo; estava na occasião da minha visita em um estreito carreiro, via publica, e contaram-me que, por varias vezes o tinham mudado de lugar, chegando mesmo em tempo a estar deitado por terra, tendo-se partido a cruz, que então estava concertada com uma haste de ferro.

É um monumento muito pouco conhecido devido evidentemente ao sitio isolado e de difficil acceso em que está collocado.

Lisboa, 31 de Maio de 1903.—Sou com toda a consideração—
De v. etc.—*Fernando Gonçalves Guilon*.

(*Diario de Noticias*, de 4 de Junho de 1903).

IV

Ainda o monumento da Columbeira

«Devem os nossos leitores estar lembrados da noticia que em tempos démos de terem os officiaes do actual 1.^o *Batalhão Worcestershire*, representante do antigo regimento 29 de linha inglês, que tanto se distinguio na batalha da Roliça, resolvido restaurar o monumento mandado erigir pelos officiaes d'aquelle regimento em 1808 ao seu tenente-coronel G. A. F. Lake, que morreu no ataque á forte posição da Columbeira, naquella memoravel batalha, a primeira em que as forças anglo-portuguezas derrubaram em Portugal as aguias napoleonicas.

Está concluida a restauração, da qual fôra incumbido, como dissemos, o Sr. Walter Custance, pae de um muito sympathico e distincto tenente d'aquelle regimento, que se acha actualmente na Irlanda, depois de haver feito brilhantemente a campanha contra os boers. O tenente Alfredo Custance fez-se junto dos camaradas do regimento o advo-

gado da ideia da restauração do monumento do tenente-coronel Lake, a qual foi unanimemente abraçada; seu pae, o Sr. Walter Custance, representou em Portugal dignamente seu filho e os sentimentos e desejos do regimento 29, pondo toda a sua solicitude e cuidado na obra da restauração, que ficou perfeita, como se vê da gravura que hoje publicamos, e que se pôde comparar com o desenho que representa o estado em que o monumento, deteriorado e mutilado, se encontrava.

Devem os leitores lembrar-se da origem da ideia d'essa restauração. O capitão dos serviços do estado maior, hoje major, o Sr. Victoriano Cesar, lente da Escola do Exercito, escreveu por ocasião da

visita do rei de Inglaterra a Portugal, ao seu collega Christovam Aires, uma carta, que este publicou no *Jornal do Commercio*, na qual se indicava como uma das melhores fórmulas de commemorar aquella regia visita e a maior aproximação das nações portugueza e inglesa, a reconstituição d'aquelle abandonado monumento ao tenente-coronel Lake, representante não só da bravura de um regimento britannico, mas da concorrência do esforço das tropas portuguezas e inglesas para uma victoria e o exito final de uma causa nobre.



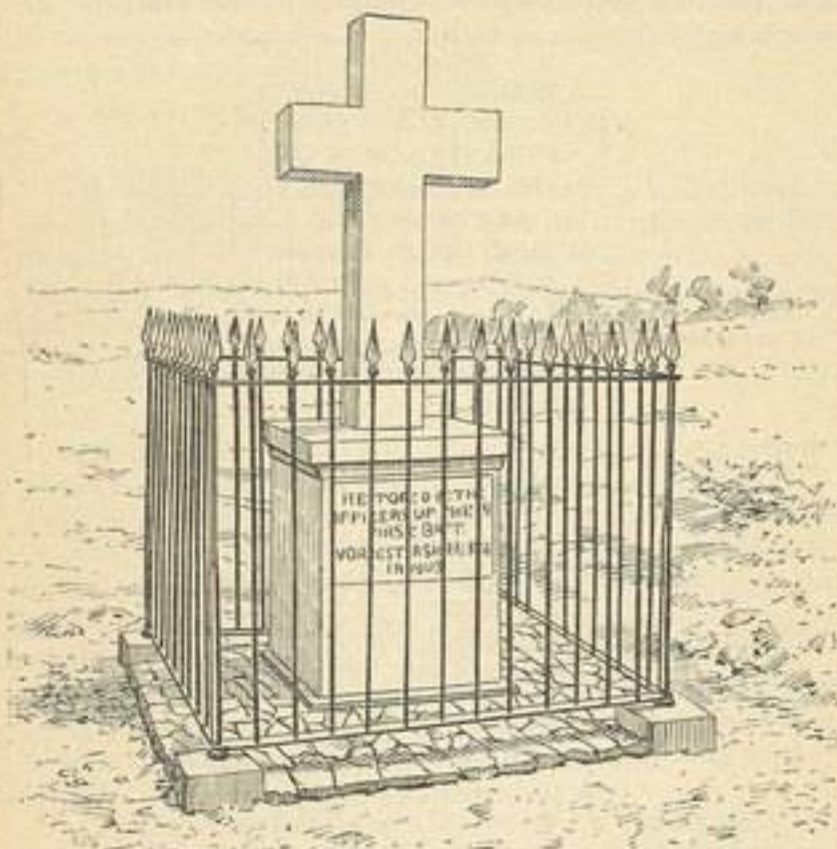
O monumento do tenente-coronel Lake
antes de restaurado

Tendo sido o monumento levantado por iniciativa dos officiaes do regimento 29, e tendo o Sr. Christovam Aires conhecido numa sua viagem a Inglaterra o Sr. Alfredo Custance, nascido em Portugal, e tenente do corpo que representa (e ainda lhe guarda o antigo numero, ao par do moderno) o regimento que tanto se distinguio na guerra da Peninsula, lembrava no seu artigo este nosso collega official tomar a nobre iniciativa, e que ninguem melhor, na ausencia d'elle, do que seu pae podia pôr depois em execução os desejos do nobre regimento.

O nosso collega procurou mesmo o Sr. Walter Custance para lhe expôr essa ideia, que acaba de ser realizada com tão feliz exito.

Encarregado pelos officiaes do regimento 29, hoje 1.^o Batalhão *Worcestershire*, de tão honrosa missão, d'ella se desempenhou o Sr. Custance cabalmente, e hoje, na encosta da Columbeira, onde se deu a brilhante

carga, ergue-se, restaurado e devidamente guardado por uma grade de ferro, o monumento do valoroso tenente-coronel Lake.



O monumento do tenente-coronel Lake depois da restauração

No socco do lado sul a nova inscrição diz:

RESTORED BY THE
OFFICERS OF THE 20
FIRST BATT.
WORCESTERSHIRE REG.
IN 1903.

Do lado leste está a mesma inscrição em português.

RESTAURADO
PELOS OFFICIAES DO
REG. 20
1.º BAT. WORCESTERSHIRE
EM 1903.

Do lado norte (virado para a ravina) está a antiga inscripção em portuguez; é esta a face esquerda que se vê na nossa gravura, e na qual, pelo effeito da luz na photographia, não se reproduziu a seguinte inscripção:

DEDICADO
 Á MEMORIA DO IL. TENEN
 TE-CORONEL G. A. F. LAKE DO
 REGIMENTO NUM. 29 QUE
 FALLECEU NA FRENTE DO
 SEU REGIMENTO
 ACCOMETTENDO O INIMIGO
 NAS ALTURAS DA COLUMBEIRA
 NO DIA 27 DE AGOSTO DE 1808.
 FOI ERIGIDO ESTE MONUMENTO PELOS
 SEUS CAMARADAS OFFICIAES EM
 LEMBRANÇA DA SUA AMIZADE.

A antiga inscripção inglesa diz assim:

SACRED
 TO THE MEMORY OF THE HON.
 LIEUT. COL. G. A. F. LAKE OF THE
 29 REG. WHO FELL AT THE HEAD
 OF HIS CORPS IN DRIVING THE
 ENEMY FROM THE HEIGHTS OF
 COLUMBEIRA ON THE 27 AUG. 1808
 THIS MONUMENT IS ERECTED BY HIS
 BROTHER OFFICERS AS A TESTIMO-
 NY OF HIGH REGARD AND ESTEEM.

É a copia fiel das duas inscripções, taes como estavam e ficaram, avivando-se apenas um pouco as letras».

(*Diário de Notícias*, de 16 de Outubro de 1903).

V

As escavações no Rocio (Lisboa) em 1901

«No lado occidental da praça do Rocio tem-se estado procedendo á abertura de uma valla, afim de serem devidamente collocados os postes destinados aos fios para a tração electrica dos americanos.

Profundando-se um pouco a escavação, encontron-se certa resistencia no solo, verificando-se em seguida a existencia de um cano ou galeria, de excellente construcção, de tijolo, e coberto por uma abobada.

Segundo ouvimos, foi ali encontrado um pequeno sino de bronze e um vaso, ou pucaro, de prata.

Não está ainda averiguado se é um cano antigo ou alguma velha comunicação subterranea, isto em vista da magnifica construcção da galeria a que nos referimos».

(*Vanguarda*, de 12 de Maio de 1901).

«Ha tempos que a Camara mandou proceder a uns trabalhos no Rocio por causa da tracção electrica, em frente da tabacaria Monaco. Pelas escavações que se fizeram, descobriu-se uma abobada, assim como varios objectos, etc., e ainda hontem foi encontrada uma chavena de loiça da India».

(*Vanguarda*, de 16 de Maio de 1901).

«Ainda hontem foi encontrado mais um objecto, quando os operarios procediam a escavações; era um bule, ao que parece, de loiça da India, o qual foi já remettido para a Camara Municipal, segundo nos informam.

Além do bule, a que acabamos de referir-nos, tivemos hontem en-sejo de ver mais alguns objectos que foram encontrados nas escavações, e são os seguintes:

Duas chavenas de loiça da India, muito bonitas e elegantes, do mesmo padrão que o bule, apresentando uma d'ellas uma fenda ou falha que se conhece ser de antiga data, e a outra algumas móssas, recentes, produzidas certamente por occasião dos trabalhos da escavação.

O bule tem o bico partido, evidentemente desde epoca remota, achando-se estes objectos mais ou menos ennegrecidos pelo fumo, o que prova terem estado em meio de algum incendio.

Tambem vimos um pedaço de metal, coberto de terra, de fôrma espalmada e do tamanho da palma da mão, parecendo ouro e provindo naturalmente de algumas moedas de ouro que se fundiram pela acção do calor.

Tambem vimos uma moeda de cinco réis, do reinado de D. João V, o que prova que aquellas construcções não são anteriores ao tempo de aquelle monarchia.

Além d'estes objectos, tem apparecido varios fragmentos de loiça, sem fôrma definida e por isso sem importancia.

A proposito acrescentaremos o seguinte:

Sabemos que sob a rua da Bitesga, em frente do predio n.º 51, ha outro subterraneo, identico ao que foi descoberto no Rocio, e que

segue em linha recta até o fim da praça da Figueira. No solo encontram-se poças de cerca de dois metros de profundidade, cheias de immundície. A cobertura é também de abobada».

(*Vanguarda*, de 18 de Maio de 1901).

«Em frente da tabacaria Monaco, no Rocio, procede-se actualmente a escavações com o fim de arrasar um antigo cano que não tinha utilidade alguma e que era um verdadeiro foco de ratazanas. Estas obras são feitas por conta da Camara Municipal e nada tem que ver com as escavações que também naquelle sitio se fizeram e estão fazendo para assentamento dos *rails* para a tracção electrica dos carros americanos.

Já ha dias constára que nos trabalhos a que acima nos referimos haviam apparecido vestigios de uma velha habitação. Hoje appareceu a descoberto uma casa, com diversos compartimentos, e ainda varios objectos de uso.

Ali se encontrou o seguinte material, cuja epoca não podemos precisar, pois é tarefa que pertence aos archeologos:

Duas chavenas da India, um bule, um ferro de engommar, uma frigideira, um machado de ferro com cabo, dois potes de barro, duas bilhas, uma chapa de metal, uma medida de barro, uma porção de pratos dos quaes só tres resistiram á lavagem, um tacho, um frasco de vidro, uma tampa de barro, um fecho de ferro, um alguidar e varios azulejos.

Estes objectos, cujo apparecimento attrahiu durante o dia inteiro grande numero de curiosos aos arredores da escavação, foram removidos para a Camara Municipal».

(*Correio da Noite*, de 18 de Maio de 1901).

«Ainda hontem, escavando-se mais terreno, foram encontrados dois potes, um alguidar, e fragmentos de uma caçarola— todos estes objectos ordinarios e em mau estado; observámos também, depois do desentulho, o pavimento de uma casa, ainda com duas grossas e altas paredes, o que deu origem a variadas opiniões das innumeradas pessoas que constantemente ali se agrupam durante o dia. E o vandalismo não tem custado menos de 605000 réis até hoje».

(*Vanguarda*, de 19 de Maio de 1901).

«Nas escavações que se estão operando no Rocio para o assentamento da nova linha americana descobriram-se restos de casas anteriores ao terremoto e diversos objectos, sobre o valor dos quaes variam as versões que correm a tal respeito. Alguns tem sido vendidos pelos

operarios aos transeuntes curiosos e outros tem sido arrecadados não sabemos por quem.

Seria conveniente tomar providencias a este respeito, aproveitando-se a occasião de se fazerem mais cautelosamente as escavações e com intuito archeologico.

Ao Sr. Presidente do Conselho Superior dos Monumentos ousamos recommendar o assunto, na certeza de que não invocaremos em vão a sua illustrada iniciativa.

Hontem encontraram-se ali os seguintes objectos, que foram removidos para a Camara Municipal:

Duas chavenas da India, um bule, um ferro de engommar, uma frigideira, um machado de ferro com cabo, dois potes de barro, duas bilhas, uma chapa de metal, uma medida de barro, uma porção de pratos dos quaes só tres resistiram á lavagem, um tacho, um frasco de vidro, uma tampa de barro, um fecho de ferro, um alguidar e varios azulejos».

(*Diário de Notícias*, de 19 de Maio de 1901).

«Leu-se um officio do Sr. Governador Civil, determinando que a Camara faculte ao Sr. Augusto Vieira da Silva, vogal do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais, o exame das ruínas que appareceram durante as escavações que se estão fazendo no Rocio e dos objectos que ali foram encontrados.

Resolveu-se dar ordem á Repartição de Obras para attender esta indicação».

(*O Seculo*, de 24 de Maio de 1901).

«Pelas duas horas e meia da tarde de hontem começou o entulho das escavações no Rocio, por haver o major Polycarpo Lima, inspector das Obras Publicas, reconhecido que as ruínas não tinham valor archeologico nem architectonico.

Os objectos que nessas ruínas foram encontrados estão no gabinete do Sr. Augusto Cesar dos Santos, Chefe da 3.^a Repartição das Obras Municipaes».

(*O Seculo*, de 26 de Maio de 1901).

Nota.—O bairro da Baixa da cidade de Lisboa nem sempre teve a apparencia plana, que nelle hoje se observa.

Anteriormente ao terremoto de 1755 as differenças de nivel entre os lados oriental e occidental eram bastante apparentes, como os antigos documentos demonstram.

Destruida e incendiada grande parte da cidade em 1755, os planos de reconstrução obrigaram a nivelar tanto quanto possível o terreno, onde depois se ergueram os quarteirões da cidade baixa.

A parte collocada inferiormente, que é a que se encosta á montanha do Carmo, foi consideravelmente aterrada, aproveitando-se para esse fim os materiaes das ruínas dos edificios que sobressaíam, não se tornando necessario demolir, portanto, os andares terrosos delles.

Os objectos mais valiosos já tinham sido retirados quer pelos proprietarios sobreviventes, quer pelos bandos de ladrões que se espalharam por Lisboa consecutivamente á catastrophe.

No lado occidental do Rocio, por vezes, e agora em 1901, foram descobertas ruínas e nellas alguns objectos, que tudo, a phantasia popular em breve fez elevar em preço e valor historico.

Só depois de largos dias de interesse popular as autoridades se levantaram do lethargo, encarregando pessoa assés competente de examinar os destroços, que se reconheceu não terem valor archeologico nem architectonico, como era de prever. Teria sido em todo o caso conveniente prolongar as investigações só de baixo do aspecto topographico e do da historia da habitação portugueza.

Alguns jornaes occuparam-se dos achados e a elles se deve em parte o terem as autoridades, a seu pesar, tomado conta do facto. Muitas inexactidões se propagaram nessa occasião, sem que de lado autorizado se tentasse esclarecer a opinião publica, de que se faz sempre pouco caso, esclarecimento que seria facil com a publicação do relatório do vogal que examinou as ruínas.

Foi certamente um consideravel allivio para o Municipio de Lisboa ganhar a convicção de que os restos encontrados não exigiam exame mais demorado.

Pelos extractos dos jornaes que compõem esta noticia, ninguém pode confirmar a autenticidade das suas descrições, em consequencia dos poucos conhecimentos scientificos dos informadores.

VI

Ossadas

«O administrador do concelho do Barreiro officiou para o Governo Civil do districto participando que nas ruínas do convento de Palhaes (Valle de Zebro), pertencente ao Ministerio da Marinha, foram encontradas varias sepulturas arrombadas e que frequentemente os cães espalham pelas proximidades os ossos que ali se conservam, o que alem de ser profanação constitue um perigo para a saude publica.

Pelo chefe do districto foi hontem mesmo pedida ao Sr. Ministro da Marinha a autorização para o administrador mandar transferir essas ossadas para o cemiterio publico».

(O Diario, de 7 de Julho de 1903).

Nota. — O convento de Nossa Senhora dos Prazeres de Palhaes, da provincia da Arrabida, foi fundado em 1601.

VII

Igreja dos Anjos

«Nas *Novidades* de ante-hontem, em noticia que relatava a inauguração da Avenida de D. Amelia, até então conhecida pelo nome de Avenida dos Anjos, dissemos que os Srs. Dr. Pereira e Cunha, governador civil, e Conde de Avila, presidente da Commissão Municipal, tinham ido visitar as obras da nova igreja dos Anjos.

Vem hoje a proposito fallarmos da nova parochia dos Anjos, e dizermos algumas palavras sobre o estado actual do edificio. É opportuno tambem descrevermos o que é a antiga igreja, que brevemente, concluida a nova, será demolida por causa das obras de arruamento da Avenida de D. Amelia.

A igreja velha, que ainda está de pé, foi estabelecida, em epoca remota, numa antiga capella situada ao fundo do valle de S. Jordão, denominação que anteriormente tinha e ainda tem o actual Regueirão dos Anjos. Era na sua fundação, e continuou sendo por muitos annos, succursal da freguesia de Santa Justa e Rufina. Foi elevada a igreja matriz em 1563 pelo cardeal D. Henrique (depois rei de Portugal). Em 1725 foi reedificada pela primeira vez, e soffrendo muito por occasião do terremoto de 1755 foi novamente, em 1758, reconstruida tal qual ainda hoje se encontra.

Perpetuando a veneração do culto e a antiga realza e fidalguia dos passados tempos, ainda naquella freguesia se encontram bellos e historicos palacios, como o paço da Bemposta, o palacio dos Condes de Pombeiro e as capellas do Espirito Santo, em Arroios, e de Nossa Senhora do Resgate, das Almas.

A população da freguesia, pelo censo de 1864, era de 8:000 almas.

Possue actualmente a velha igreja nove capellas. : S. Miguel, como príncipe dos Anjos, na capella-mor; Santissimo Sacramento, frente lado do Evangelho; Nossa Senhora da Conceição, lado da Epistola; e mais as seguintes do lado do Evangelho, contando da capella-mor para a entrada principal:

1.^a Nossa Senhora dos Anjos.

2.^a Santo André.

3.^a Santo Antonio.

Lado da Epistola, pela mesma ordem:

1.^a Senhor Jesus do Bomfim.

2.^a S. Braz.

3.^a S. Sebastião (matriz).

Todo o tecto da actual igreja é guarnecido com quadros de veneração sacra, tendo ao centro o anjo S. Miguel, emoldurados com ornatos e apainelados com obra de talha dourada.

Parece que a primitiva invocação e orago era S. Miguel, pelo que em tempos se deu um conflicto entre os corpos ecclesiasticos e as irmandades de S. Miguel da freguesia dos Anjos e a de S. Miguel de Alfama, terminando por um accordo em que se resolveu que as solemnidades a S. Miguel se celebrassem: a de S. Miguel de Alfama a 8 de Maio, e a de S. Miguel dos Anjos em 29 de Setembro.

(*Novidades*, de 22 de Julho de 1903).

VIII

Trabalhos de sílex nos tempos contemporaneos

«No lugar da Azinheira, a tres kilometros d'esta villa, ha a industria das pederneiras, hoje quasi abandonada, graças ao monopolio dos fosforos; no entretanto, ainda ha extracção para a Hespanha e ultramar.

Os povos d'este lugar foram isentos do recenseamento militar até 1834, por se dedicarem áquelle ramo de industria, que em epochas passadas constituia elemento indispensavel para as munições do exercito.

A pederneira de guerra, como é sabido, tinha importantissima applicação no armamento militar, especialmente na infantaria e na cavallaria.

As armas munidas de pederneira onde tiveram campo mais vasto de applicação foi na gloriosa guerra peninsular contra as tropas de Napoleão.

Os municiamientos de pederneira mais importantes eram feitos pelos artifices da Azinheira, e d'ahi o privilegio da isenção d'estes mancebos para o serviço militar.

A freguesia da Azinheira é dotada de diversas quintas, algumas de grande merecimento e valor, e tambem historicas, como por exemplo a do Jogadouro, cuja casa de habitação e capella se acham em ruinas, occasionadas por um pavoroso incendio havido em 18 de Janeiro de 1823.

Por alguns vestigios existentes nas ruinas da capella julga-se ser esta do tempo dos mouros.

O nome d'esta quinta provém de haver em frente da casa de habitação um jogo de bola, cujos paus eram dourados.

Mais acima, para o lado de oeste, do sitio denominado das Bocas, é a nascente do Rio Maior, cujas aguas brotam de uns orificios executados em diversos pontos da muralha que serve de suporte á estrada districtal de Santarem a Peniche.

Antes da construção d'esta estrada as aguas saíam das fendas dos rochedos».

(O Diário de 2 de Agosto de 1903).

Nota—Dos registos das chancellarias reais, archivadas na Torre do Tombo, não consta que os habitantes da Azinheira estivessem isentos de serviço militar. Talvez o respectivo diploma exista nos Livros da Secretaria da Guerra, a não ser que fosse providência geral applicada aos preparadores de pedrneiras. No *Diccionario Geographico* (ms.), xxxii, 749, na memoria relativa a Rio Maior, encontra-se: «Compõe-se esta freguesia de nove Aldeas, a de Azinheira, celebre pelas pedrneiras, que nella se fabricão e tem 32 fogos, etc.». O Sr. Vieira da Natividade (Alcoaba) publicou um folheto que se relaciona com este assunto.

IX

Monumentos militares

É do teor seguinte a portaria que reorganiza o serviço dos monumentos militares do país:

«Havendo actualmente apenas um official encarregado da conservação dos monumentos militares do Buçaco e Linhas de Torres Vedras, e sendo da maior conveniencia evitar a destruição de muitos outros que, commemorando tambem feitos notaveis do nosso exercito, valiosissimos documentos da historia militar do país: manda Sua Majestade El-Rei que sejam grupados todos os monumentos militares existentes em cada uma das circunscrições militares do reino, ficando a inspecção de cada um d'estes grupos a cargo de um official. Estes officiaes deverão com a maior brevidade proceder ao arrolamento dos monumentos existentes nas áreas das respectivas circunscrições, e poderão accumular estes serviços com quaesquer outros de que esteja incumbidos, não dando, em tal caso, direito a gratificação especial».

Na Ordem do Exército que hoje se publica devem ser nomeados inspectores das circunscrições do sul, centro e norte, respectivamente, os Srs. general de divisão de reserva, Pedro de Alcantara Gomes, tenente-coronel do estado maior de artilharia, Jaime Leitão e Castro, e capitão de estado maior de infantaria Albino dos Santos Pereira Lopo.

(Diário de Notícias de 12 de Agosto de 1903).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliographia

Antiguidades.—por F. Tavares Proença: **I) Explorações feitas nos arredores de Castello Branco**, Coimbra 1903, pag. 24.

A archeologia nacional conta agora mais um obreiro dedicado e entusiastico. Alumno de Direito da Universidade Conimbrigense, o Sr. Tavares Proença

emprega as férias escolares em uteis estudos attinentes à resolução dos difficeis problemas da nossa historia antiga; ao passo que outros, nas mesmas condições, vagabundeiam ou dormem, elle péga no alveão de archeologo, e lá vai para o campo escavar a terra e investigar, consignando logo em seguida no papel o resultado das suas observações, ao mesmo tempo que em sua casa, em Castello Branco, fôrma o nucleo de um futuro museu com as antiguidades que collige. Parabens ao joven estudante; e dou-lh'os com tanto maior prazer quanto é certo que o opusculo cujo titulo encabeça este artigo constitue propriamente, como creio, a sua estreia litteraria; antes de o publicar, o autor apenas tinha dado a lume alguns artigos em revistas.

Como o sub-titulo o indica, o opusculo é uma especie de relatorio de algumas pesquisas e escavações a que o Sr. Tavares Proença procedeu, a 3 kilometros de Castello Branco, num terreno comprehendido entre as capellas de Sant'Anna, Mercoles e S. Martinho, nas margens do ribeiro de Mercoles.

O referido terreno está juncado de antigualhas miudas, taes como: fragmentos de louça, *pisolera* de barro, mós manuais; o Sr. Tavares Proença encontrou ali tambem alicerces de edificações e restos de uma sepultura rectangular, em que existiam pedaços de vidro pertencentes a vasos. Os desenhos d'esses pedaços mostram que os vasos não eram *lacrinatorios* (aliás *unguentarios*), mas outras especies. Embora as noticias que o autor collheu dos aldeões com relação a vasos cheios de terra e ossos possam relacionar-se com ollas cinerarias, não me parece que os restos de potes de que falla a pag. 16 (e quaes as dimensões d'elles?) atestem o costume de inhumar cadaveres em vasos de barro na epoca romana; os factos que o autor transcreve de Nadaillac e das *Religiões da Lusitania* pertencem a epochas anteriores.

Um dos fragmentos de tegulas que o autor encontrou tem a marca DMO, se está bem lida¹; estas letras podem constituir por si um nome, ou um começo de nome. Temos aqui a primeira inscripção romana registada no aro de Castello Branco! pelo menos o *Corpus* não menciona ali nenhuma. No fundo de um dos citados vasos de vidro (fragmento) vê-se a marca X, que certamente é do fabricante, e não do primitivo proprietario.

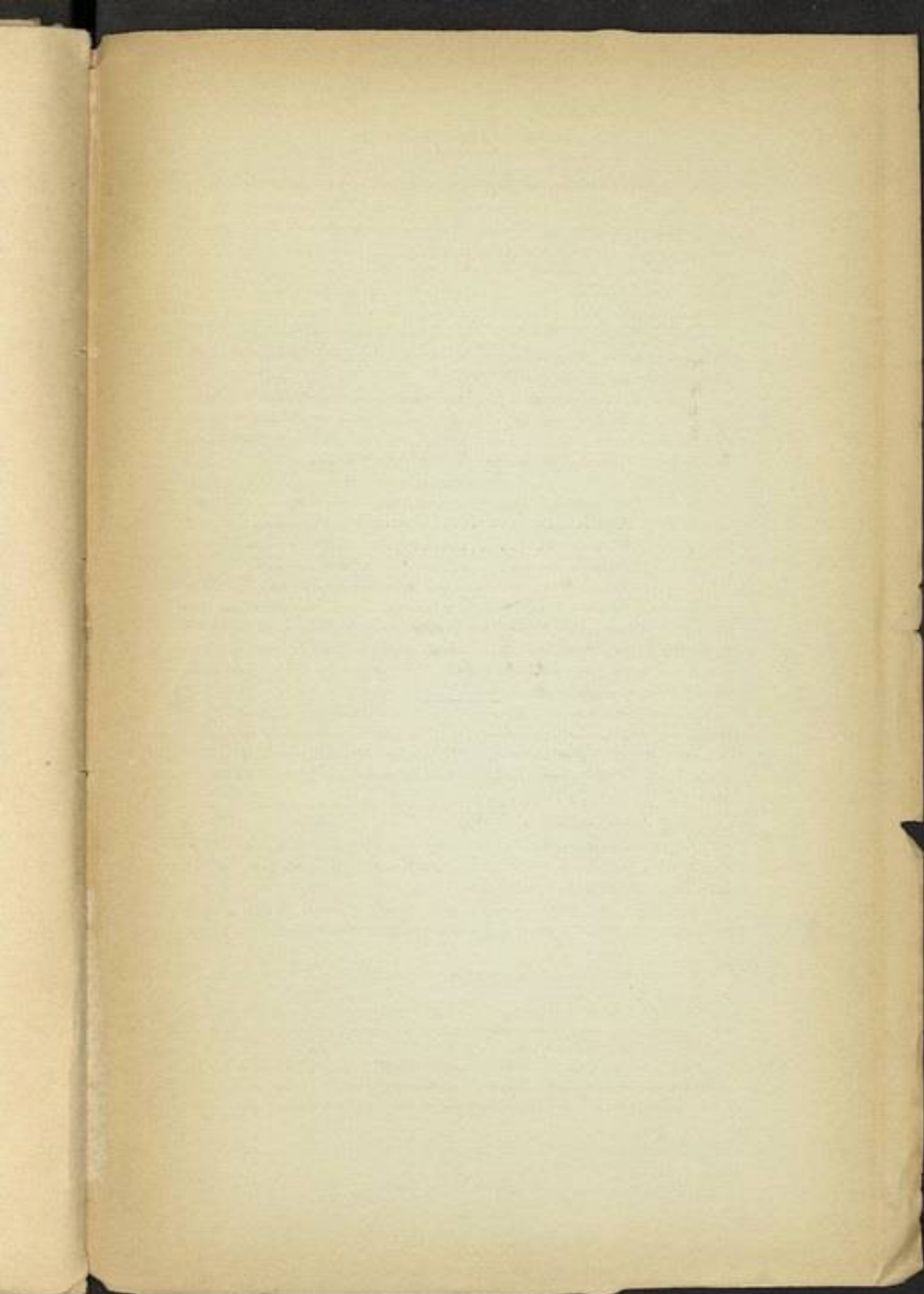
O opusculo contém estampas e um mappa topographico. A inspecção d'este pôde levar a crer que no cerro em que assenta a capella de S. Martinho haja um castro; para lá chamo a attenção do autor.

A exposição está feita com methodo e clareza²; o autor adoptou a fôrma de *diário*, pois citou os factos á maneira que nas explorações os foi achando.

J. L. DE V.

¹ A marca foi feita depois ou antes da cozedura? E sendo antes, foi feita com o dedo, com estylete ou com carimbo? As letras, segundo diz o autor a pag. 13, estão já quasi apagadas.

² Podia citar-se um ou outro desenho: assim, a pag. 11, diz o autor que os Romanos abandonaram a Peninsula no começo do seculo V; ora os Romanos estabeleceram-se na Peninsula, e fundiram-se com os habitantes d'ella.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	16500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cerca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a BIBLIOTHECA NACIONAL de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **Manoel Joaquim de Campos**, MUSEU ETHNOLOGICO, Belem (Lisboa).

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.